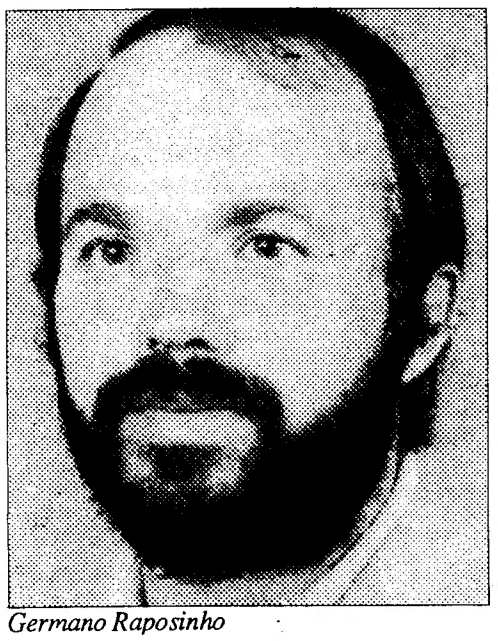
Diário de Lisboa

ANO 66 N.º 22 134 Segunda-feira, 11 de Agosto de 1986 Preço 40$00

Morreram seis portugueses em Salamanca
Pág. 24

Raposinho e 'Carlos da Malveira'

DOIS CADASTRADOS PRESOS NA AMADORA


Germano Raposinho

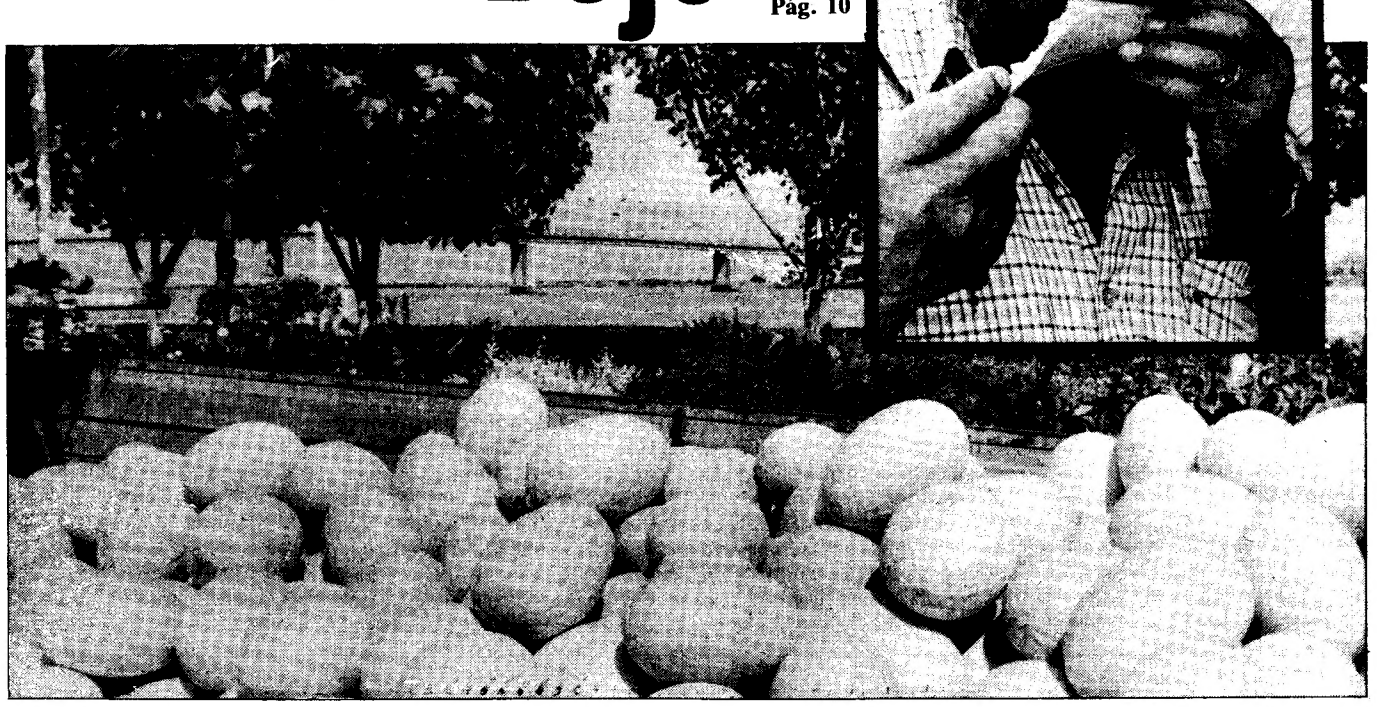
Germano Raposinho e Carlos Alberto Ferreira Pereira, conhecido por «Carlos da Malveira», dois dos evadidos da cadeia de Pinheiro da Cruz, há exactamente duas semanas, foram esta madrugada capturados, na Reboleira (Amadora), num prédio onde tinham encontrado refúgio. A operação foi concretizada pela Polícia Judiciária, que deteve Raposinho, quando ele procurava abandonar o edifício. O outro evadido, ter-se-á apercebido da situação e procurou escapar. Mas foi cercado num baldio e a GNR interveio então, colaborando no cerco que levou à sua prisão, sem resistência.

Pág. 5

Carlos Ferreira Pereira

Melão: a crise à beira Tejo

Pág. 10



MARCO CHAGAS GANHOU A VOLTA

Quatro triunfos batem recorde de Agostinho

Págs. 11, 12, 13 e 14

Benfica: teste positivo derruba "leões" no solar

Pág. 15

Estivemos na Volta a Portugal

com

TINTAS DYRUP

O Governo de Cavaco Silva não quer resolver a chaga dos salários em atraso

Rui Encarnação
Dep. Política Salarial da CGTP

O Governo de Cavaco Silva não quer resolver a chuva dos salários em atraso.

Os trabalhadores que ouviram o actual Primeiro-Ministro em plena campanha eleitoral, lembram-se certamente das promessas feitas relativamente aos salários em atraso. Para Cavaco Silva bastaria ser governo para imediatamente pôr termo a este flagelo.

Entretanto, foi nomeado Primeiro-Ministro, constituiu governo e pouco tempo após, na sua viagem a Londres já afirmava que o problema dos salários em atraso só em 1988 estaria resolvido.

O contraste das afirmações é notório, mas mais notório ainda é o comportamento que o Governo, a CGT e os Centros de Emprego tem vindo a assumir relativamente à aplicação da Lei 17/86 sobre os salários em atraso aprovada pela Assembleia da República.

Este comportamento não sendo ao longo do tempo uniforme, tem-se orientado sempre pelo mesmo fio condutor, não resolver o problema dos salários em atraso, nem que para isso se caia no absurdo como é por exemplo a existência de duas leis sobre a mesma matéria.

Já em sede de comissão, o Governo, através do grupo parlamentar do PSD tudo procurou fazer para impossibilitar e depois retardar a elaboração da lei.

Esgrimindo pseudo-argumentos de carácter formal o Governo conseguiu que o processo de elaboração da lei fosse bastante demorado, mas não conseguiu que ela acabasse por ser aprovada na A.R. apenas com o voto contra do grupo parlamentar do PSD.

Já consciente e rendido, que se tornava inevitável a aprovação da lei, o Governo dias antes, decide prorrogar a vigência do D.L 7-A/86 por mais 6 meses.

Decreto-lei este que incide sobre a mesma matéria mas contém medidas que de modo algum procuram resolver o problema dos salários em atraso.

Nos momentos prévios da publicação da lei, diversas notícias vieram a público, traduzindo as intenções de o Governo, suscitar a declaração da inconstitucionalidade da referida lei.

Simultaneamente, e em desrespeito dos mais elementares princípios éticos bem como em clara e frontal violação de princípios jurídicos fundamentais, o Governo apressa-se a «regulamentar», «interpretar» o D.L. 7-A/86 assumindo uma posição de nítido desafio à AR.

Como se todos estes expedientes e estratagemas não bastassem, o Governo dá instruções precisas à IGT e aos Centros de Emprego para não darem seguimento às solicitações dos trabalhadores chegadas àqueles serviços.

No que se refere à IGT, pela primeira vez começou a exigir que os pedidos de intervenção fossem feitos em papel selado e acompanhados de um selo fiscal de 100$00.

Esta exigência contrasta, inequivocamente, com a falta de operacionalidade mínima destes serviçosque em alguns casos, os pedidos de intervenção formulados pelos sindicatos chegam (quando chegam) a obter resposta um ano depois, ou a não intervenção das empresas por falta de dinheiro para a gasolina, ou por motivo de férias dos agentes não há ninguém que resolva os casos, etc...

Relativamente aos Centros de Emprego, hoje todos eles se recusam a aplicar a Lei 17/86 sob o pretexto de que não se encontra regulamentada e cumprindo «instruções superiores» ao mesmo tempo que aconselham os trabalhadores a recorrerem ao D.L. do Governo.

Tal comportamento tem lesado alguns trabalhadores em dezenas e centenas de contos. Note-se que a Lei 17/86 garante o pagamento rectroactivo dos salários vencidos e não pagos e o D.L. do Governo não o garante.

Se algumas dúvidas restassem no que se refere ao pretenso empenhamento do Governo em solucionar o problema dos trabalhadores que não recebem salários, os comportamentos que descrevemos são elucidativos de uma manifesta intenção em perpetuar esta imoral e inumana situação.

Por outro lado, o atraso no pagamento das restribuições não param de alastrar e mantém-se o seu número a um nível assustador. É inegável que o governo não vai resolver este problema.

Passem bem, meus senhores

Rui Cacho

1.º Andamento

Se aprofundarmos alguns pormenores que originam desentendimentos entre as pessoas, não direi que vamos descrer do «género humano» (de maneira nenhuma, ele espanta-nos todos os dias com a sua inteligência e combatividade), mas desapontamo-nos um pouco mais por continuarmos a utilizar truques impróprios da nossa condição. Truques que conservamos como Velhos do Restelo e que se assemelham àquelas anedotas que já ouvimos vezes sem conto e que pretendem divertir explorando a apregoada superioridade masculina e outras «teses» do estilo «como aquela história do gago» ou «a do tipo que coxeava». Deixemos que os desentendimentos aconteçam por razões inevitáveis e sem recorrermos à estalada real ou mental. E deixemos de ouvir aqueles que nos pretendem embalar com narrativas que tresandam a mexerico e que são exemplo do modo como certos homens e mulheres cumprem o seu turno terreno, pontapeando-se, ofendendo-se, e pretendendo contagiar os demais.

E estes espectáculos diários passam-se quando já muitos de nós dão mostras de entendimento e aceitam naturalmente contrariedades e satisfações.

O egoísmo está ainda demasiado instalado nas pessoas, faz-se um consumo de mentiras que excede todos os outros consumos, espalha-se dramatismo escusado, coloca-se muita gente de cangalhas.

Criticamos ou murmuramos acerca de muitas situações e desfiguramos a chamada normalidade.

Continuamos com enormes aptidões para espiar o próximo. Dizemos não simpatizar com Polícias — que se não saírem das suas linhas têm ainda um papel indispensável — mas persistimos em policiar-nos. Olhamos criticamente o que cada um veste; cumprimentamos conforme a importância atribuída ao cumprimento' etecetra.

Certo que muita gente vive já noutra vaga — sem ser a terceira — e muitas barreiras foram arredadas da convivência. Mas não desapareceram os murmuradores, os da intriga. Usamos champô, mas as teias de aranha subsistem. Vivemos de «pé-atrás» e transportamos sempre connosco pitadas de desmoralização para distribuir ao nosso semelhante.

É verdade que o Económico e o Cultural determinam muitos comportamentos. Praticamos actos e dizemos coisas resultantes do possuir ou não, do saber ou não. Isto simplificando. Seguramente que resolvidos alguns problemas fundamentais, esbate-se muita encrenca e os criadores de nevoeiros acabam a falar sozinhos.

Acredito que todos os dias há mais gente libertando-se de enxaquecas desnecessárias.

2.º Andamento

Em pequeno disseram-me muitas vezes: «Cada um no seu lugar». E ainda hoje oiço amiudadamente o preceito. Com diversos sentidos já se vê.

Há milhares de anos que «o cada um no seu lugar» preocupa o Homem. E que observo eu? Cada um no seu lugar? Quase somente o contrário. Poucos estão no lugar próprio. Isto usando um esquema classificativo simplório, mas que me permite vincar a enorme confusão instalada. Também há quem defenda o correcto e encaixado num lugar esquece princípios e utiliza a estratégia dos aproveitadores.

Há inúmeros cargos na Terra: uns carregados de apoteose outros de humildade. E muitos mais numa escala hierárquica que chega a S. Pedro.

Muitos habitantes só correm para o que consideram os melhores lugares e com o frenesim dos que outrora pesquisavam ouro. (Outrora? E agora?) E para os alcançarem atropelam quem for preciso, utilizam técnicas de espantar o Diabo.

Muitos outros incorporam-se serenamente na «bicha», esperam a sua vez, alguns até sacrificam o seu posicionamento. Mas esse bom comportamento de alguns facilita a entrega das responsabilidades aos irresponsáveis.

Quando assim é, pagamos todos as custas do Processo.

A imagem do nosso colectivo tem sofrido tratos de polé. Formamos uma comunidade caracterizada pelo oportunismo, o vale tudo. Atingimos «tops» de aldrabice «nunca dantes» imaginados.

A pátria foi libertada. Mas a Liberdade alcançada foi entendida muito diversamente. Tão diversamente que bastantes daqueles que dela dispõem (como entendem) são precisàmente os que sempre a contrariaram.

Andamento final ou PS

Como sou um sujeito de «fraquezas» (e da província) comunico que já me encontro de férias. Daí que não fale dos futebolistas: aplaudidos à partida, esquecidos à chegada, e agora mal-lembrados. Também não falo da «Moção de Confiança» — que se fosse votadapelo povo seria aclamada. Isto, segundo sondagens do Governo... Estranho a sua necessidade, uma vez que me parece que os «ataques» são mais internos do que externos. Pelo menos, li que uns sujeitos de um banco emprestavam milhares a Firmas Imaginadas e outros sujeitos de uma Companhia de Seguros «criavam» acidentes e reparações. (Espero que estes «desastres» não sejam considerados nas Estatísticas, pois já chocamos suficientemente).Estas as notícias mais recentes queme chegaram da enorme bagunça que campeia na Lusitânia. Também se fala muito do Acordo Ortográfico, com o qual em princípio estou de acordo. Mas não aprofundei. Se houver referendo, aprofundo. O que me confunde é tanta dedicação pelo idioma. Há já quem afirme que a Pátria corre perigo se o Acordo for Acordado. Somos uns sujeitos inesperados...

E pronto. Férias são férias. Para onde vou? Ainda não sei... Heisto, hesito... Sítios não faltam, não é? O meu maior receio é passar todo o tempo hesitando. Mas optar foi sempre um dilema do Homem...

Problemas e estratégias económicas de dois países (2)

Em Portugal, tanto a população total como a população activa variaram com o movimento migratório. Desde 1982, os trabalhadores emigrados regressam ao país.

PORTUGAL

A situação económica de Portugal melhorou sensivelmente desde 1983, ano do começo de uma política de austeridade. Pressionado por um défice do comércio externo que atingia 13 por cento do PIB em fins de 1982, este programa de estabilização apoiado pelo FMI tinha por objectivo diminuir as importações, pesando no poder de compra (-3 por cento e -4, respectivamente, em 1983 e 84) e limitando o crédito, e a aumentar as exportações aumentando a competitividade das desvalorizações (12 por cento em Junho de 1983, seguidos de uma desvalorização deslizante de 1 por cento ao mês). Política eficaz: as contas exteriores recuperaram rapidamente até atingirem um excedente de 300 milhões de dólares em 1985.

Restam outros domínios nos quais a economia portuguesa está sempre confrontada com importantes problemas. A taxa de inflação, a despeito de uma nítida redução a partir do segundo semestre de 1984, ainda se situava em 17 por cento, nos fins de 1985. O investimento afundou-se durante este período de austeridade. O desemprego parece ter-se estabilizado ao nível dos 8,5 por cento. Enfim, as finanças públicas acumulam défices crónicos desde há uma dúzia de anos.

Enfim, desde 1975 com a passagem de uma visão ortodoxa (orçamento equilibrado) para uma utilização activa e expansionista da política orçamental, Portugal confrontou-se com importantes défices públicos, de 5 a 13 por cento do PIB, segundo os anos. Na realidade, os défices podem mesmo ter sido superiores dado que até ao presente as contas públicas não reflectem o conjunto das operações das administrações.

A dívida pública, inferior a 20 por cent do PIB em 1974, representa, em 1985, cerca de 65 por cento. As despesas das administrações consagradas ao serviço da dívida pública são, nestes últimos anos, de um montante aproximado ao próprio défice público. Assim, apesar da correcção introduzida pelos efeitos da inflação sobre a dívida, esta trouxe pesados estrangulamentos e limita as possibilidades da política actual. Além disso, os défices exercem uma pressão sobre a criação monetária.

Para além do esboço retrospectivo, constata-se que as causas dos défices persistem. Com efeito, como todos os países industrializados, Portugal vê as suas despesas aumentarem no domínio social. Acrescentem-se-lhes novas medidas — ajudas à criação de emprego, isenção temporária das quotizações sociais para os empregadores de jovens. As subvenções económicas acordadas para diversos sectores de actividade, em particular nas empresas públicas, são importantes. A estabilização da balança exterior exige ainda apoios estruturais.

No que respeita às receitas públicas, as antecipações obrigatórias, que representam cerca de 30 por cento, tornam aparente o fraco rendimento da fiscalidade em consequência da estreiteza das bases. A introdução do IVA deveria dar a oportunidade de uma taxa de grande incidência e pouco elevada, em melhor proporção do que o imposto ubstituído. por outro lado, a tónica foi posta na luta contra a fraude e a evasão fiscais.

A redução do défice das finanças públicas inscreve-se no orçamento para 1986 e mesmo para além dele. O Governo português vincula-se a dar às contas do Estado uma maior transparência, incluindo nas despesas e receitas dos fundos autónomos. O recurso ao mercado, por emissões de obrigações e bónus do Tesouro, para financiar o défice público, corresponde ao mesmo desejo de transparência. Estes meios de financiamento deveriam cobrir mais de metade do défice. Para além do vencimento anual, o orçamento de 1986 inscreve-se num esquema director das finanças públicas que fixa limites à acumulação dos défices. O objectivo é particularmente atingir-se o equilíbrio das contas, juros à parte. As empresas públicas, pelo seu lado, deverão procurar uma maior eficácia. Uma reforma da sua gestão está em curso. Ela institui contratos de programa entre o Estado e as empresas — fixação de objectivos — e contratos de gestão entre o Estado e os responsáveis — interesse e estabilidade dos postos de direcção.

Assim, a política orçamental orienta-se para um controlo das finanças públicas a meio termo. As restrições respeitam ao consumo público com o objectivo de estabilizar os efectivos e o valor nominal das despesas correntes. As outras medidas assinalam a saída da política de austeridade: redução das antecipações obrigatórias, nova subida das prestações sociais, retomada dos investimentos públicos no quadro dos projectos co-financiados pela CEE.

Outra grande preocupação é o desemprego. Fraco até 1973, aumentou em Portugal muito mais depressa do que nos outros países membros da OCDE, entre 1974 e 1979, para se estabilizar em cerca de 8 a 9 por cento. A taxa de desemprego oficial situa-se actualmente um pouco acima da taxa média da OCDE e abaixo da taxa média europeia. A análise das componentes do mercado de trabalho torna aparentes desajustamentos que são fontes de desemprego. A oferta de trabalho é determinada pela evolução da população e da sua taxa de actividade. No que respeita ao primeiro factor, a população portuguesa sofreu flutuações nos últimos anos, pelo facto, por um lado, do crescimento natural ainda elevado, por outro lado, dos fenómenos migratórios importantes. País de emigração até 1973, e entre 1976 e 1981, Portugal viu a sua população crescer subitamente em 1974/75 sob o efeito do retorno dos colonos, depois de novo a partir de 1982, mas em menor medida, em consequência da recessão dos países de acolhimento. Estas migrações aumentaram sensivelmente a população potencialmente trabalhadora.

A falta de estatísticas coerentes torna difícil a análise precisa dos outros elementos da oferta de trabalho. É o resultado de dois movimentos opostos: uma baixa tendencial da taxa de actividade masculina e uma alta tendencial da taxa de actividade feminina. As flutuações à volta da tendência seriam devidas menos à evolução negativa do salário real recebido pelos trabalhadores do que a uma influência do desemprego segundo a teoria do trabalhador desencorajado (as dificuldades do mercado de trabalho reduzem a oferta do trabalho). Além disso, é crível que a população agrícola variou segundo uma tendência de decréscimo, como resposta às dificuldes de emprego. Resultante destes movimentos, a oferta de trabalho estagnou de 1965 a 1973, cresceu de 1973 a 1981 e decresceu, de novo, de maneira provavelmente conjuntural.

A procura de trabalho depende essencialmente do custo do factor do nível de produção. Este último elemento parece primordial no caso de Portugal. A fraca procura de trabalho parece consecutiva à recessão da produção e à subida de produtividade. A partir de 1975, o ritmo de crescimento da produtividade excede ligeiramente 3 por cento ao ano, ritmo elevado entre os países membros da OCDE. Assim, com uma diferença média de três anos, o emprego segue o abatimento da actividade económica e adapta-se à diminuição das necessidades.

A influência do custo do trabalho sobre a procura de mão-de-obra é difícil de verificar. Parece fraca em consequência das possibilidades de substituição do capital serem limitadasa curto prazo, também porque os elementos não salariais do custo do trabalho resultante da rigidez institucional, desempenham um papel importante em Portugal, susceptíveis de mascarar uma parte dos efeitos dos custos monetários sobre o mercado do trabalho. O emprego público, com forte aumento depois de 1974, arrisca-se agora a sofrer o contragolpe do rigor orçamental. Consequência da divergência entre a evolução da população activa e a da procura do trabalho: o aumento do desemprego a partir de 1973 e a estabilização em cerca de 8,5 por cento a partir de 1978. Face à taxa de desemprego elevada, a redução dos défices públicos aparece, não obstante, como indispensável para assentar a médio prazo em bases sãs um crescimento durável da actividade geradora dos empregos desejados.

A entrada na CEE abre, progressivamente, mercados a Portugal, outorga-lhe o benefício dos financiamentos comunitários e pode facilitar a vinda de capitais estrangeiros; mas também coloca Portugal numa competição com os parceiros cujas economias estão em média bastante desenvolvidas. Para que as vantagens compensem os riscos, as autoridades portuguesas, tendo o cuidado de estabelecer a curto prazo equilíbrios macroeconómicos, deverão atacar os profundos problemas que afectam a economia. A política actual mostra o cuidado de se inscrever nesta perspectiva.

(traduzido do «Observador da OCDE»)

Durante cinco dias na "Sagres"

Soares na rota dos velhos marinheiros

O navio-escola «Sagres» iniciou ontem, pela primeira vez na sua história, uma viagem entre S. Miguel, nos Açores, e Lisboa com o Presidente da República como passageiro de honra a bordo do veleiro-emblema da Armada portuguesa.

A «Sagres» cuja chegada ao Tejo está prevista para sábado de manhã, seguirá uma rota semelhante à dos marinheiros que há cerca de 560 anos descobriram os Açores, a mesma rota, afinal, que foi seguida durante dezenas de anos por milhares de açorianos para quem os navios da «Insulana» eram a única forma de sair das ilhas. Mais tarde, com o aparecimento da aviação comercial a viagem de ligação do continente aos Açores foi reduzida de cinco dias para duas horas.

Mário Soares que embarcou ontem, às 12 e 20 (13 e 20 de Lisboa) no Cais da NATO, em Ponta Delgada, permaneceu cerca de 14 horas em S. Miguel tendo ficado hospedado no Paço de Nossa Senhora da Vida, em Vila Franca do Campo, propriedade do conde de Botelho, por se encontrar em obras o Palácio da Conceição, pertencente ao Governo Regional.

Antes de seguir para Vila Franca, o Presidente Soares foi obsequiado com um jantar pelo ministro da República, brigadeiro Rocha Vieira, para o qual foram convidadas cerca de 120 individualiddes açorianas.

Soares, que se confessa um apaixonado pelas coisas do mar, interrompeu as suas férias para desta vez não perder a oportunidade de viajar no navio-escola «Sagres», conhecido em todo o Mundo como um dos mais representativos embaixadores de Portugal.

Recorde-se que o Presidente da República afirmara recentemente no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, que «a especialização de Portugal no mar, seguindo a velha vocação histórica, deve ser um dos vectores das preocupações portuguesas».

A guarnição da «Sagres» ao tomar conhecimento da presença do Presidente da República a bordo considerou-a como honrosa e de alto significado para a Marinha.

Decorridos oito anos, Mário Soares viaja pela segunda vez numa unidade da Marinha de Guerra Portuguesa.

A primeira foi quando Soares, então Primeiro-Ministro, em 1978, embarcou no submarino «Delfim», na Base Naval do Alfeite numa viagem de oito horas e tendo atingido uma profundidade de 300 metros.

A guarnição do «Delfim» não perdeu a oportunidde da presença do então Primeiro-Ministro para fazer a tradicional cerimónia de recitação da frase: «Sua majestade Neptuno, rei dos mares e da navegação, filho de Saturno e irmão de Júpiter e de Plutão por terem andado mergulhados no seio das suas águas reais do submarino 'Delfim'».

«A vida a bordo é difícil, diferente e dura» — disse Mário Soares louvando o trabalho da guarnição do «Delfim».

O navio-escola «Sagres», que está de regresso a Lisboa depois de ter navegado 7722 milhas aos Estados Unidos em viagem de instrução de cadetes vai agora para grandes reparações de beneficiação, trabalhos que demorarão mais de um ano nos estaleiros da Marinha de Guerra, no arsenal do Alfeite.

Comentários da Imprensa açoriana

Entretanto a Imprensa açoriana não perdeu oportunidade de, a par com elogios á presença do Presidente da República no arquipélago, tecer alguns comentários às «guerras» que têm oposto o governo regional a órgãos de soberania.

Assim, o «Açoriano Oirental» sublinha que a viagem de Soares «é excelente oportunidade para sublinhar a atlanticidade portuguesa e destacar, uma vez mais o carácter arquipelágico de Portugal».

O jornal, que se pública em Ponta Delgada, refere que a atlanticidade portuguesa e o carácter arquipelágico de Portugal são factores «que não podem subalternizar a autonomia, muito pelo contrário, servem para destacar a sua dimensão nacional, porque derivando de anseios seculares dos povos insulares são, na medida em que forem respeitados, garantes da unidade nacional».

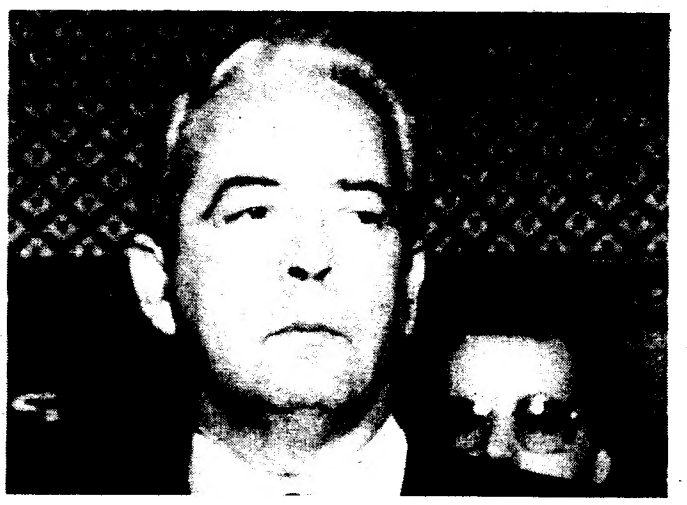
O «Açoriano Oriental» salienta que a viagem de Soares a bordo da «Sagres» constitui «uma oportunidade para realçar o valor das regiões autónomas no quadro português».

Mais mordaz o «Correio dos Açores», outro matutino que se publica em Ponta Delgada, opina, por sua vez, que á viagem de Mário Soares «não se lhe deve atribuir mais qualquer significado do que o desejo de um passeio náutico do Presidente».

«Não fica mal este gosto marinheiro do Presidente da República, que não tardará decerto a inaugurar mais algumas fragatas para a nossa Marinha» refere o jornal, «Correio dos Açores»

O jornal, propriedade de um grupo de militantes do PSD-Açores, diz numa nota de redacção que os Açores «não são ancoradouro nem estação fluvial ou marítima» e acrescenta: «Temos bem fresco ainda o espinho, ou vingançazinha, de se ter procurado a derrota dos órgãos regionais no caso do ministro da República.»

«Que o azul do nosso céu em simbiose de luz com o branco das ondas do mar dos Açores se conjuguem para um regresso feliz a Belém das caravelas e à capital do antigo império e dos velhos do Restelo», conclui o matutino micaelense.



Eurico de Melo à conversa

Governo promete melhorar a vida dos portugueses se o deixarem

O ministro de Estado e da Administração Interna, Eurico de Melo, disse ontem que se forem dadas ao Governo possibilidades para executar o seu programa, existem condições para o progresso e melhoria do nivel de vida de todos os portugueses. Eurico de Melo falava no final da visita que efectuou ao distrito de Vila Real, acompanhada pela ministra da Saúde, onde inaugurou os novos postos da GNR de Sabrosa e Murça, assim como o edifício com Centro Médico e instalações da Junta de Freguesia de Santa Valha, Valpaços.

«Faltam ainda mais de três anos de governação e se o Primeiro-Ministro for ajudado, o Executivo vai dar resposta aos grandes anseios da população portuguesa», disse.

Durante a inauguração dos postos da GNR em Sabrosa e Murça, Eurico de Melo prometeu igualmente a construção de novos edifícios destinados à GNR de Chaves, Vila Pouca de Aguiar e Carrazeda de Montenegro assim como a reabertura do posto da PSP em Valpaços. Eurico de Melo salientou ainda o trabalho desenvolvido pelas autarquias em favor das populações.

«Sentimos grande satisfação ao vermos as autarquias tomarem boas iniciativas, prova de que há dinamismo suficiente para concretizarem obras de grande alcance social», acrescentou. O ministro da Administração Interna acentuou ainda que o Governo está «a fazer tudo o que está ao seu alcance para minorar as carências com que se debatem tantas localidades portuguesas.

«Existem 305 concelhos e mais de mil freguesias em Portugal e não é possível fazer tudo ao mesmo tempo», afirmou. Por sua vez, a ministra da Saúde, em declarações à NP, disse que a abertura de concursos para médicos de clínica geral em 1987 vai decorrer a nivel regional e não nacional.

«A abertura de concursos a nível regional — acrescentou — visa acabar com as situações anómalas que se têm verificado no panorama da Saúde em Portugal», salientou também que ao ministério «só interessa que os médicos assumam plenamente a sua escolha ao concorrerem para os locais onde serão abertos os concursos».

Leonor Beleza sublinhou que o seu ministério e as autarquias locais estão já «a trabalhar com uma nova filosofia, com o objectivo de melhor resolver muitos dos problemas que têm surgido na área da Saúde».

GANHE TAMBÉM AUTOMÓVEIS • COMPRE JÁ O SEU PHILIPS

SORTEIO MENSAL DE 3 AUTOMÓVEIS

Os senhores, Júlio Dias Sérvulo, de Miranda do Corvo, Jorge Manuel Braga e Gomes, morador da Rua Martins Moniz, 158 — Porto, e Henrique Freire Cardoso, morador na Av. Fabril do Norte, 75 — 780 — Senhora da Hora, compraram televisores e videogravadores Philips e foram premiados com 3 sensacionais automóveis.

Compre já o seu TV Cores ou Videogravador Philips.
Habilite-se também ao sorteio mensal de 3 automóveis.
GANHE COM EMOÇÃO. GANHE COM PHILIPS.

PHILIPS

Só restam em liberdade os dois Cavacos

Presos Raposinho e "Carlos da Malveira"

A Policia Judiciária recapturou às primeiras horas de hoje dois dos evadidos da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz, Germano Ramos Raposinho e Carlos Alberto Ferereira Pereira, estando agora em liberdade Vitor Clemente e Faustino Cavaco.

Numa acção desencadeada na Reboleira, nos arredores de Lisboa, junto ao bingo do Estrêla ada Amadora a PJ cercou durante a madrugada um prédio onde se encontravam Germano Raposinho e Carlos Alberto Ferreira Pereira. Quando o primeiro dos evadidos se preparava, durante a madrugada, para sair de casa foi surpreendido com a presença dos agentes. «Ele ficou tão surpreendido, que nem esboçou qualquer re-sistência», apurou o «DL» junto de um dos investigadores.

Após a detenção de Raposinho, a policia entrou no apartamento, mas Carlos Alberto Ferreira Pereira, apercebendo-se do que se passava, deixou o edificio, não conseguindo furar o cerco montado pela Policia Judiciária em toda a zona, vindo a ser recapturado esta manhã num terreno baldio pelas forças policiais, entretanto reforçadas por agentes da Policia de Segurança Pública. Às 9 e 30 desta manhã, o quarto evadido de Pinheiro da Cruz dava entrada nas instalações da Judiciária, à Rua Gomes Freire, onde já se encontrava Germano Raposinho, a ser interrogado na 12ª secção chefiada pelo drº Sousa Martins.

Na posse dos evadidos, foi encontrada uma espingarda metralhadora G3, e duas pistolas de «elevado calibre», possívelmente parte do lote retirado do armeiro de Pinheiro da Cruz quando, no passado dia 28 de Julho, ocorreu a fuga, bem como a carrinha Toyota azul metalizada que os fugitivos tinham vindo a usar desde o Algarve e que pertence à mãe de Raposinho.

O «DL» conseguiu ainda apurar que, se esta operação montada pela Policia Judiciária não tivesse tido êxito, estava planeada para o dia de hoje uma grande operação de buscas, que incluia agentes da PJ e da PSP e uma companhia da Guarda Nacional Republicana.

Entretanto, a Policia Judiciária não desmentiu nem confirmou uma informação veiculada ontem pelo matutino «O Século» de que a mãe e a irmã de Germano Raposinho teriam sido detidas.

Prisão de Raposinho vai esclarecer fuga

Recorda-se que informações que davam conta de que a irmã de Raposinho tinha alugado a casa na Quarteira onde, a 5 deste mês, foram encontrados outros dois evadidos- Augusto José Ramalho e Fernandes Gaspar- foram desmentidas pela PJ.

Com a detenção de Germano Ramos Raposinho e Carlos Alberto Ferreira Pereira, conhecido no mundo do crime como «Carlos da Malveira», ambos com pesado cadastro- o primeiro detido já por três vezes e o segundo «frequentador» dos estabelecimentos prisionais desde 1965-, falta capturar Vitor Clemente e Faustino Cavaco.

Por outro lado, com a detenção de Raposinho, que terá fornecido 200 contos a um educador da Colónia Penal de Pinheiro da Cruz, e é considerado um dos cérebros da fuga, tendo sido ele que neutralizou o guarda prisional de serviço ao gradão, as autoridades poderão reconstituir o processo de fuga e apurar as eventuais conivências que, tudo indica, possibilitaram o sucesso da evasão.

No entanto, continuam ainda por localizar os dois foragidos de apelido Cavaco, e as buscas entretanto realizadas no Algarve ainda não surtiram qualquer efeito. Nas últimas horas, a atenção da PJ incidiu em várias residências junto à praia de Faro, admitindo os investigadores que os foragidos se encontram um pouco para norte do Algarve, a sul da linha horizontal Ourique-Mértola-Alcoutim.

Contudo, os fortes apoios que estes dois evadidos dispõem no estrangeiro, nomeadamente em França e Espanha onde andam a «monte» dois dos seus companheiros das «FP 27» poderão levá-los a dar o «salto», tendo há dias sido referenciados junto à fronteira com a Espanha, o que motivou o reforço da vigilância junto à raia.

Eurico de Melo e as despesas

O ministro da Administração Interna negou ontem que as acções policiais desenvolvidas para capturar os evadidos de Pinheiro da Cruz, e que nos primeiros dias mobilizaram cerca de 7 mil homens, tenham custado 100 mil contos.

«Há uma total especulação sobre esta matéria», disse Eurico de Melo em declarações à ANOP. «As especulações sobre os custos das acções são uma veleidade e um perfeito disparate, que tendem a distorcer a verdade dos factos», adiantou o titular da pasta da Administração Interna.

Eurico de Melo esclareceu que os dispositivos da Policia Judiciária, Guarda Nacional Republicana e Policia de Segurança Pública têem um orçamento próprio que, salientou, «não foi reforçado com um único centavo para as acções que têem sido desenvolvidas para capturar os evadidos de Pinheiro da Cruz». «As operações estão enquadradas na própria actividade daquelas forças policiais, anteriormente dotadas com os respectivos orçamentos», concluiu.

Zona Centro volta a ser pasto das chamas

Vento e maus acessos ajudam incêndio em Seia e Arganil

Depois de uma acalmia de duas semanas, a martirizada região Centro do País está desde ontem a conhecer a destruição pelo fogo, num incêndio que deflagrou ao fim da tarde em Vide, no concelho de Seia, se estendeu a Arganil e propaga-se, agora, em direcção a Oliveira do Hospital. O avanço das chamas fica a dever-se às fortes rajadas de vento e aos acessos, que dificultam a acção dos bombeiros.

«Aquilo está mal, andam lá várias corporações desde as 18 horas de ontem», declarou ao «DL» uma fonte dos Voluntários da Loriga, corporação que, conjuntamente com as de S. Romão, Seia, Arganil, Coja e Oliveira do Hospital, num total de mais de 100 homens, têm dado luta às chamas.

Durante a noite, a acção dos «soldados da Paz» foi dificultada pelos acessos, mas mesmo assim os bombeiros conseguiram defender das chamas a povoação de Gandufo, no concelho de Seia, que chegou a estar ameaçada. «A nossa preocupação essencial é evitar que outras povoações sejam atingidas», declarou um informador do Comando Operacional de S. Romão.

As primeiras horas da manhã de hoje, com o fogo a dirigir-se para o concelho de Oliveira do Hospital, os bombeiros contavam já com o auxilio de meios aéreos de Viseu, com um helicóptero que está a fazer o reconhecimento do incêndio e a «largar» as brigadas de primeira intervenção que, só pelo ar, têm acesso fácil aos locais. Esta acção deverá ser completada com a acção de aviões, também de Viseu, que eram esperados ansiosamente pelos bombeiros.

O facto do sinistro ainda não estar controlado, estando a passar de concelho para concelho, impossibilita, por enquanto, que seja feito um cálculo da área que as chamas já destruiram, embora seja convicção do comandante do Comando Operacional de S. Romão «serem necessárias duas ou três horas para percorrer toda a área do sinistro».

O combate às chamas já provocou queimaduras nas costas de um popular que auxiliava os bombeiros, «mas sem gravidade de maior porque são pouco extensas», segundo apurou a ANOP junto do centro hospitalar de Oliveitra do Hospital, para onde a vítima foi encaminhada.

Bombeiros de Pombal na hora de descanso

O incêndio que, desde o passado sábado, deflagrou na região de Meires, no concelho de Pombal, e que obrigou ao corte da estrada Nacional número 1 foi ontem considerado extinto.

Um informador dos Bombeiros de Pombal declarou esta manhã ao «DL» que «ontem ainda se voltou a reacender por duas vezes, mas por enquanto está tudo calmo». No combate às chamas, para além daquela corporação, também estiveram os voluntários de Ansião, num total de 38 homens e nove viaturas, que contaram com o apoio de um helicóptero e dois aviões da base da Lousã.

O empenho de todos estes meios «foi decisivo para o rápido domínio do incêndio, pois a nossa preocupação fundamental «era evitar que o fogo atingisse a povoação de Meires, o que foi conseguido», sublinhou à agência ANOP o comandante dos Bombeiros de Pombal.

Apesar do empenho dos «soldados da Paz», as chamas consumiram uma área calculada em cerca de 30 hectares, e tudo indica que na origem do incêndio esteja mais um acto de origem criminosa».

«Faltam carabinas para o combate às chamas»

O comandante António Caruna, representando o presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, disse ontem na Guarda que «para combater os incêndios não faltam agulhetas, mas carabinas».

Falando na comemoração dos 110 anos dos Bombeiros da Guarda, aquele responsável da Liga dos Bombeiros declarou que «a maior parte dos incêndios no País não é provocada pelo tal homem que queima as silvas, ou pelo tal vidro de garrafa que, apanhando os raios solares, provoca o incêndio». «O que provoca o incêndio são as acções programadas», sublinhou, interrogando se «não será estranho existirem fogos a mais precisamente nos locais onde ninguém passa».

António Caruna referiu ainda «ser necessário controlarem-se nos periodos de Verão certos acessos, saber quem lá passou, não para prender ou matar alguém, mas em caso de incêndio, apenas se saber quem por lá passou».

Por seu lado, o presidente da direcção dos Bombeiros da Guarda salientou a exiguidade das actuais instalações, e o desgaste a que tem sido sujeito o parque de viaturas e o material pelos incêndios e Invernos rigorosos, a que a cidade com maior altitude do País é submetida.

«A viatura que se encontra equipadsa com a escada magirus, que custa na ordem de alguns milhares de contos, pernoita na rua», exemplificou Afonso Queiró.

A necessidade de rever a situação dos corpos dos Voluntários, e «actualizá-la aos nossos dias», foi também referida pelo Governador Civil da Guarda. Referindo-se ao estatuto social dos Bombeiros, Valério do Couto manifestou a esperança de que ele possa ser «realista, justo, e traduza o apreço que a sociedade em geral tem pelos bombeiros».

desde 1840

abreu

Alvará N.º 35
Operador Turístico

Cruzeiro

Pela 1.ª vez em Portugal
e ao serviço exclusivo da ABREU
o Paquete de Luxo "DMITRIY SHOSTAKOVICH"
CLASSE ÚNICA – SERVIÇO DE 1.ª CLASSE
com a já tradicional cozinha, animação e "STAFF" ABREU

AOS 3 CONTINENTES

De 17 de Agosto a 4 de Setembro – LISBOA • ODESSA • ISTAMBUL • IZMIR
ATENAS • CRETA • NÁPOLES • ALGER • TANGER • LISBOA

PORTO Av. dos Aliados, 207 • Tel. 324524
LISBOA Av. da Liberdade, 160 • Tels. 371341/372031

ALMADA • AVEIRO • BRAGA • CASCAIS
COIMBRA • FARO • FUNCHAL
GUIMARÃES • LEIRIA • PORTIMÃO • VISEU

Exigindo que esta medida seja regulamentada em lei

Obrigatoriedade de "soprar no balão" contestada por Pró-sindical da PSP

Um dirigente da comissão Pró-Associação Sindical da PSP da Zona Centro (ASP/PSP) acusou ontem o Comando Distrital de Coimbra de «discriminação» no atendimento de pedidos para suspensão de serviços extra-remunerados.

Em declarações à Anop, aquele elemento da ASP/PSP referiu que «houve pedidos que foram deferidos e outros que foram injustamente recusados, sem qualquer explicação, talvez porque são agentes que estão sensibilizados para o trabalho desenvolvido pela Pró-Sindical».

A mesma fonte criticou o Comando Distrital da PSP «sobretudo porque recusou pedidos a agentes já com uma certa idade e doentes, que por isso mesmo não deveriam fazer esses serviços extra, entre os quais o patrulhamento a bancos». Na opinião do dirigente da ASP/PSP da Zona Centro «também a obrigatoriedade de soprar no balão à entrada dos agentes em serviço deve ter outro fundamento, que não uma simples ordem interna». «Nós não estamos contra essa medida — sublinhou — mas defendemos é que esteja transcrita e regulamentada em lei a obrigatoriedade dos polícias soprarem no balão e que a ordem não seja simplesmente dada por circular interna».

Sobre o regresso do agente João Cunha ao Porto, onde se encontra ao serviço desde o dia 1 deste mês, o dirigente da ASP disse que «a reposição da justiça resultou da recente amnistia promulgada pelo Presidente da República, pelo que o ministro Eurico de Melo e o comandante Almeida Bruno acabaram na mesma por não cumprir a decisão do Supremo Tribunal Administrativo não sendo assim a eles que se deve o justo regresso ao Porto do agente João Cunha».

Recorde-se que o agente João Cunha havia sido compulsivamente transferido para Faro, por alegada participação em actividades da Comissão Pró-Sindical.

Caso se mantenha o bloqueio dos seus colegas portugueses

Taxistas da Galiza ameaçam desencadear "acções de força"

Os taxistas de Verin, na Galiza, afirmaram ontem que desencadearão acções de força contra os taxistas portugueses se estes persistirem no bloqueio aos postos fronteiriços nortenhos para impedir a entrada de automóveis espanhóis de serviço público.

Em comunicado, os taxistas de Verin manifestaram o propósito de «impedir a passagem para Espanha de táxis e autocarros portugueses, que nos últimos dias estão a fazer um serviço que infringe a lei, estando estas medidas, em todo o caso, sujeitas a qualquer actuação similar dos taxistas portugueses». Os taxistas de Verin expressaram também o seu apoio a quaisquer medidas que sejam adoptadas pelos seus colegas de Tuy-Vigo ou de qualquer outra zona fronteiriça. Por outro lado, os taxistas galegos manifestaram-se favoráveis à passagem dos profissionais dos dois países pela fronteira mas sempre com serviços no país de origem.

Entretanto, a Associação de Transportes Rodoviários e de Automóveis Ligeiros de Portugal (ANTRAL) defende que o bloqueio dos taxistas portugueses é um protesto pela apreensão de automóveis de serviço público que se deslocam a Espanha.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS

MUNICÍPIOS DE OEIRAS E DA AMADORA
COMUNICADO

FACTURAÇÃO DE ÁGUA – LIMITAÇÃO DOS CONSUMOS MÍNIMOS ACUMULADOS

Os S.M.O informam os seus consumidores de que, a partir de Novembro do corrente ano apenas são considerados os consumos mínimos acumulados até ao limite de doze meses, que correspondem a 36 m3 (6 cobranças sem leitura).

Caso esteja sem actualizar a leitura por um período superior ao acima referido quando a mesma se efectuar, a repartição dos consumos e a dedução dos m3 acumulados, apenas se fará dentro desse limite.

Assim estes Serviços aconselham os consumidores a efectuarem a leitura do contador regularmente.

Colabore enviando-nos a leitura através do seu talão-aviso ou do postal de leitura (com portes de correio pagos pelos S.M.O.). Evite deste modo prejuízos para ambas as partes.

Oeiras, 29 de Julho de 1986.

O Presidente do Conselho de Administração
Isaltino Afonso Morais

Com 16 punhaladas no peito e no pescoço

Camareira do "Altis" assassinada por assaltante

Perpétua de Jesus Batalha, de 56 anos, solteira, natural de Mafra, empregada de quartos no Hostel Altis, foi assassinada, cerca das 22 horas de sábado, por um indivíduo, já com cadastro, que surpreendeu a assaltar a sua residência, onde vivia sozinha, na Rua Rodrigo da Fonseca, em Lisboa. O autor do homicídio, já detido, de apelido Gomes, de 30 anos, que recentemente cumprira uma pena por furto, em Oeiras, actuou de tronco nu, e de mãos enluvadas, tendo atingido a sua vítima com 16 punhaladas no pescoço e no peito.

Gomes feriu, ainda que sem gravidade, uma outra moradora do prédio, Maria do Carmo, de 52 anos, que o tentou desarmar nas escadas do imóvel.

Quando roubava um automóvel

Alvejado em Almada por guarda-nocturno

Um jovem, Rui Manuel Agostinho, deu ontem entrada no Hospital de S. José, com um tiro no abdómen, depois de ter sido surpreendido a roubar um automóvel em Almada. De acordo com a GNR local, Rui Manuel Agostinho, de 21 anos, «foi surpreendido em flagrante por um guarda-nocturno e, ao tentar reagir à ordem de prisão, foi alvejado». Esta manhã o jovem ainda estava em perigo de vida naquele estabelecimento hospitalar.

Para falar de "O Sangue da Guerra"

Manuel Geraldo na Rádio Comercial

O nosso camarada de Redacção Manuel Geraldo irá estar amanhã, entre as oito e as nove, no «Programa da Manhã» da Rádio Comercial como convidado de Jorge Cobango para falar no seu último livro «O Sangue da Guerra». O livro trata da experiência de Manuel Geraldo na guerra colonial durante os dois anos (de 1965 a 1967) em que permaneceu em Angola.

FUNDO

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

E

xmo. sr. presidente da Federação Portuguesa de Futebol.

Acabava eu de chegar da minha cura termal (ou seja: da minha cura de sono), quando fui surpreendido pelo telegrama de V. Excia convidando-me formalmente para sucessor de José Torres no cargo de selecionador nacional algum tempo para reflexão. A minha respostad aqui está.

De facto, meu caro, as minhas relações com o futebol praticamente... não existem. Há cerca de vinte anos ainda vi umas coisitas, ou seja, assisti a desafios entre os miúdos da minha escola e os miúdos doutra escola vizinha, nums terrenos vagos da Tapada da Ajuda os jogos foram mais tarde considerados subversivos (ou pornográficos, não me recordo bem) e abandonei os estádios.

Passei a partir daí a ver os jogos de futebol pela televisão mas o meu maior passatempo era conometrar o tempo útil de jogo ou seja: vivia o futebol burocraticamente e o meu amigo sabe: quem burocratiza-banaliza.

O meu desconhecimento do jog tem-me valido alguns amargos de boca. Há anos num concurso da televisão, perdi cinco mil contos porque respondi que o Bento jogava hóquei nos Salesianos! Há cinco dias, quando regressava do Porto, de comboio, ia sendo linchado porque perguntei se Maradona era um que cantava o rock.

Pensaram que eu estava a provocar. Só agora sei que se trata de um guarda-redes candidato ao Prémio Nobel porque, no seu aviário, engorda os frangos com o célebre «exctrato de Maradona».

Para o meu amigo realizar até onde vai a minha ignorância da modalidade basta dizer-lhe o seguinte: sou o único português, maior de cinco anos, incapaz de entender o que seja um fora de jogo!!!

Eis como sou. Não quero esconder-lhe nada. O meu amigo agora resolverá.

Acha que reuno as condições ideais?

Acha que sou suficientemente ignorante para merecer o seu convite?..

No âmbito dos contactos da Central Sindical

CGTP tem encontro em Coimbra com Associação de Municípios

A abertura de novas perspectivas de colaboração, «dentro de uma política de diálogo com as forças vivas do País», é o espírito do encontro que a CGTP-IN e a Associação Nacional de Municípios (ANMP) vão travar amanhã.

Segundo Joaquim Calhau da Comissão Executiva Nacional da CGTP-IN, o encontro, a decorrer em Coimbra, justifica-se pela «importância do poder autárquico quanto a questões como o emprego, programas de desenvolvimento regional, formação profissional, primeiro emprego, culturas regionais e recursos técnicos e humanos potenciais ainda por aproveitar».

«Todo um vasto campo de colaborações mútuas possíveis e que ainda estão por explorar e os problemas que afectam principalmente a juventude estarão obviamente em foco nesta reunião», disse Joaquim Calhau, que adiantou ser a delegação da CGTP-IN encabeçada por Manuel Carvalho da Silva, presidente da comissão executiva nacional.

Referiu ainda que o pedido de reunião conjunta com a Assosiação de Municípios resulta «da grande importância que tem a ANMP e insere-se numa série de entrevistas e encontros a realizar com as mais diversas entidades a nível nacional, no sentido de se fazer eco das resoluções do Congresso da CGTP-IN e medidas daí decorrentes a implementar no imediato e nos próximos três anos».

Joaquim Calhau sublinhou, todavia, que as condiçãoes sociopolíticas actuais são diferentes das verificadas em Maio último e, nesse sentido, salientou que «na altura do Congresso da CGTP havia um conjunto de forças que dizia estar o Governo de pedra e cal e que até já fala agora de eleições lá para Abril».

Animos serenam em Areia

Circulação restabelecida na linha do Minho

A circulação de comboios na linha do Minho foi restabelecida às 16h00 de sábado, 24 horas depois de a população do lugar de Areia, freguesia de Darque, ter cortado a linha numa passagem sem guarda.

A linha, que liga Viana do Castelo ao Porto, foi sexta-feira bloqueada pela população em protesto contra a existência na zona de duas passagens de nível sem guarda, facto que provocou já vários acidentes o último dos quais, na terça-feira, provocou ferimentos graves nos três ocupantes de um veículo colhido por uma composição.

Há várias formas de subir na vida! – aceite a nossa proposta

Conta Poupança-Habitação

A si-que quer uma casa:

Ter uma casa é uma ambição natural.

Com todo o cuidado estudámos a situação dos que pretendem adquirir ou construir uma casa. Criámos as **contas poupança-habitação.**

Estabelecemos uma excepcional isenção do imposto de capitais sobre os juros dos depósitos sempre que a **poupança** se destina à compra ou beneficiação de casa própria permanente. Tem, para isso, de abrir uma **conta poupança-habitação.**

Assim, agora é mais fácil — aos poucos, mês a mês, a sua **poupança** vai crescendo. Passado pouco tempo (mal se dá por isso), terá conseguido o suficiente para **decidir** comprar a casa — o resto... bem, o resto poderá obter por empréstimo, que lhe será proporcionado pela própria **conta poupança-habitação.**

Aceite a nossa proposta e... **dirija-se ao seu Banco.**

Ministério das Finanças

EXCURSÕES AVIC

AUTOPULLMANS DE LUXO ★ HOTÉIS DE 1.ª

MARROCOS • CIDADES IMPERIAIS
9 DIAS - Partidas. • 23/8 • 6 • 20/9

GIBRALTAR – TÂNGER E CEUTA
5 DIAS - Partidas. • 13 • 24/8 • 7 • 14/9 • 2/10

TETOUAN • CEUTA E TORREMOLINOS
4 DIAS - Partidas. • 14/8 • 7 • 21/9 • 2/10

INGLATERRA • ESCÓCIA • PARIS
21 DIAS - Partidas. • 23/8

LONDRES • BRUXELAS • PARIS
15 DIAS - Partidas. 7/8 • 11/9

BENELUX • PARIS • CRUZEIRO NO RENO
15 DIAS - Partidas. • 10/8 • 7/9

TRÊS ALPES • ÁUSTRIA • TIROL
17 DIAS - Partidas. • 5/9

NORMÂNDIA • PARIS • VERSAILLES
13 DIAS - Partidas. • 13/9

LOURDES • PARIS • ANDORRA
11 DIAS - Partidas. 17/8 • 1/9

CÔTE D'AZUR • MÓNACO E SAN REMO
11 DIAS - Partidas. • 19/8 • 3 • 17/9 • 1/10

BIARRITZ • LOURDES E ANDORRA
7 DIAS - Partidas. • 23/8 • 6 • 20/9 • 1/10

MOSTEIROS DE ESPANHA E ANDORRA
10 DIAS - Partidas. • 22/8 • 5 • 19/9

CÓRDOBA • GRANADA E SEVILHA
5 DIAS - Partidas. • 13/8 • 1/10

ASTÚRIAS E PICOS DA EUROPA
6 DIAS - Partidas. • 15/8 • 17/9

GALIZA • RIAS BAIXAS E PICOS DA EUROPA
6 DIAS - Partidas • 15/8 • 3 • 24/9 • 1/10

MADRID • ARANJUEZ • TOLEDO
4 DIAS - Partidas. • 14/8 • 4 • 25/9 • 2/10

SEVILHA • ARACENA • BADAJOZ
3 DIAS - Partidas. • 15/8 • 5 • 19/9 • 3 • 30/10

TRÁS-OS-MONTES, MINHO E BEIRAS
6 DIAS - Partidas. • 10 • 24/8 • 7/9

PENEDA • SOAJO E GERÊS
5 DIAS - Partidas. 13 • 20/8 • 3 • 24/9 • 1/10

NORDESTE • DOURO E BEIRAS
4 DIAS - Partidas. • 14 • 28/8 • 11 • 25/9

MINHO • SOAJO E BUÇACO
3 DIAS - 15, 22, 29/8 • 5, 12, 19, 26/9 • 13, 17/10 • 1/11

DOURO • MINHO E BEIRAS
3 DIAS - Partidas. 15 • 23/8 • 5 • 27/9 • 3 • 31/10

ALTO MINHO • GERÊS E CANIÇADA
3 DIAS - 22 • 29/8 • 5, 12, 19 • 26/9 • 3 • • 31/10

MINHO • GERÊS E CANIÇADA
3 DIAS - Partidas. 23 • 30/8 • 6 13, 20 • 27/9 • 4/10

ALGARVE SOL E MAR
3 DIAS - Partidas. • 29/8 • 5 • 19/9 • 3/10

Reservas e informações na:

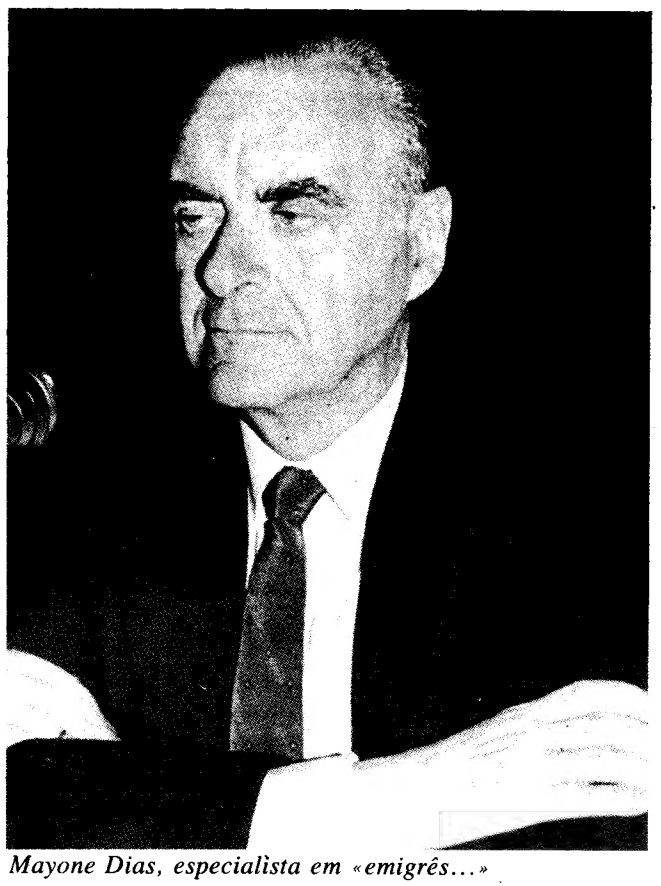
AVIC Tours

AV. 5 DE OUTUBRO, 53 — LISBOA
Telefones: 52 11 16/52 11 17/57 29 70
OU NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS
GROSSISTA 473/85

No espaço da comunicação

Lurdes Féria

Satisfeito o verbo, mantém-se ainda por mais alguns dias, no centro cultural das Descobertas, a exposição de artes plásticas que a diáspora portuguesa trouxe a Lisboa. Tudo correu certinho, tal como a organização do encontro previra. E para o ano há mais. De novo em Agosto, outra vez na capital e, se possível, no mesmo local. «As quadrilhas messiânicas bebem-lhe o sangue e vendem-lhe o pão por um preço fabuloso. E esse povo humilde, secularmente escravizado, intrepidamente, com uma heroicidade animal que só a ignorância dá, deixa-se sugar, deixa-se morrer de fome, e, quando não se resigna a morrer de fome — emigra» («Pessimismo Nacional» — Manuel Laranjeira).



Mayone Dias, especialista em «emigrês...»

José David Rosa, o «pai» da Peregrinação...

Incidindo na análise literária do livro «Este Verão o Emigrante La-bas», **Maria Graciete Besse,** leitora em França, apreciou um fenómeno a que chamou «**o corpo em trânsito**». A autora do texto, **Olga Gonçalves,** introduz nele a voz dos emigrantes instalados na periferia de Paris, que começam a não ser de cá, nem de lá. Aqui, se bem que lhes dediquem **noites** (a noite do emigrante, nas festas populares), lhes concedam descontos especiais e algumas facilidades, também transparece, nos comentários ao seu êxito, uma ponta de animosidade. **Aí vêm os emigrantes...**, como se fossem um corpo estranho ao País. Há, portanto, uma subtil discriminação, aquilo que Maria Graciete Besse classificou como o «**discurso da exclusão**«.

E **lá,** serão sempre os **estrangeiros**, o que fortalece a nostalgia da terra de origem. Todos os verões descem **lá bas** nos seus carros vistosos, orgulhosos de si, e sempre voltam, ao país de acolhimento, um tanto decepcionados.

O que é que afinal encontram? «**Ia-se naquela ideia de que talvez se pudesse ficar de vez. Qual o quê! Volta à forma antiga, não tarda que esteja entregue aos capitalistas**». Eis o discurso ideológico, ou o desencanto perante um espaço geográfico, por sinal a sua pátria, que nada tem para lhes oferecer e os segurar. A linguagem, cruzada de interferências, também foi focada por Graciete Besse, detendo-se nos vocábulos franceses deformados que metem nas conversas: «**Oh Natalina! Vem cá couchona! Vem cá minha couchona!**«

De resto, este tema foi exaustivamente estudado pelo professor **Mayone Dias,** professor numa universidade da Califórnia. O falar **imigrês** que significa uma associação do português com inglês, francês, alemão, americano ou outra qualquer língua, tornou-se «**moeda corrente ao ponto do emigrante perder a consciência do termo emprestado**«. Vem a Portugal de vacanças e compra uma maison — isto vale para os de França; na América tapa-se com uma blanqueta e come pinotes... **Mayone Dias** que frequentou muitos restaurantes portugueses no estrangeiro, que bebeu muitos litros de vinho verde e comeu muitos quilos de bacalhau com batatas, conhece perfeitamente esse estranho falar que é o emigrês. A seu ver trata-se de «**uma constelação de dialectos, dependentes das circunstâncias, observadas nos países onde se verifica a presença portuguesa**».

Embora traduza um certo grau de aculturação, **pas** grave. Pois, o emigrês nunca resiste a mais que uma geração, sosseguem os senhores da Academia das Ciências porque a coisa é passageira... De momento não se pode deter, o que há a fazer é aguardar. E não vem mal ao mundo se, espontaneamente, nos rirmos da situação «**Sim, o emigrês tem aspectos ridículos, por vezes geram-se expressões indecorosas que são verbalizadas pelos emigrantes com a maior das inocências**», sublinha Mayone Dias.

Mediterrânico!

A Manuel Simões, agora leitor em Veneza, se deve a primeira edição dos «Cantares» de José Afonso. É de Coimbra e ali viveu os anos de um movimento estudantil que se insurgia contra o regime de Salazar. Mais tarde, já com Manuel Alegre exilado em Argel, trata da publicação de «**O Canto e as Armas**«, rompendo assim o silêncio a que o sistema obrigava. Foi redactor da revista «**Vértice**», baluarte do neo-realismo e também escreve poesia. «**Sem dúvida, que andei ligado à corrente neo-realista, atitude que não desdenho nem repudio, apesar de ter determinadas preocupações linguísticas que não se observavam na geração anterior**».

Nesta linha, Manuel Simões escreveu um ensaio sobre o paralelismo entre a poesia de Manuel da Fonseca e de Garcia Lorca, fazendo sobressair as confluências e os ecos. Ambos peninsulares, ambos mediterrânicos, ainda que o **essencial**, de Manuel da Fonseca, se salve do domínio do poeta andaluz. «**Estou convicto de que há uma cultura mediterrânica, o que a minha estada em Itália, de quinze anos, tem confirmado...**».

Não foi do «**Canto mediterrânico**» — poesia sua — nem de malteses e ciganos em errância pelo espaço ibérico que falou. Manuel Simões limitou-se a apresentar uma comunicação sobre «**Euforia e disforia na literatura de viagens do século XVI**». Os que euforicamente teciam a apologia da expansão e os que a criticavam moderadamente, mas com algum vigor.

No encontro da diáspora portuguesa distinguiu-se ainda o contributo de **Luís Sousa Rebelo,** professor em Londres. E, verdade se diga que veio aclarar o fenómeno da emigração, dividindo-a em dois ramos inconfundíveis. Uma delas, a mais vulgar, é a emigração de «**tipo genérico**« praticada por um contingente populacional, oriundo do meio rural e urbano, que vai buscar uma melhoria de vida, em termos económicos: «**aquela que, demográfica e economicamente, pesa pelo volume das saídas e pelo efeito que tem nas regiões do País onde ela se verifica**». Mas também tem de se levar em conta a emigração intelectual, onde se integram aqueles que exercem fora do País funções de competência técnica e cultural, compatíveis com as suas habilitações e especialidades. Abarca, portanto, um sector de trabalhadores qualificados. Evidentemente que o **status social** influencia a recepção e as oportunidades no país de acolhimento.

Sousa Rebelo, na sua exposição, recuou ao surto emigratório iniciado com a conquista de Ceuta e à época da fixação de colonos, no arquipélago da Madeira, onde se ocupavam da plantação da cana-de-açúcar. Ora, no século XVI, durante o reinado de D. João III, surge o primeiro esboço da emigração intelectual, devido à necessidade de se criar «**um escol de altos funcionários de Estado**», a quem se atribuem bolsas no estrangeiro. sobretudo para Paris e para diversas cidades italianas. Entretanto, instala-se o medo no País, com a sanha inquisitorial, o que provoca em certos meios a vontade de emigrar. Os que estavam lá fora retraem-se no regresso, e muitos dos que residem na pátria, partem incomodados com a vigilância. Depois, no século dezoito, agrava-se o panorama com os chamados **estrangeirados,** e o mesmo sucede, na época dos liberais. Quanto ao salazarismo, período ainda recente, já sabemos o que provocou... De novo a debandada, legal ou ilegalmente, de vastas camadas da sociedade portuguesa.

Ao longo deste movimento emigratório oscilante, segundo **Sousa Rebelo,** a elite intelectual ou se identifica com o País ou exprime um sentimento de desprezo. O estrangeiro é que é bom, o País nunca terá emenda. Sofre de uma doença crónica, Os **estrangeirados** ainda admitiam o benefício da dúvida mas «**os antigos expatriados alguns deles barões, nascidos com a aristocracia do novo regime, descrêem da vontade da sociedade portuguesa e das suas possibilidades regeneradoras**». Estes, são os primeiros a manifestar o tal provincianismo a que se refere Fernando Pessoa.

Diz Sousa Rebelo que «**a língua, veículo de toda a cultura, é o lugar geométrico do encontro e descoberta da identidade, ainda que ameaçada pelas contaminações e transferências que nela impõe a língua falada no país de acolhimento**». E então? Convoca Jorge de sena, José Rodrigues Miguéis e, claro, Fernando Pessoa que sendo um exilado nesta Lisboa «**encontra na língua portuguesa a sua pátria**».

E, finalmente, exorta os escritores da diáspora portuguesa para que «cumpram um destino semelhante» ao poeta. Há que reconstituir a pátria, desenhá-la com contornos bem definidos.
«**no seu perfil atlântico, que poderá ser a finisterra ou cabeça desta velha Europa**».

Portugalidade

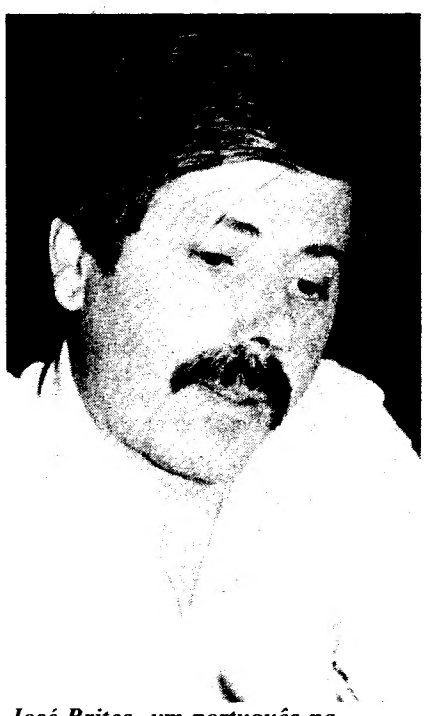
Duplamente estrangeiros, os emigrantes da segunda geração, debatem-se com uma bifurcação afectiva, do que por vezes resulta sintomas esquizofrénicos. **António Branquinho Pequeno,** professor em França, debruçou-se precisamente sobre a distância entre a primeira e a segunda geração que «**exalta Portugal ou o rejeita completamente**». Dividida entre dois modelos, o da portugalidade e o da escola do Pãis onde nasceu ou cresceu, sente-se um tanto perdida. «**Integrar porquê? Não é francês nem português, mas sim uma terceira via.**»

Alguns podem mitificar a terra dos pais, aquilo que orador denominou de «**regresso mítico**». Podem querer conhecer a língua e história de Portugal, apesar de «**destestarem o bacalhau cozido**». No entanto, para muitos a escolha está feita: é lá. Pela sua experiência de estrangeiro **Branquinho Pequeno** concluiu que os regressos, tendo filhos, e vida mais ou menos organizada, tornam-se cada vez mais improváveis.

E, no casal, é a mulher quem mais se opõe. «**Adquiriu uma série de conquistas e não está na disposição de regressar ao sistema patriarcal e repressivo.**» O apelo da terra pode exercer pressão nos mais velhos, da primeirá geração, o que já não tem sentido com os da segunda, cuja mentalidade é outra. Os novos chocam-se com os velhos, e não por uma simples questão geracional, o que cria os conflitos é a disparidade de valores. «**A primeira geração vive num** getho**, reconstitui, no país onde vive, o seu portugalzinho. Abastece-se nos mercados portugueses, monta estruturas de vizinhança iguais às da sua aldeia e não tem um único amigo estrangeiro. Exactamente o contrário da segunda geração que faz uma vida, de acordo com o ritmo do país de acolhimento, e não tem um único amigo português**».

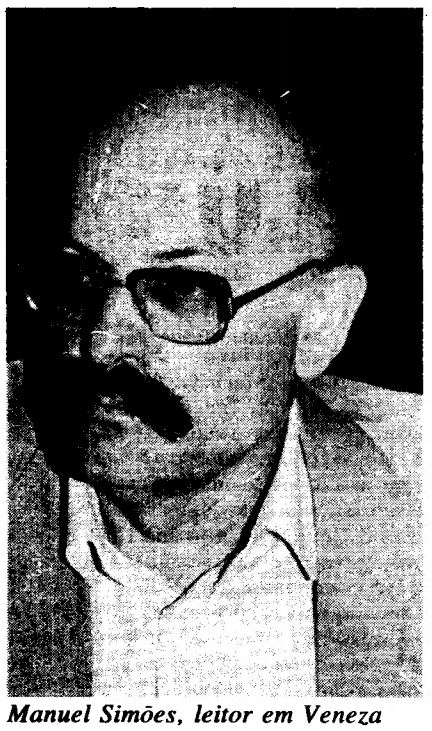
Portugueses da primeira geração fazem grandes patuscadas, ao fim-de-semana, com os patrícios, de preferência com os da região de onde provêm: os minhotos com os minhotos, os alentejanos com os alentejanos, e enchem-se de comida, o que talvez delate «**uma vingança sobre o passado**».

Ainda no capítulo dos filhos de emigrantes, **Pedro d'Orey da Cunha** professor nos Estados Unidos, autor do livro «**Nossos filhos nossos cadilhos**« relatou-nos algumas histórias curiosíssimas, em que interferiu como pedagogo. Na sua opinião os conflitos culturais decorrem do facto de os emigrantes, em regra geral, virem das zonas agrárias e não por serem portugueses. Transplantados para uma situação industrial ou pós-industrial, como é a sociedade americana, custa-lhes a adaptação ambiental. Se houver insucesso escolar, deve-se aos valores dos pais porque a criança, sem repressão familiar consegue singrar nos estudos... «**Antes de 1970, as crianças portuguesas, numa percentagem de 90 por cento, não acabavam o liceu. A partir de 72, com os programas bilingueo, a proporção caiu para 50 por cento e por último, com os programas bilingue na**



José Brites, um português na América...

Maria Graciete Besse e «o corpo em trânsito»



Manuel Simões, leitor em Veneza

Escola Técnica está ao mesmo nível da percentagem geral da população americana»

Fernando Venâncio, leitor de português na Holanda (quinze anos fora do País), resumiu na sua comunicação, num tom humorístico, os tabus que ainda persistem na sociedade portuguesa. O teor de **Orador Falante** foi provocatório na abordagem do incesto e da inseminação artificial selvagem, temas debatidos na televisão holandesa, sem floreados. E, ao recorrer a extractos das crónicas de Miguel Esteves Cardoso estava a render-lhe uma homenagem. **«Acho que ele não se preocupa com as respostas, prende-se mais aos porquês, e as respostas ficticas que dá são tão eloquentes com as possíveis e reais respostas.«**

O encontro da diáspora portuguesa assume, para **Fernando Venâncio**, um aspecto quase irreal. Para além das diferenças, serviu para revelar que os intelectuais, dispersos pelo mundo, têm preocupações muito afins. Cumplicidade? **«Se quiser... a verdade é que transportamos um pouco de outras culturas. Se não vivêssemos fora talvez estivéssemos neste encontro mais contraídos e a medir os riscos... se calhar jogando mais na imagem.«**

Percursos

Se por força do destino, não tivesse apanhado um avião para os Estados Unidos, José Brites continuaria até ao fim da vida a ser mecânico da TAP. Provavelmente, depois da reforma voltaria a Torres Novas, a terra onde nasceu. Mas a inquietude conduziu-o para o outro lado do Atlântico, à **Pensilvânia** que, a princípio, por causa da barreira da língua não entendia. Os baldões e a insegurança profissional duraram menos de três anos. Entretanto, já instalado e com o domínio do inglês, matricula-se numa Universidade, motivo que o levou a mudar de **Estado**. Ah — importa explicar que abandona o País com a frequência da escola industrial. Nos Estados Unidos licenciou-se, em letras, e hoje coordena um programa para crianças das comunidades, de língua portuguesa e espanhola, com dificuldades no inglês. **«Preparo-os para competir com os americanos«**, diz.

Chega á Universidade já com 32 anos, disposta a vencer. Ali, relaciona-se com uma rapariga, filha de pai irlandês e mãe açoreana, com quem virá a casar. Agora mora na área de Boston, numa vivenda de madeira, cercada de um bonito jardim, e possui dois carros novos e três velhos. **«É assim na América, embora actualmente, com a crise, seja bastante mais difícil juntar dinheiro».** O regresso a Portugal é opção que não entra nos seus planos. Pais e irmã vivem nos Estados Unidos, a mulher é americana e os filhos também o serão. Mas não exclui a hipótese de, num futuro, já na reforma, vir passar ao seu País largas temporadas. **De resto, nunca falho um ano sem fazer uma viagem aqui...«**

Saudade

José Brites gosta disto, mas tem consciência de que o regresso lhe seria penoso. Acomodou-se ao ritmo acelarado da América, à eficiência e, também, a uma maneira descontraída de viver. **«Tive um professor de pedagogia que dava as aulas sentado com as pernas cruzadas, á modo oriental, e com a camisa aberta até ao umbigo. É normal o catedrático conviver com os alunos no café, e o tratamento de doutor é coisa que não se usa... Seriam impensáveis tais comportamentos em Portugal. Tudo muito formal, cheio de deferências e de títulos universitários.»**

Dentro da comunidade portuguesa. **José Brites** garante que a maioria dos seus compatriotas, sobretudo os da emigração genérica, são incapazes de cortar o cordão umbilical. Atinge-se o exagero de reproduzir, num bairro de qualquer cidade, um Portugal em miniatura: ruas inteiras com letreiros portugueses, estabelecimentos que vendem jornais, discos, presuntos, chouriços, artesanato das Caldas, etc.

«São mercearias e também agências bancárias... Na minha zona nota-se uma grande resistência à lingua inglesa, nem sequer se dão ao trabalho de aprender. Então, os filhos transformam-se assim numa espécie de criados que tratam os assuntos práticos. Vão ao banco, levam o pai ao Fundo de Desemprego e ao médico se for preciso.

Há fábricas têxteis que só admitem portugueses porque os chefes ou os «bossas» (como dizem) são portugueses. Com efeito, o português, no mundo do trabalho, está bem visto. É humilde e medroso, sempre pronto a opor-se às greves. Daí a excelente reputação de que gozam nas fábricas».

Têm estas características, um tanto desagradáveis, mas adoram «pequenicar». Já devem ter percebido, caros leitorees, que a palavra pertence á lingua «imigresa»! divertem-se à farta. Entre fados e viras devoram-se chouriços e sardinha assada, bebe-se vinho feito com uvas da Califórnia, pisadas em pequenos tanques nas suas casas. Há ainda os clubes para mitigar a saudade da terra lusa, locais que José Brito confessa frequentar. **:Sim, junto-me com um beirão, director de uma escola portuguesa e vamos até ao clube beber uma «sagres». Comem-se uns mariscos e passam-se umas horas maravilhosas a dizer mal do mundo. Nós os portugueses temos o defeito ou a qualidade de nunca acharmos nada bem feito...»**

Normalmente, as mulheres não põem os pés nos clubes, os homens preferem-nas em casa como cá, na santa terrinha, e depois sempre podem constituir um empecilho para um eventual engate da fêmea americana. José Brites, que é uma pessoa muito espontânea, não se coibe de ser sincero, quando diz que **«até temos saudades dos tempos maus.** Recordam-se as toiradas, os fados, as namoradas dos 15 anos, a pasmaceira da aldeia onde se nasceu. **«É talvez por isso que nunca chegamos a lado nenhum. Sempre a louvar o passado, o presente nunca presta e o futuro não se constrói. Saudosismo, para mim, é o masoquismo levado ao extremo. Reconheço que somos um povo doentio, mas depois faço o mesmo...»**

A maioria dos emigrantes comuns não têm condições psicológicas nem preparação cultural para se integrarem nos países de acolhimento, no entanto também já não se contentam com a lentidão do País que lhes parece atrasado e pequenino, a todos os níveis. Em **Providence,** nos Estados Unidos, José Brites firmou as suas raízes, conquistou um estatuto, sente-se apenas deslocado no espaço. Ali se fez, aproveitando a oportunidade de progredir. Nas pausas do labor escolar escreve prosa e poesia, e dedica-se à divulgação da revista «Peregrinação». Não perde uma conferência na mira de angariar assinaturas que entretanto já ultrapassaram o número **cem.** Todavia queixa-se da dificuldade de cobrança, o que é ridículo **«numa sociedade onde se ganha bem... O que é na América 12 dólares por ano?»**

No que respeita ao encontro da diáspora portuguesa, é o grande entusiasmo. **«Isto permitiu mostrar que no estrangeiro também se desenvolve uma actividade cultural. Seria bom que deixassem de nos ver somente como máquinas de fazer dólares, francos ou marcos...»**

Só lamento que os intelectuais de cá não tivessem querido conviver connosco.»

Tem razão. Durante estes dias, apenas Maria Alzira Seixo e José Saramago apareceram para dialogar com a diáspora...

Um alentejano das Neves distrito de Beja, emigrou para a Alemanha em 1962. Depois decidiu, em 1968, experimentar a Suíça e por lá ficou com a mulher e os filhos. Como operário trabalhou no duro, e agora é empregado de escritório numa multinacional. Ora, foi ele, **José David Rosa,** o impulsionador da Fundação Cultural do Emigrante, movido pelo desejo de comunicar porque **«naquelas sociedades a gente sente-se isolado e pensa muito em Portugal».** Um homem, sozinho, lembra-se de criar, através de uma revista cultural, um espaço de convivência. Mas como arranjar aliados? Consulta os jornais portugueses e lá descobre nomes, passíveis de contactar. Passa, então, à fase das cartas que envia para diversos pontos do globo e, por fim, recebe as respostas de concordância com o meu projecto.

Actualmente, a «Peregrinação» atinge três mil pessoas. Já editou publicou treze revistas, já editou dez livros e, muito brevemente, mais seis serão lançados. **José David Rosa** têm confiança no seu projecto cultural...

PSD vence na freguesia de Garfe

A lista do PSD, encabeçada por Domingos Gomes Barroso, venceu ontem as eleições para a Assembleia de Freguesia da Garfe (Póvoa de Lanhoso), com 368 votos.

As listas do PS e da APU, obtiveram 267 e 19 votos respectivamente. A freguesia tem 851 eleitores, votaram 664 e houve três votos brancos e sete nulos.

A anterior Junta caiu por divergências surgidas entre sociais-democratas e socialistas.

VERÃO 1986
UMAS FERIAS DIFERENTES

PARTIDAS ASSEGURADAS

BENELUX
23 AGOSTO (Assegurada)
118 000$00 • VIAGEM PELO CENTRO DA EUROPA. REPETIMOS DE 6 A 20 DE SETEMBRO

NORTE MARAVILHOSO
7 DIAS PELO NORDESTE E BEIRAS PARTIDAS ASSEGURADAS A 16 E 30 DE AGOSTO 29 700$00

BARCELONA – ANDORRA
Por VALÊNCIA E MADRID DE 10 A 16 DE AGOSTO ASSEGURADA • 41 200$00

ARRAIAL MINHOTO
2 DIAS (SÁB. E DOMINGO) Visitando GERÊS
7500$00

GALIZA PICOS DA EUROPA
DE 15 A 19 DE AGOSTO ASSEGURADA • 31 500$ HOTEIS DE LUXO

DOURO E BEIRAS
FISGAS DO ERMELO DE SABADO A 2.ª FEIRA ARRAIAL EM AMARANTE 10 500$00

MARROCOS CIDADES IMPERIAIS
DE 17 A 26 E 31 AGOSTO A 9 SET.º — ASSEGURADAS 58 000$00

FESTAS DA AGONIA VIANA DO CASTELO
DE 15 A 18 DE AGOSTO 14 900$00 • ALOJAMENTO NO HOTEL VIANA SOL

MADRID-ANDORRA
DE 14 A 18 E 24 A 28 AGOSTO ASSEGURADAS • 28 900$00

GERÊS E CANIÇADA
DE 4.ª A 6.ª-FEIRA • 12 100$ VISITE O INFERNO DO GERÊS

PARIS-LOURDES
Por MADRID E ANDORRA DE 18 A 28 DE AGOSTO E 1 A 11 DE SETEMBRO ASSEGURADAS • 74 900$00

5 DIAS NA URGEIRIÇA
LAMEGO-VISEU-ESTRELA
Partidas a 10 e 27 AGOSTO 7 e 21 SET.º — 18 200$00

MADRID REAL
DE 14 A 18 E 24 A 28 DE AGOSTO
ASSEGURADAS • 28 900$

FÉRIAS EM MONFORTINHO
DE 19 A 23 DE AGOSTO 22 900$00 • MUITAS VISITAS HOTEL ASTORIA

LOURDES-ANDORRA
DE 24 A 31 DE AGOSTO ASSEGURADA • 46 200$00 BONS HOTEIS

FÉRIAS NO MINHO
DE 10 A A 14 DE AGOSTO 19 700$00 HOTEL VIANA SOL ★ ★ ★ ★

CEUTA-GIBRALTAR
DE 17 A 20 E 31 DE AGOSTO A 3 SET.º • ASSEGURADAS 23 900$00

FÁTIMA – MISSA
TODOS OS DIAS PELA NAZARÉ E GRUTAS 1600$00

TÂNGER-SEVILHA
DE 17 A 20 E 31 DE AGOSTO A 3 SET • ASSEGURADAS 24 500$ • VISITAS GUIADAS

CRUZEIRO NO ZÊZERE
TODOS OS DOMINGOS COM ALMOÇO • 4200$

CRUZEIRO A IBIZA E PALMA
DE 18 A 25 E 25 SET A 1 OUTUBRO • ASSEGURADAS DESDE 65 000$00 Visitando MADRID BARCELONA E ANDORRA BAILES VISITAS UMA FESTA NO MAR

HOTÉIS DE 1.ª — PULLMANS «LUXO»

LUSANOVA TURISMO
AV. JOAO XXI, 9-A M. MONIZ, 6-A — TEL. 89 43 11 · 89 44 80

VI Feira do Melão de Vila Franca de Xira

A crise à beira Tejo

Nuno Ribeiro
Fotos de José Tavares

No fim-de-semana, o Jardim Municipal de Vila Franca de Xira animou-se com foguetes e música, risos e negócios, na celebração da sexta edição da Feira do Melão. Vindos dos campos da lezíria, da outra margem do Rio, os produtores do fruto não encheram apenas de odores e cor os «stands» que lhes reservaram. No momento da consagração de um trabalho de seis meses, os seareiros fizeram o balanço da campanha e falaram da crise à beira Tejo.

Vítor Martinho: «em 20 anos de lezíria, nunca aqui vi um técnico do Ministério da Agricultura»

«Chegando a esta altura da campanha, e por não ter emprego garantido na construção civil, vim para aqui». Junto ao barraco que lhe serviu de morada durante os seis meses da campanha, que só lhe possibilitou ir a casa, a Alpiarça, de 15 em 15 dias, olhando para os três hectares de terra que trabalhou, Vítor Martinho, um pintor da construção civil que a crise e a tradição convertem sazonalmente em agricultor, faz as contas.

Os números são apontados «por baixo», não contando com o seu trabalho e com a ajuda dos pais, há mais de 20 anos a tirarem da lezíria o fruto doce de um trabalho amargo. «A renda foi de 75 contos, gastei mais 30 pelo fazer da terra, 130 pelo plástico, mais 80 contos para o adubo, 150 para as sementes, 25 para as regras, 20 contos para o gasóleo... penso que meti aqui quase 600 contos, e tenho feitos 400».

Os prejuízos serão, assim, de 200 contos, e o trabalho das próximas semanas já está delineado: «é tirar o plástico e as árvores e ir-me embora, que é o que se passa com 80 a 90 por cento dos seareiros». No entanto, como reconhece, a sua situação é melhor da dos seus vizinhos de «stand». «A maior parte dos seareiros são operários agrícolas e, por isso, a situação deles é mais grave», acentua: «agora vão para as vindimas, em Setembro, sempre a trabalharem por conta de outrem».

«Nunca vi um técnico do Ministério»

Vítor Martinho é apenas, um caso dos muitos que não tiveram a sorte pelo seu lado. Nos campos da lezíria, para além dos imponderáveis meteorológicos que ainda continuam a condicionar a agricultura portuguesa, a sorte é mesmo necessária.

A «boa estrela» tem de estar presente quando da atribuição das terras: «o ano passado foi por sorteio, mas este ano foi por rotatividade, devido à diferença das zonas Norte e Sul para o cultivo do melão», explica. «A zona Sul é melhor para o doce do melão, mas ele tem uma calibragem insuficiente», diz com dados feitos de experiência.

Outro contraste entre aquelas duas áreas de cultivo é o que resulta do grau de salinidade das terras, o que leva a uma super-adubagem do solo, «e nunca sabemos se o adubo que colocámos era o que a terra mais necessitava, porque não foram feitas análises e não temos nenhum apoio».

Esta situação estende-se, também às sementes, pois a indicação das seleccionadas não é dada, limitando-se os seareiros a utilizar as que aproveitam de um ano para o outro. Aliás, a existência de apoio técnico estabelece logo a diferença, como sucede com o resultado da campanha de António Capitão que, por mero acaso, conheceu um técnico que o ajudou. «Ele tinha o carro empanado, dei-lhe reboque, ele disse-me se eu precisasse de qualquer coisa...».

Por isso, Vítor Martinho revela que «há mais de 20 anos trabalho na leziria com os meus pais, e nunca vi o técnico do Ministério da Agricultura e Pescas a inteirar-se dos nossos problemas».

À espera dos compradores: superprodução, importação do melão espanhol e intermediários marcaram a campanha deste ano

«Estamos todos à rasquinha»

Mas, na história das dificuldades dos seareiros, que relembram, doze anos depois do 25 de Abril, as páginas dos Avieiros de Alves Redol — «espalhavam-se pelos meloais a carregar fruta, passando-a de mão para mão até aos saveiros. Verão nos campos é Inverno no rio, e há que procurar pão de qualquer maneira» —, a questão primordial continua a ser a fundiária. Camponeses sem terra, trabalham-na e adubam-na durante seis meses para depois a deixarem, enriquecida e limpa, bem diferente de quando a encontraram, em fins de Março. Acresce o facto de que as alugam a rendeiros, a preços incomparavelmente superiores, aos que estes pagam à Companhia das Lezírias.

Enquanto que o valor do aluguer de terras de primeira é, para os rendeiros, de «5200 escudos, se for», o subarrendamento leva o preço do hectares a valores superiores a 50 contos por hectare, segundo revelou a Comissão de Seareiros.

Da produção ao consumidor, depois deste primeiro intermediário surge o que coloca o fruto no mercado, beneficiando sempre da tardia fixação da tabela.

Necessário para princípio de Julho, só no final desse mês é que o Governo fixou o preço ao produtor, 26$50 o quilo. «Durante um mês, o preço foi fixado pelo intermediário», sublinha Vítor Martinho, referindo que «a 20 de Julho vendi melão a 24 escudos, e dias depois a 15, enquanto que nos mercados o preço ao público se manteve».

Razões para que, no final da campanha, aquando da festa da consagração, os seareiros façam as contas e falem de sua sorte: «estamos todos à rasquinha».

Preço fixo: só na Feira...

Para tornear as dificuldades de comercialização e a dependência face aos intermediários, «a solução é apanhar o melão verde para nos defendermos». Mas, a juntar a todas as já habituais dificuldades, o ano de 1986 ficou a constituir mais um marco negro para os que, na lezíria, teimam em confirmar as estatísticas que colocam o concelho de Vila Franca de Xira à cabeça na produção de melão.

Devido a imposições decorrentes do ingresso de Portugal na Comunidade Económica Europeia, muitos seareiros que trabalhavam o tomate, produção que viu a sua entrada limitada nas fábricas, viraram-se para o milho e o melão. «A área de produção do melão aumentou 800 a mil hectares, temos produção a mais e muito melão vai ficar a apodrecer», acentuou um dos membros da Comissão de Seareiros. Mas, «como uma desgraça não vem só, há melão espanhol no mercado, quando Portugal tem condições para exportar», sublinhou.

Deste modo, os intermediários, a quem o Governo deixou livre um mês de trabalho, viram os seus lucros aumentados, até porque desde o ano passado que a venda ao público é livre.

Por isso, para muitos que foram à Feira do Melão, esta era a oportunidade de comprar boas espécies, concorrentes ao concurso, ao preço fixo de 30 escudos o quilo, por acordo entre a Comissão de Seareiros e a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

Para a edilidade, a importância da Feira do Melão não é apenas a de constituir um cartaz turístico com base num produto tradicional na lezíria. «É também uma forma de tentar contribuir para a estabilização do mercado, ajudando ao escoamento do produto», declarou ao «DL» o vereador José António Carmo.

E, na sexta edição do certame, foi tempo de recordes, com a presença do maior número de seareiros, mais de 50, e com a comercialização de 40 a 45 toneladas de melão. No entanto, para todos os que queriam saber mais do que o preço do fruto, ficou a certeza da crise que se vive à beira Tejo.

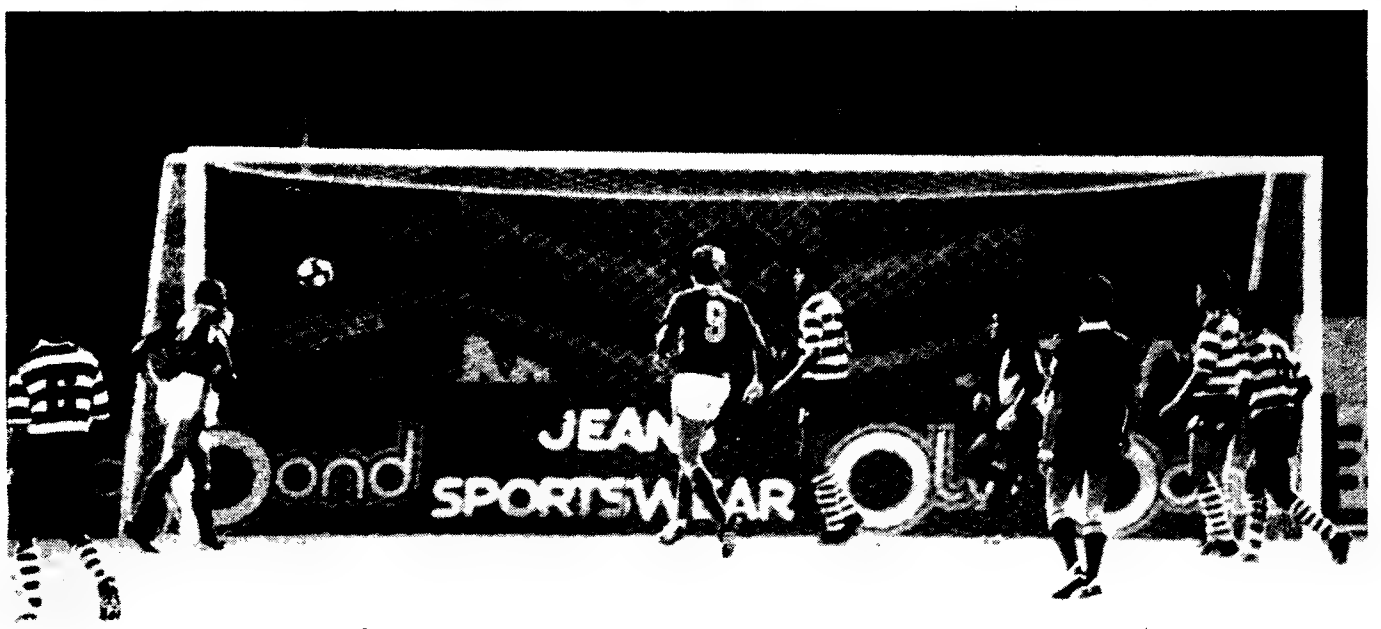
A 30 escudos o quilo, vai sendo assegurado o escoamento do fruto: entre 40 a 45 toneladas terão sido comercializadas em dois dias

SEVILHA
ARACENA
BADAJOZ
EXCURSAO EM AUTO-PULLMAN DE LUXO COM AR CONDICIONADO
GUIA ESPECIALIZADO
3 DIAS
PARTIDAS. 27 6 • 11 E 25-7
1 E 15 8 • 5 E 19-9
3 E 30-10
Alojamento em SEVILHA
NO HOTEL AMERICA 1ª ★★★
SITUADO NO CENTRO DA CIDADE. MESMO EM FRENTE AO CORTE INGLÉS
Preços:
TRANSPORTE. VISITAS. JANTARES. ALOJAMENTO E PEQ. ALMOÇOS
11 900$00
TRANSPORTE. VISITAS. E PENSÃO COMPLETA
14 900$00
Reservas e informações
AVIC
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
TEL. 52 11 16 - 52 11 17 - 57 29 70
OU NO SEU AGENTE DE VIAGENS
GROSSISTA 473/85

1 - NÃO DIVULGUE OS SEUS PROJECTOS DE VIAGEM. Discrição é segurança: no café, no cabeleireiro, ou em outros locais públicos, não revele que vai partir, para onde e por quanto tempo. Os seus planos podem sempre chegar aos ouvidos de pessoas menos escrupulosas.

Benfica vence Sporting no solar dos "leões"

Pág. 15



Golo n.º 2. Seu autor: Manniche

O Desporto

FUTRE: Homenagem na sua terra

Pág. 15

Batendo tudo quanto a antiga musa cantava

Marco Chagas: o primeiro foi o melhor

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Tudo está bem quando acaba dentro da fronteira do razoável, lógico e natural. Uma espécie de brusco «Tratado de Tordesilhas» parece ter contentado sportinguistas e lousanenses: para Alvalade, na força e talento de Marco Chagas, vai o triunfo individual e em Lousa fica o contentamento por ter estado na «Volta» a melhor formação colectiva. Assim, as duas potências ciclistas que arrancaram para a mais difícil das «Voltas a Portugal» como favoritas de primeira linha, justificaram os créditos e a confiança com que zarparam de Matosinhos, há longos dias.

Sporting (comandado por Emídio Pinto) defendendo e ajudando Marco Chagas no seu êxito voltista, máximo absoluto por estas bandas. Lousa (chefiado por Orlando Alexandre) encaminhando uma formação antes desbaratada até ao pódio mais saboroso. Globalmente, doze equipas no primeiro arranque: apenas o Algarve(Louletano e Olhanense) terminou depauperado, a pontuar na recta final somente devido à contextura do Tavira. E, neste capítulo, Boavista a surgir como agradável surpresa, a reflectir o excelente trabalho de José Santos, professor de Educação Física e actualizado técnico de ciclismo, filho de um campeão que se chama Império dos Santos. O responsável pela equipa que vamos enviar na «Volta às Comunidades» que, tal como o «Diário de Lisboa» informou em absoluta primeira mão (8 do corrente) recebera na tarde da véspera o convite, da boca do presidente federativo Henrique Castro.

Em termos individuais, 45 candidatos ficaram pela estrada: a nota mais saliente fica assinada por Cayn Theakston, que viu fugir-lhe a hipótese de discutir directamente um lugar no trono por acidente sofrido em Monção. Mas ele foi, por eleição, dos representantes dos Órgãos de Comunicação Social presentes na «Volta», a figura primordial a merecer um apaluso muito especial.

Em análise à tabela geral, digamos que se verificou uma simbiose absoluta entre a experiência e o valor acumulado, em amalgamá com o impulso e o inconformismo da juventude. Palavras muito especiais para a movimentação da corrida, com emotivas alternates nos lugares cimeiros e médias que não envergonham no paralelo com a estranja.

Citação (de chapéu na mão) para quem ficou lá no alto: Marco Chagas provou à sociedade que é o mais perfeito sucessor das proezas caseiras de Joaquim Agostinho. Todavia, é forçoso referenciar a melhor cercadura que o rodeou: Benedito Ferreira (aos trinta e tal) toca o máximo da sua carreira, António Pinto e Fernando Carvalho confirmam arte e saber para funcionarem como absolutas esperanças para as mais altas andanças, Carlos Moreira (saltando do bloco dos quase incógnitos) assume papel fundamental na triagem final e solta já o seu grito de emancipação, o brado pela conquista da carta de alforria.

Uma palavra para o facto de apenas se ter registado um caso de «doping»: finalmente, o bom caminho está na pista do ciclismo português.

Pág. 12

Três campeões: Álvaro Silva (400 metros), Maria João Lopes (400 metros) e António Monteiro (1500 metros)

Gala de atletismo no palco do Jamor

Pág. 15

Nelson Piquet recebe o troféu

Fórmula 1

"Aliança brasileira" no "GP" da Hungria

Pág. 14

Lousa e Sporting dividem louros mais deseja

Continuação da pág. 1

Como bem se lembram, a coisa esteve muito intrincada e seria no sábado que dois factos preponderaram decesivamente no peso da corrida: o acidente de Cayn Theakston a afastar do pódio o inglês que foi figura cimeira no cortejo de etapas e o espantoso contra-relógio corrido com unhas e garra por Marco Chagas, a destruir as ilusões de Benedito de tocar com ouro uma carreira aprumada e abnegada.

De manhã, larga quota de tempo entre nevoeiro, correu-se de Ponte de Lima à Praia da Amorosa. Parecia que os 65 artistas ainda em palco não deixariam que, voando sobre o pelotão, o condor rapinasse algum cordeiro: afinal, três rostos ficaram na berma da estrada e dois colegas, tocados ainda por maior infortúnio, tiveram de entrar no Hospital de Viena do Castelo.

Mas, para os mais minuciosos na investigação, relembremos a história. À partida, o capitão Silva Oliveira (da Brigada de Trânsito da GNR) veio contar-nos que já tinha visto dois acidentes em menos de meia hora: o do futebolista «internacional» Eurico, cujo carro ardeu sobre a Ponte da Arrábida salvando-se o portista (por uma unha negra) de susto mais arrepiante e o que sucedeu com o automóvel do director da «Volta» (o nosso colega Serafim Ferreira) que, conduzido por Márcio Santos («Cácá» na caravana), fora quase cilindrado no choque com o veículo conduzido por um emigrante. A explicação que «Cácá» nos deu é confusa: no fim de contas, e como não houve (felizmente) danos pessoais, poderá dizer-se que se registou empate a um carro amachucado, com desempate na mesa de uma dupla saúde pela ressalva da integridade dos dois «colidentes».

Entremos, porém (e apenas) na competição ciclista, que tem muito que se lhe diga. Logo aos dois quilómetros, Cayn (confirmando o mau momento físico que atravessava há dois dias mas que com muito estoicismo não deixava transparecer) já vinha junto ao carro do médico, sempre a queixar-se da coxa e do joelho direitos. Porém, lá ía andando, como Deus e ele saberiam: e, no meio do turbilhão do pelotão, Maria vai com as outras, ía disfraçando a dor.

Ainda não se avistara Arcos de Valdevez e já o lousanense António Pinto tinha (por três vezes) esboçado tentativas de fuga. E também José Santiago viajava junto do dr. José Barreiro de Magalhães, tomando medicamentos para uma indisposição, tal como aconteceu um «furo» na bicicleta de Benedito Ferreira, com o «camisola amarela» a ser imediatamente ajudado pelo colega Fernando Ventura, que lhe cedeu a sua máquina e iria ser (daí a pouco) um dos infortunados da tirada.

Outras avarias batiam à porta de mais gente: Serafim Ferreira Vieira, José Oliveira e Belmiro Silva mas, com maior ou menor dificuldade, recolariam ao grosso do exército. E, quando se cruzou uma meta particular, em Arcos de Valdevez, os melhores eram Rui Sevilha (Boavista), António Pinto e Américo Silva (Lousa) mas a fita salpicada de várias matizes ainda prosseguia junta e com as armas ensarilhadas.

Mais se acentuou o nevoeiro que, como um manto, envolvia a caravana na subida para o Alto do Extremo, onde Eugénio Passos (Boavista), Américo Silva, Jacinto Paulinho (Sporting) e os lousanenses António Pinto e Manuel Zeferino pontuaram para a classificação de trepadores, que se concluía por meritório e assinalável êxito de Fernando Carvalho (93 pontos) à frente de «entourage» de luxo: Manuel Correia (68 pontos), Marco Chagas (51), José Santiago (41), Henri Abadis (36), Carlos Moreira (29), Joaquim Carvalho e Manuel Vilar (24) Américo Silva e José Poeira (23). Os últimos prémios (50,35 e 20 contos) assentavam como uma luva no lousanense e nos dois «leões» que galgavam o último degrau para o pódio.

Bem: adiante, que a corrida prosseguia e só do carro de apoio de Fernando Carvalho veio o buzinar estridente da saudação ao «rei da montanha».

Azar a cinco vezes

Foi na descida que os cavalões do «derby» resolveram partir toda a loiça. Endiabrada velocidade, curvas apertadíssimas ultrapassadas com o freio nos dentes, cada segundo a imaginar-se que alguém poderia rolar para a margem da fita de asfalto. Bernard Richard (Fagor) e Bernardo Sousa (Garcia Joalheiro) conseguem uma pequena dianteira e, à entrada do paralelo que marcava o quilómetro 57, já tínhamos passado o Palácio da Brejoeira (trono de vinhos fabulosos, como o «Alvarinho» e o «Muralhas», que o bom do nosso amigo Álvaro Evaristo, efémero cozinheiro dos «infantes», gosta de colocar na mesa do seu «Solar dos presuntos») e avistava-se Monção sem que ninguém imaginasse que um plúmbeo golpe de acaso iria perturbar a face da competição. O tenente António Rosa (comandante da Brigada de Trânsito que magnificamente acompanhou a «Volta») bem recomendou, por diversas vezes:

— Cuidado, muito cuidado: a toda a caravana se informa que, no fundo dessa rua, há um cotovelo com piso escorregadio (devido à chuva que ia caindo) e com uma inclinação muito difícil, pelo que os carros e os ciclistas devem ter andamento muito moderado.

Não se saberá como foi, a verdade é que, subitamente, a trinta metros para trás do carro do «DL», foi um pandemónio. Viaturas que batiam uma nas outras, em carambola de arrepiar e, daí a um minuto (se tanto) era um amontoado de corpos enrodilhados em bicicletas com muita gente gritando e outra tanta procurando colocar-se a salvo. No chão, deitando sangue de diversos ferimentos estavam Cayn, Jorge Corvo, Fernando Ventura, António Araújo e José Leite. Cayn foi logo encaminhado para a ambulância: o braço e a perna esquerda metiam dó. Leite ainda conseguiu montar na máquina mas logo tombou novamente e lá teve de ir também para o hospital. Os outros três parceiros de desventura, chorando e gemendo, desistiram daí a instantes. Sessenta sobreviventes fixavam a última assinatura na «Volta».

Só adianta acrescentar que o francês Bernard Richard ganhava (com vantagem de 26 segundos) na meta instalada na Praia da Amorosa, embolsando dinheiro que só visto. Todos os demais parceiros, encabeçados por Carlos Santos, Alexandre Rua e Américo Silva, chegariam colados como noivos.

E, enquanto as análises «antidoping» continuavam a acusar negativos, Eduardo Correia (amabilidade), Manuel Cunha (elegância) e Adelino Teixeira (melhor companheiro) subiam em três escadas onde a palavra dos colegas é preponderante e soberana rainha. Quanto a Bernard Richard, muitos beijinhos da amiguinha que viajava no carro conduzido pelo antigo campeão Fernando Mendes e ainda perto de duzentas Donas Marias em troca do esforço de uma viagem em estado de isolamento da concorrência.

Cayn (limão espremido até à medula) estava sendo submetido a intervenção cirúrgica quando, na Praia da Amorosa, os foguetes subiam ao ar anunciando a inédita visita de uma caravana voltista. Alcatruzes da nora ou (afinal) verso e reverso da mesma hora de glória que pode resvalar para a dor?

Loucura entre milhares

À tarde, loucura absoluta entre milhares de espectadores que emolduravam os empreendimentos que a Socitul está levando a efeito na Praia da Amorosa e para cuja publicidade, nesta «Volta», reservou os milhares de contos suficientes para fazer uma chegada, um contra-relógio e uma largada dentro dos seus terrenos. Pena que (nota de censura única em toda a «Volta») tivesse sido nula a colaboração que se esperava, muito logicamente, da GNR local, que foi pura e simplesmente passiva perante todos os atropelos cometidos por centenas de veículos que se movimentavam sem rei nem roque e por uma série de incidentes (qual deles mais lamentável) que se processaram no termo da corrida, com diversos companheiros da Comunicação Social espoliados de máquinas fotográficas e gravadores, com muita gente rebolando pelo chão sob a onda humana que queria tocar as suas vedetas, e no meio de um pequeno inferno, crianças gritando pelos pais, enquanto a GNR, muito provavelmente, estava em quartéis jogando à bisca.

Uma nota que merece que o comando-geral daquela corporação remeta reprimenda aos responsáveis por uma anarquia que foi (felizmente) única em todas as etapas da «Volta».

Outro tom

Aplausos, todavia, se endereçam aos ciclistas e a todos os seus acompanhantes oficiais: nem um só desvirtuou a verdade da corrida embora a falta de controlo policial permitisse todos os desmandos. O certo é que, por entre o crescente entusiasmo de vastíssima plateia, já arredado o fiel da balança (o britânico Cayn) jogou-se às cristas entre o Lousa e o Sporting, mais o Boavista e, à sua medida, também com intromissão do Torreense que pretendia, até ao limite das forças. defender o símbolo ostentado por Benedito Ferreira: mas, como se sabe, nestas andanças dos contra-relógios, quem tem melhores pernas e superiores capacidades é quem toca viola. Aconteceu isso com Marco Chagas, ao ultrapassar o fosso que o defendia do homem do Bombarral, passando (como que em golpe de mágica) a liderar todas as operações a 116 quilómetros do final na solarenta e bela Póvoa de Varzim.

Instintivamente, enquanto os ciclistas iam saindo para a estrada, recordei as palavras que, de manhã, tinha escutado de Cayn Theakston:

A equipa de reportage
viaja num
FIA
Gentilmente cedido pela Fiat

A nossa equipa de reportagem
VIAJA COM
Mobil

Dynuance
Ref.ª 5711
A nuance exacta
da sua ideia de branco

Agora, para interiores.
a Dyrup criou a Tinta Plástica Dynuance
À vida foi colher a verdade de todas
as nuances do branco, desde os brancos
Primavera à nostalgia dos brancos
do Outono:

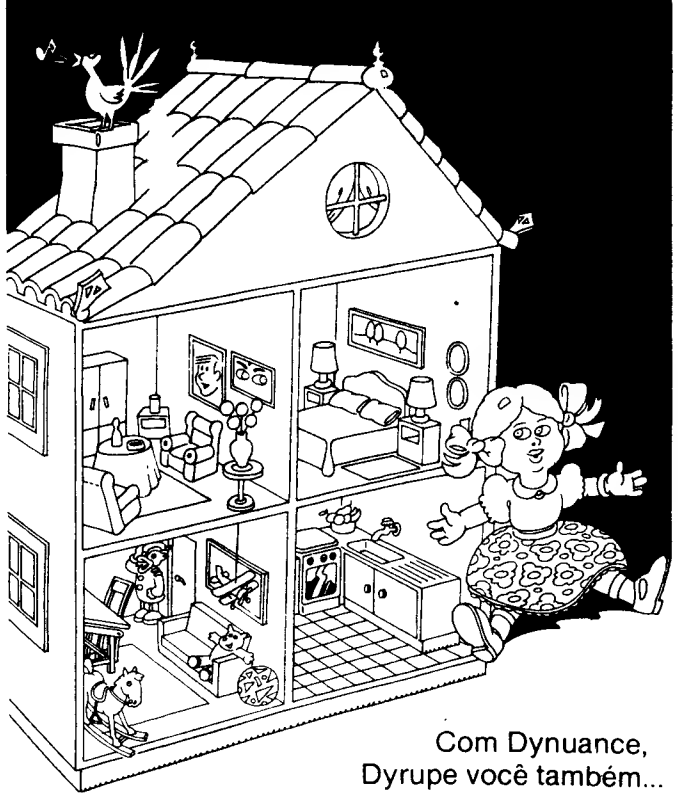
"Dynuance Azul"
A frescura da Primavera no quarto das crianças...

"Dynuance Creme"
A alegria das cores quentes do Verão para a sua sala...

"Dynuance Rosa"
No seu quarto, o convite ao sonho nos tons rosados de um entardecer de Outono...

"Dynuance Verde"
Um repouso estimulante. Um Inverno que se aconchega no calor da família!

"Dynuance Branco"
A coroar a claridade que escolheu, a elegância do branco total.



Com Dynuance,
Dyrupe você também...

TINTAS DYRUP

jados

en-
le-
no-
de,
ni-
ara
ra-
tro
que
a a
co-
va,
lo-
nte
pe-

reportagem do "DL"
iaja num
FIAT
pela Fiat Portuguesa SARL

de
am
ma
les
es-
om
Co-
de
va-
bo-
hu-
as
pe-
gri-
a
es-
à

e o
ra-
es-
que
las

re-
eus
im
or-
olo
es-
tre
as-
fiel
yn)
usa
e, à
in-
pre-
as.
por
o se
dos
me-
pa-
on-
, ao
en-
ral,
e de
era-
inal
de

os
es-
ue,
de

como exemplo fidelíssimo de alto profissionalismo e magnfica perseverança a definir uma carreira que lhe rasga as portas para glórias e famas superiores.

Marco: um espanto

A corrida, ao longo de sinuosos e difíceis 28 quilómetros, foi um festival para Marco Chagas, para o Sporting e para o valor conjunto dos homens do Lousa, sem tirar (também) o justo mérito que deve conferir-se aos aplicados axadrezados que deram nova alegria ao major Valentim Loureiro, que estava na meta ao lado de João Rocha e acompanhou (vibrando) a prova do boavisteiro Manuel Neves.

Benedito era um homem conformado à arrancada para a Póvoa de Varzim

— O Marco rola bem e, pelo gráfico do livro da «Volta», o percurso está a seu favor. Só em caso de grande azar posso chegar lá: ele tem uma senhora equipa e eu tenho de socorrer-me quase só de mim.

Depois, apontando um colega da Imprensa:

— Aquele sujeito é que me perturbou, ontem, antes do contra-relógio. Veio dizer-me que eu tinha acusado uma análise positiva no controlo «anti-doping». Só não lhe parti a cara por um acaso...

Mais sereno:

— Perdi a «Volta» nos últimos cinco quilómetros do contra-relógio por causa desse senhorito, que me enervou tanto que nem quero lembrar!

O número dois desta «Volta» iria contar-me:

— Ganho 60 contos por mês, no Torrieense/Sicasal, mas gasto por ano mais de 250 contos só em material. Claro que não sou dos que recebomenos, mas a vida está tão difícil que, se calhar, daqui a umas semanas embarco para os Estados Unidos. Lá, na construção civil ganha-se mais que por cá, em qualquer ramo de trabalho.

Ali, mesmo à mão de semear, estava Carlos Moreira, provavelmente a grande revelação desta «Volta». Ele a falar:

— Tenho 19 anos, faço vinte na 4.ª-feira. Não namoro, vivo com os meus pais (Luciano e La Salette) **e mais os meus irmãos** (Mário e Elisa) **em Potena, nos arredores de Torres Vedras. Já corri pelo Potena e pelo Alguerra e agora, como profissional, recebo 45 contos por mês. Parece que o Sangalhos/Recer está a contar comigo para a próxima época mas como há mais equipas interessadas, não estou nada preocupado quanto ao futuro.**

«Se vou seguir a carreira de ciclista profissional? Claro: agora, mais que nunca.»

Serafim Ferreira que dirigiu a Volta com o saber de um grande expert, felicita o vencedor

Muda a agulha:

— Esta foi uma «Volta» muito boa para o ciclismo, mas má para o Lousa que vinha para ganhar tudo. E, verdadeiramente, fomos a equipa que andou sempre na frente: o Sporting limitava-se a seguir na nossa roda. O que vale é que hoje vamos atirar tudo abaixo...

(Aconteceu: foi a tal saída final, até à Póvoa de Varzim, com Luís Domingos metido na fuga a garantir o êxito global dos lousanenses na corrida.)

Mas, continua a palavra de Fernando Carvalho:

— A «Volta» seria mais disputada se não estivesse comprimida por guerras tácticas. O inglês teve a vitória perfeitamente ao alcance e, se não tem sofrido aquele acidente, era quem ganhava isto. Correu com muita cabeça mas teve azar na queda.

Eu teria corrido como ele: estava na mó de cima, enfiava-se dentro do pelotão e não dava cavaco a ninguém: só acompanhava os «chefes» a rolar.

Cayn passa por ele e pisca o olho. Sobre a testa, um chapéu de palha. No rosto, o mesmo tom galhofeiro de sempre: e as tais duas palavras continuamente despedidas às miúdas que lhe queriam tocar.

Serviço de transmissões da Volta, através de um
GRUNDIG
cedido gentilmente
pela Grundig Portuguesa.

Outro parceiro: Fernando Carvalho, 23 anos, natural e morador em S. Paio de Oleiros (Vila da Feira):

— O meu pai o antigo ciclista Alberto Carvalho) **veio ver-me e está muito contente pelo lugar que consegui.**

O moço é casado: a mulher chama-se Celeste e o casal ajuda o pai no comando de um café, lá na terra.

— Se continuo no Lousa? POde ser e pode não ser. Vários clubes estão interessados no meu concurso mas devo já acrescentar que nenhum é o Sporting ou o Boavista. Recebi propostas de portugueses (Porto preparando o ressurgimento?) e de estrangeiros (Fagor prepara uma equipa que corra em Espanha e França?) mas ainda nada decidi.

Conta:

— Ando com duas bicicletas que o Lousa me emprestou e ganho ordenado durante dez meses: no resto, trabalho lá no café.

— Quanto ganha por mês? Setenta, oitenta contos?

Fernando Carvalho quase ri à gargalhada:

— Estava bem tramado! Mal de mim se só me pagassem isso...

Parada final

Adivinhava-se que a ligação para o pódio, na Póvoa de Varzim, poderia ser uma espécie de triunfal passeio para Marco Chagas mas que o Lousa (sem nada a perder), iria tentar tomar de assalto o castelo defendido colectivamente pelos «leões». À partida da Praia da Amorosa, o técnico lousanense Orlando Alexandre garantia-nos:

— Vamos atacar, custe o que custar. Temos de ganhar por equipas, nem que os meus rapazes caiam todos no caminho!

De facto, logo ao golpe de largada se assistiu ao previsto: Alvalade fazendo completa cercadura em torno do seu chefe de fila e a legião de Lousa a tentar a derradeira «chance». Do carro do director da corrida chegava uma notícia inesperada: primeiro controlo «antidoping» positivo tocara ao tavirense Luciano Soares: infelizmente, a turma de tavira tem sido, através dos tempos, tocada por casos semelhantes, o que reflecte (talvez) certa incúria dos seus responsáveis na catequisação para os atletas fugirem de uma tentação que é meramente ilusória e só ajuda a desvirtuar a capacidade pessoal para enfrentar dificuldades e momentos menos agradáveis.

O certo é que, no pelotão, Luciano Soares não teve qualquer gesto de revolta e, no termo da etapa, apenas diria que tomava exactamente os mesmos medicamentos que os seus colegas e a generalidade dos demais atletas que têm sido chamados ao controlo. Se irá para um pedido de contra-análise? Coisa para decidir durante o dia de hoje. Caso contrário, lá teremos o trivial neste caso: suspensão de actividade por um mês (possibilidade de pena suspensa) e multa no valor de mil francos suíços.

Mas, por entre dezenas e dezenas de milhares de pessoas, a prova galgava terreno, a caminho da Póvoa de Varzim. Soltos da jaula, os «leões» protegiam Marco Chagas. Bandas e orquestras, no percurso para festas e romarias, tocavam marchas alegres à passagem dos ciclistas. Quatro ou cinco almoços de casamento pararam os talheres: e toda a gente correu a ver os «heróis do pedal».

Continuavam os «esticões»: Henri Abadie, Carlos Santos (colado ficou Alexandre Rua), Barcelos como um mar humano vitoriando a serpente colorida. Fernando Almeida (Ajacto) tenta uma surtida, assim como quem não quer a coisa: qual quê! Estava tudo grudado e, especialmente, José Sousa Santos não lhe perdoou a mostra de ousadia.

Foi aí por alturas do quilómetro 45 que a primeira «fuga» autêntica foi tacitamente permitida. Antes, fora a vez e a pedalada de Gaspar Gonçalves e Christian Chaubet, ambos a entrarem pelo tinteiro. Porém, com a galgadela de Joaquim Salgado e uma aparente falência táctica de Emídio Pinto, preferindo resguardar a «amarela» com toda a sua patrulha a perseguir quem tentasse escapulir-se, aconteceu o golpe de misericórdia de Orlando Alexandre: Luís Domingos arranca como uma flecha, junta-se a Salgado e ambos recobrem, num torvelinho de boas intenções, José Santiago, Carlos Pereira e José Sousa Santos, minuto a minuto mais terreno ganhando em relação à esquadra perseguidora e, com magnífica entreajuda, atingindo a meta na Póvoa de Varzim de modo ao trio superior contar três minutos e quatro segundos à melhor do pelotão quase geral o que significava, a par de belo triunfo pessoal para José Santiago (Torreense/Sicasal) e seus parceiros de companhia mais directa (o «ajacto» Claros Pereira e o lousanente Luís Domingos) o sucesso de Orlando Alexandre na colocação do seu bloco à frente do Sporting o que, em certa medida é bela desforra do aparente conformismo que tolheu homens como Manuel Cunha e Manuel Zeferino na escalada que estava perfeitamente ao alcance do duplo mérito já mais que amplamente confirmado em outros exames.

Último «sprint«

Na meta, um sujeito pára a reflectir. A multidão cerca o seu ídolo mas não recusa aplauso igualmente aos que somente se podem orgulhar de ter completado, sobre a máquina, a mais bela e dura das «Voltas» realizadas desde que Agostinho foi incontestado rei e senhor por estas paragens. Venceslau Fernandes (42 anos à porta) era um home feliz:

— No dia da caminhada para a Estrela, estive sempre em segundo ou terceiro lugar. Depois, aconteceu-me um problema intestinal e, como não tinha ciclistas que me ajudassem muito, tive de renunciar a ir mais longe preferindo acabar como fosse possível.

Com um tom vincadamente irónico:

— O Sporting não tem treinador esperto. Se soubesse que o Marco é (mesmo) o melhor ciclista português, tinha ganho tudo quase a brincar!

Depois:

— O Lousa também teve a Volta perfeitamente na mão, naquela etapa da «fuga» do Fernando Carvalho, com o rapaz mais que primeiro, caramba! Aconteceu que o Marco teve a seu favor a desistência do inglês: senão o Cayn era o vencedor.

«Mas, sabe uma coisa? Bem administrado, também o Benedito tinha isto na mão. Enfim: foi o que calhou. E não retiro qualquer mérito ao Marco, até lhe dou os melhores parabéns. Mas gostava mais que ele tivesse competido até à última com o inglês...

Pensa um nadinha. E responde:

— Sim. Não me vou ainda embora. No fim de contas, estou a ver que os novos podem continuar-nos mas ainda não metem medo aos «velhos». E já não falo só por mim: veja o Benedito!

Cumprira-se a média de 41,907 km/h. Jacinto Paulinho e Carlos Correia encaminham-se para local reservado: é preciso fazer chichi para um frasquinho, sem isso não haverá dinheiro para ninguém.

Marco está afogado: um círculo de abraços que parecem não ter fim. Cayn, braço esquerdo ao peito e cotovelo direito ligado, parece um garoto em férias, ninguém diria que está ali, naquele garoto loiro, um personagem verdadeiramente central da Volta, ainda no sábado, ao cair do sol, cidadão recordado quase com lágrimas nos olhos por um punhado de recentes amigos. Cayn que, passando pelo hospital de Viana do Castelo estava à noite num arraial popular, brincava com as moças minhotas e, sem embargo algum na voz, ia despejando sobre as novas amigas as duas únicas palavras que já sabe de português, mas eu não digo quais são para ninguém corar de vergonha...

Hora de louros

Enfim: a «Volta» terminou. Marco Chagas é um homem muito feliz:

— Aos 30 anos, consegui a

Continua na pag 14

O traço de Pargana

Marco Chagas segundo o traço de Pargana

Uno! um carro Único!

48.ª VOLTA A PORTUGAL

Guerra táctica resolvida na última arrancada

Continuação da pág. 13

minha quinta vitória na «Volta» porque continuo a não considerar como perdida aquela que deram ao Joaquim Sousa Santos. Mas, deixemos isso, façamos de contas que este é o meu quarto êxito. Julgo que já convenci as pessoas suficientemente sobre o meu valor, mas nesta hora de enorme alegria quero ter uma palavra de recordação para Joaquim Agostinho: foi o meu ídolo e sempre tentarei ser como ele, um homem simples e modesto, um campeão de corpo inteiro que nunca mostrou orgulho mesmo quando era o melhor de todo o pelotão.

No entanto, se me é permitido, quero dedicar este triunfo à minha mulher, à minha filha e aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e em todos os momentos me deram a maior confiança. Também vai uma palavra de muito reconheciemnto para o Sporting e para o meu técnico: Emídio Pinto, melhor que ninguém, soube aconselhar-me e preparar um plano que resultou na vitória.

Com tranquilidade:

— Confesso que tive a estrelinha da sorte pelo meu lado e que a desistência do Cayn facilitou um pouco as operações do Sporting para me apoiar. Porém, acontecesse o que calhasse, já tinha prometido a mim mesmo: no final da próxima temporada deixo de correr. É tempo de descansar, de passar o testemunho aos mais novos.

— Que vai fazer? Continuará ligado ao ciclismo?

Marco garante:

— Certo que sim. Foi a minha vida, é a minha vida.

— Em que sector continuará? Como técnico?

— Talvez não. Tenho outras hipóteses à frente...

Aqui para nós: será que (finalmente) a RTP conseguiu um excelente comentador de ciclismo? O tempo terá a palavra.

Cayn: este rapazinho inglês deu água pela barba à concorrência até tombar

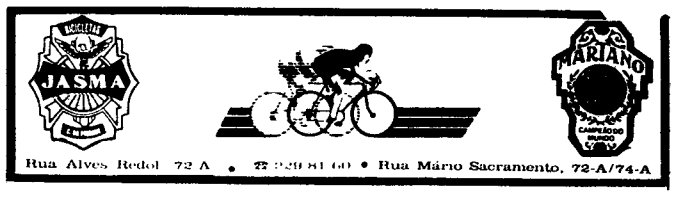
O lavar dos cestos

Tomba a noite, quando sai o último comunicado do júri da «Volta» e, desta vez, em português menos macarrónico que o habitual. Multa de dois mil e quinhentos escudos ao director desportivo do Boavista: ficou com uma camisola amarela que tinha pedido emprestada e só a devolveu à organização a muito custo. Depois, uma torrente de agradecimentos: o trivial nestas andanças. Os últimos contos de réis foram para Santiago, Sousa Santos e Luís Domingos mas o grosso das «massas» será confortável pecúlio para os grandes comandantes do pelotão: Marco Chagas, entre dinheiros oficiais e particulares, metida também a bela fatia prometida pelo Sporting e pelo patrocionador da turma, mais dos homens que dominam o negócio de bicicletas, embolsará perto de mil contos.

Foram cerca de 2700 quilómetros sobre bicicletas: se o leitor for capaz de copiar a proeza, receba os nossos antecipados parabéns. É um atleta de corpo inteiro. Se, como nós, preferir olhar para o palco, faça como diz o Raul Solnado: quem não sabe, bate palmas. É isso que endereçamos aos 60 triunfantes nesta longa, dura, acre, ensanguentada, suada e alegre «Volta a Portugal».

NEVES DE SOUSA

Tudo ficou assim



Geral Individual

1.º	Marco Chagas (Sporting)	73	50	17
2.º	Bnenedito Ferreira (Torreense)	a		15
3.º	António Pinto (Lousa)	a	01	56
4.º	Fernando Carvalho (Lousa)	a	01	59
5.º	Carlos Moreira (Sangalhos)	a	02	21
6.º	Manuel Cunha (Lousa)	a	02	55
7.º	Manuel Zeferino (Lousa)	a	03	01
8.º	Manuel Correia (Sporting)	a	05	15
9.º	Manuel Neves (Boavista)	a	05	23
10.º	Jacinto Paulinha (Sporting)	a	05	59
11.º	António Alves (Boavista)	a	07	25
12.º	Marcos Mazzaron (Caloi)	a	08	04
13.º	Eduardo Correia (Sporting)	a	08	22
14.º	Venceslau Fernandes (Ajacto)	a	09	14
15.º	José Xavier (Sporting)	a	09	36
16.º	Belmiro Silva (Sangalhos)	a	11	45
17.º	José Passos (Boavista)	a	12	27
18.º	Carlos Santos (Lousa)	a	13	07
19.º	Alberto Leal (Torreense)	a	15	35
20.º	José Poeira (Lousa)	a	16	27
21.º	Gabriel Sabino (Caloi)	a	17	17
22.º	Luís Domingos (Lousa)	a	17	26
23.º	José Marques (Boavista)	a	17	42
24.º	Manuel Vilar (Sangalhos)	a	18	21
25.º	José Santiago (Torreense)	a	18	31
26.º	Fernando Fernandes (Sporting)	a	18	55
27.º	Alexandre Rua (Sporting)	a	19	35
28.º	José S. Santos (Sangalhos)	a	19	45
29.º	Adelino Teixeira (Lousa)	a	20	11
30.º	Joaquim Gomes (Sporting)	a	21	13
31.º	Henri Abadie (Fagor)	a	27	22
32.º	António C. Araújo (Ajacto)	a	27	58
33.º	Serafim Vieira (Sporting)	a	28	15
34.º	Pedro Silva (Sangalhos)	a	28	47
35.º	Carlos Pereira (Ajacto)	a	30	20
36.º	Américo Silva (Lousa)	a	31	51
37.º	Raul Matias (Tavira)	a	32	42
38.º	Alfredo Gouveia (Louletano)	a	36	03
39.º	Bernard Richard (Fagor)	a	36	24
40.º	Constâncio Reis (Tavira)	a	37	35
41.º	Joaquim Salgado (Garcia Joalheiro)	a	38	52
42.º	Joaquim Fernandes (Garcia Joalheiro)	a	39	10
43.º	Luciano Soares (Tavira)	a	41	58
44.º	Marino Fonseca (Garcia Joalheiro)	a	43	24
45.º	Christian Chaubert (Fagor)	a	45	30
46.º	Luís Cruz (Tavira)	a	51	41
47.º	Gaspar Gonçalves (Olhanense)	a	53	13
48.º	Hélder Domingos (Olhanense)	a	53	51
49.º	Jorge Evangelista (Tavira)	a	55	23
50.º	Paulo Silva (Torreense)	a	57	47
51.º	Joaquim Carvalho (Garcia Joalheiro)	a 1	00	29
52.º	Carlos Correia (Caloi)	a 1	03	59
53.º	Bernardo Sousa (Garcia Joalheiro)	a 1	04	29
54.º	Etlazo Metzapoza (Louletano)	a 1	04	43
55.º	Eugénio Passos (Boavista)	a 1	04	50
56.º	António Silva (Garcia Joalheiro)	a 1	06	20
57.º	Fernando Almeida (Ajacto)	a 1	10	48
58.º	Rui Sevilha (Boavista)	a 1	15	05
59.º	João Roque Jr. (Torreense)	a 1	56	13
60.º	José Oliveira (Garcia Joalheiro)	a 2	09	40

ATOM JASMA
BICICLETAS E ACESSÓRIOS DE COMPETIÇÃO
COVA DA PIEDADE — 2800 ALMADA

Equipas

1.º	Lousa	221	30	19
2.º	Sporting	a	02	44
3.º	Boavista	a	03	34
4.º	Torreense	a	19	01
5.º	Sangalhos	a	19	57
6.º	Ajacto	a	30	11
7.º	Tavira	a 1	03	02
8.º	Caloi	a 1	13	11
9.º	Fagor	a 1	29	53
10.º	Garcia Joalheiro	a 1	32	26

Pontos

1.º	Carlos Santos (Lousa)	66	pontos
2.º	Marco Chagas (Sporting)	45	"
3.º	Alexandre Rua (Sporting)	44	"
4.º	Américo Silva (Lousa)	28	"
4.º	Carlos Moreira (Sangalhos)	25	"

Montanha

1.º	Fernando Carvalho (Lousa)	93	pontos
2.º	Manuel Correia (Sporting)	68	"
3.º	Marco Chagas (Sporting)	51	"
4.º	José Santiago (Torreense)	41	"
5.º	Henri Abadie (Fagor)	36	"

Metas volantes

1.º	Carlos Santos (Lousa)	31	pontos
2.º	Alexandre Rua (Sporting)	16	"
3.º	Joaquim Salgado (Garcia Joalheiro)	11	"
4.º	Marcos Mazzaron (Caloi)	10	"
5.º	Carlos Moreira (Sangalhos)	8	"

Combinado

1.º	Marco Chagas (Sporting)	6	pontos
2.º	Fernando Carvalho (Lousa)	12	"
3.º	Carlos Moreira (Sangalhos)	16	"

Prémio da Juventude

1.º Carlos Moreira, (Sangalhos)
2.º Manuel Correia, (Sporting)
3.º José Santiago, (Torreense)

Automobilismo

Nova "dobradinha" brasileira no Grande Prémio da Hungria

O brasileiro Nelson Piquet assinou uma página importante na história da Fórmula Um ao vencer o primeiro grande prémio disputado num país de Leste, concretamente na Hungria.

Piquet conquistou assim, a sua segunda vitória consecutiva, o que lhe permite agora entrar na luta pelo título mundial somando 47 pontos, menos um que o segundo classificado e seu compatriota Ayrton Senna e a oito pontos do líder Mansell, seu companheiro na Williams.

Ayrton Senna, da Lotus, alcançou a segunda posição ao cabo de duas horas de prova, o tempo limite, mas a luta travada entre os dois brasileiros levou ao rubro os entusiásticos 200 mil espectadores presentes no circuito húngaro, gastando mais 17,67 segundos que Piquet que, concluiu 76 das 77 voltas previstas para o circuito, à média de 151.804 quilómetros por hora.

Piquet, que assinou também a volta mais rápida do circuito com 1.31,001 minutos, alcançou a sua 16.ª vitória em grandes prémios, depois de ter triunfado há quinze dias no circuito de Hockenheim, na Alemanha Federal.

O britânico Nigel Mansell, comandante do mundial, conseguiu a 3.ª posição a uma volta do seu companheiro de equipa, Nelson Piquet, que deu à Williams a sétima vitória da época.

O francês Alain Prost, actual campeão mundial, foi obrigado a abandonar cedo a competição, devido a problemas eléctricos no seu McLaren, mas continua no 3.º lugar do mundial com 44 pontos.

Ordem de chegada

1.º, Nelson Piquet, Brasil, Williams-Honda, 2h00m34,508s; 2.º, Ayrton Senna, Brasil, Lotus-Renault, a 17,673; 3.º, Nigel Mansell, Grã-Bretanha, Williams-Honda; a 1 volta; 4.º, Stefan Johansson, Suécia, Ferrari, 1 volta; 5.º, Johnny Dumfries, Grã-Bretanha, Lotus-Renault, 2 voltas; 6.º, Martin Brundle, Grã-Bretanha, Tyrrell-Renault, 2 voltas; 7.º, Patrick Tambay, França, Lola-Ford, 2 voltas; 8.º, Philippe Streiff, RFA, Tyrrell-Renault, 2 voltas; 9.º, Philippe Alliot, França, Ligier, 3 voltas e 10.º, Jonathan Palmer, Grã-Bretanha, Zakspeed, 6 voltas.

Os restantes pilotos não se classificaram.

Como vai o «mundial»

Pilotos: 1.º, Nigel Mansell, Grã-Bretanha, 55 pontos; 2.º, Ayrton Senna, Brasil, 48; 3.º, Nelson Piquet, Brasil, 47; 4.º, Alain Prost, França, 44; 5.º, Keke Rosberg, Finlândia, 19; 6.º, Jacques Lafitte, França, 14; 7.º, René Arnoux, França, 14 e 8.º, Stefan Johansson, Suécia, 10.

Construtores: 1.º, Williams-Honda, 102 pontos; 2.º, McLaren-Marlboro, 63; 3.º, Lotus-Renault, 50; 4.º, Ligier-Gitanes, 28; 5.º, Ferrari, 16; 6.º, Benetton-BMW, 8; 7.º, Tyrrell-Renault, 6 e 8.º, Brabham-BMW, 2.

Biasion venceu o Rali da Argentina

A dupla italiana Massimo Biasion/Tiziano Siviero, num Lancia DS4, venceu a 6.ª edição do Rali da Argentina, pontuável para o campeonato do mundo.

Os finlandeses Markku Alen e Ilkka Kivimaki, também em Lancia DS4, classificaram-se na 2.ª posição e os suecos Stig Blomqvist e Bruno Berglund, em Peugeot 205 GTI, na terceira.

Classificação final: 1.º Biasion-Severo, 6.36,26 horas; 2.º Alen-Kivimaki, 6.36,50; 3.º Blomqvist-Berglund, 6.41,40 e 4.º Recalde-Del Buono, 6.41,33.

Fórmula Ford: António Simões foi desclassificado

António Simões terminou em 4.º lugar na prova de Fórmula Ford disputada em Snetterton, a cerca de 135 quilómetros de Londres, mas foi desclassificado por ter subido um corrector.

O piloto português, que disputa o Troféu Fórmula Ford 1600 em Inglaterra, partiu na segunda linha da grelha, com o quarto melhor tempo, depois de, no último minuto da derradeira sessão de treinos, ter perdido dois lugares.

Totobola: a chave

A chave do concurso número 32 do Totobola é a seguinte:

1.	B. Leverkusen-Schalke	1
2.	Bayern-B. Dortmund	X
3.	E. Frankf-F. Dusseldorf	1
4.	Bochum-Colónia	1
5.	W. Bremen-Nuremberga	1
6.	BW 90Berlim-Kaiserslaut	2
7.	Celtic-Dundee	1
8.	Dundee Un.-Aberdeen	1
9.	Hibernian-Rangers	1
10.	Aarau-Neuchatel	2
11.	Servette-Lucerna	1
12.	Sion-Basileia	1
13.	Zurique-Grasshopper	2

O valor de cada prémio é de 3 740 247 escudos.

Totoloto

«Chave»: 6 - 13 - 18 - 24 - 34 - 38 (11)

Totobola: jogue connosco

Concurso n.º 33/86
17 Agosto/86

Kaiserslautern-B.Mongladbach	X
Nuremberga-Bochum	1
F. Dusseldorf-Bayern	X
Schalke 04-Manheim	1
B. Uerdingen-BW 90 Berlim	1
Hamburgo-W.Bremen	1
Locarno-Chau-de-Fonds.	2
Lucerna-Aarau	X
Neuchatel-Lausana	1
St. Gallen-Grasshopper	X
Vevey-Basileia	X
Wettigen-Young Boys	X
Zurique-Servette	1

Manniche: exibição e dois golos

Futre teve festa na sua terra e mostrou (mais uma vez) o seu talento à boa gente do Montijo

Belenenses-América. Djão disputa a bola e Alberto assiste

Taça Internacional de Lisboa fica no painel dos benfiquistas

● *Na final: Sporting, 0-Benfica, 2*

Pela terceira vez, o Benfica conquistou a Taça Internacional de Lisboa que se vem disputando desde 1981, ano em que triunfou a selecção da Hungria enquanto o Sporting arrecadava o troféu em 1984. Depois de haver vencido o Brugge por contundente três-zero a turma benfiquista foi a Alvalade e venceu facilmente o seu opositor e temido rival por 2-0, que na véspera havia derrotado a turma belga por 2-1.

Sobre o triunfo dos «leões» sobre a equipa belga, diga-se que ela foi totalmente merecida, já que durante todo o encontro lhe coube domínio absoluto. De referir o facto do goleador que José Torres ignorou quando formou o elenco dos «infantes» haver marcado os golos da sua equipa. Manuel Fernandes, para além de ser o goleador «de serviço», realizou uma exibição de alto nível bem secundado por Fernando Mendes, a aparecer neste início de temporada em forma espantosa.

Nesse encontro arbitrado por Pinto Correia (Lisboa) as equipas alinharam:

SPORTING: Damas; Gabriel, Morato, Venâncio e Fernando Mendes; Virgílio, Zinho, Oceano e Silvinho; Manuel Fenandes (Mário, 78) e Raphael Meade.

FC Brugge: Jense; F. Can Der Elst, Broos, Houwaart (Mahmmoud, 53) e Queter (De Gryse, 61); Leo Van Der Elst, Ceulemans, Creve (Audoor, 72) e Brylle; Beyens e Rosenthal.

Sporting, 0-Benfica, 2

Sob a arbitragem de Vítor Correia as equipas alinharam:

SPORTING: Damas; Gabriel (Mário Jorge, 45), Venâncio, Morato e Fernando Mendes; Zinho, Virgílio e Oceano; Manuel Fernandes, Silvinho (Mário 67) e Meade.

BENFICA: Neno; Veloso, Oliveira, Samuel e Álvaro; Carlos Manuel, Vando (Chiquinho, 82), Nunes e Shéu; Diamantino (José Luís, 76) e Manniche (Rui Águas, 63).

Mesmo jogando em casa, o Sporting sentiu muitas dificuldades na manobra atacante, ainda que tenha sido a primeira equipa a criar perigo, depois de Meade ter obrigado Neno à primeira defesa da noite, aos 3 minutos de jogo.

Shéu exibe o troféu

À passagem dos 10 minutos, o Benfica era já a equipa com melhor fio de jogo, aproveitando da melhor forma as desatenções defensivas da equipa contrária.

Aos 16 minutos, **Manniche** inaugurou o marcador, desviando o esférico de Damas, na sequência de um livre apontado por Vando para a cabeça de Nunes.

Após o golo, o Benfica surgiu mais confiante e a maior força física dos seus jogadores acabaria por ser determinante no desenrolar dos acontecimentos, enquanto o ataque sportinguista se mostrava incapaz de ultrapassar a defensiva benfiquista, que terá testado, com algum êxito, o sistema de defesa em linha.

Com o reatar da partida, o Sporting fez entrar Mário Jorge para o lugar de Gabriel, actuando Oceano a defesa direito, e momentaneamente pareceu capaz de mudar o rumo aos acontecimentos.

No entanto, a noite pouco feliz de Meade e Silvinho não permitiu o empate, acabando por ser o Benfica a marcar o segundo golo, de novo por **Manniche,** após jogada de Carlos Manuel, que desmarcou bem Diamantino para o cruzamento executado para a cabeça do dinamarquês.

Até final foi ainda o Benfica a controlar os acontecimentos, perante um Sporting descontrolado e sem objectividade que parece não ter conseguido ainda colmatar as baixas sofridas no seu plantel.

Futebol de Norte a Sul

Para que os treinadores possam ir testando o seu plantel e para que os tesoureiros vão colhendo algum pecúlio, succdem-se jogos de carácter particular e uns tantos torneios. No passado fim-de-semana realizaram-se os seguintes encontros: Belenenses-América (1-1), Varzim-Fafe (2-2), Montijo-FC Porto (1-6), Atletico Luquenha-Portimonense (2-1), Braga-Boavista (0-0), Marítimo-Nacional (4-0), Estoril-Elvas (1-4), Fafe-Salgueiros (2-2) e V. Guimarães-At. Bilbau (2-4).

Realce para a estupenda exibição do zairense Mapuata no encontro Belenenses-América e para a homenagem dos adeptos e demais população do Montijo a Paulo Futre que esteve na origem da realização do encontro [illegible] o clube local e os campe[illegible]nacionais.

Atletismo

Três recordes nacionais nos campeonatos de Portugal

Na prova dos 1500 metros femininos a bracarense Conceição Ferreira (que liderou durante algum tempo) acabou por ser superada por Fernanda Marques (que venceu) e por Fernanda Ribeiro

Recordes nacionais assinalaram os campeonatos de Portugal de atletismo, no Estádio Nacional, com Álvaro Silva, José Regalo e Carlos Cunha a superarem os recordes de 400, 3000 metros obstáculos e lançamento do dardo.

Quadro dos Campeões

Masculinos:
110 metros barreiras: João Lima (Sporting) 14,4 segundos
Martelo: José Pedroso (Benfica) 53,38 metros
Vara: Manuel Miguel (Benfica) 4,85 metros
100 metros: Arnaldo Abrantes (Sporting) 10,52 segundos
1500 metros: António Monteiro (Sporting) 3.42,58 minutos
Comprimento: Carlos Medeiros (Benfica) 7,33 metros
400 metros: Álvaro Silva (Benfica) 46,81 segundos
Disco: Paulo Santos (Sporting) 51,42 metros
3000 metros obstáculos: José Regalo (FC Porto) 8.24,40
400 metros barreiras: Joaquim Carvalho (Sporting) 53,37
200 metros: Arnaldo Abrantes (Sporting) 21,44
Peso: Mário Pinto (Cipa) 15,72
Altura: Luis Mário (Sporting) 2,10
Triplo: José Leitão (Cipa) 16,06
800 metros: Álvaro Silva (Benfica) 1.47,58
Dardo: Carlos Cunha (Sporting) 70,32
5000 metros: Domingos Castro (Sporting) 13.24,89
20 km marcha: José Urbano (Benfica) 1.29,19

Femininos:
100 metros barreiras: Cristina Eduardo (DA) 15,29 s.
100 metros: Virgínia Gomes (Benfica) 11,67 s.
Dardo: Ana Morais (Sporting) 44,26 metros
Altura: Graça Borges (Benfica) 1,65 metros
1500 metros: Fernanda Marques (ANA) 4.17,08
Peso: Adília Silvério (Benfica) 13,84 metros
400 metros: Maria João Lopes (Benfica) 54,81 s.
400 metros barreiras: Marta Moreira (Cipa) 59,81
Comprimento: Ana Oliveira (Benfica) 6,02
800 metros: Carla Sacramento (Benfica) 2.11,65
200 metros: Graziela Guerreira (Benfica) 24,34
Disco: Teresa Machado (SG) 46,30
3000 metros: Albertina Dias (Boavista) 9.17,96
10 km marcha: Ana Bela Aires (CPMA) 53,57

Chile:

Espionagem e pressões pela democracia deterioram relações com Washington

Luis Alberto Jara/IPS

A probabilidade de os Estados Unidos aplicarem pressões económicas contra o regime militar chileno para o obrigar a adoptar medidas concretas para o retorno à democracia, e uma alegada espionagem norte-americana às Forças Armadas deste país, deterioraram em princípios deste mês as relações entre Santiago e Washington.

O influente periódico «New York Times» revelou no dia 3 deste mês que o Gabinete Federal de Investigações (FBI) está a investigar uma denúncia sobre a alegada entrega de informação de estado altamente secreta por parte do senador republicano Jesse Helms, ou por um dos seus assistentes, ao governo do general Augusto Pinochet.

Jesse Helms esteve em Santiago em meados de Julho tendo publicamente dado o seu apoio ao regime militar instalado no poder através de um golpe de Estado, há quase 13 anos.

O optimismo governamental chileno devido à bonança económica, produto da baixa das taxas de juros, do preço do petróleo, que parecia irradiar confiança para a estabilidade política do regime, sofreu um forte abanão a partir do incidente em que dois jovens foram queimados vivos por uma patrulha militar, segundo testemunhas oculares.

Tal episódio, comentou um porta-voz da oposição em Santiago, «foi como uma gota de água que fez transbordar o copo, no que se refere às infracções aos direitos humanos».

O impacto mais forte e de conotações cada vez mais amplas produziu-se nos Estados Unidos, em virtude de um dos jovens queimado com um líquido altamente inflamável em Julho passado ser Rodrigo Rojas Denegri, de 19 anos, filho duma chilena exilada há 10 anos nos Estados Unidos.

Manifestação de um movimento católico contra a tortura

Corte de créditos

Em princípios deste mês, o subsecretário de Estado para os Assuntos Inter-Americanos, Elliot Abrams, reiterou críticas ao regime de Pinochet e anunciou a possibilidade de os Estados Unidos dificultarem a concessão de créditos a este país no Banco Mundial e no Banco Inter-Americano de Desenvolvimento (BID).

Abrams revelou que Washington utilizaria outras estratégias a fim de convencer Pinochet a estruturar uma via concreta de transição para a normalidade institucional.

Como expressou o funcionário norte-americano, aludindo ao regime chileno, «temos poucas cenouras e poucos garrotes disponíveis».

Concretamente, o directório do Banco Mundial vai estudar em Outubro a concessão de um empréstimo de 250 milhões de dólares ao Chile destinado a um ajustamento estrutural da economia local, mas se o representante norte-americano nesta instituição de crédito se opuser, poucas são as possibilidades da sua aprovação.

Abrams e o embaixador dos Estados Unidos em Santiago, Harry Barnes, disseram que existe uma legislação norte-americana que vincula a concessão de empréstimos a respeito dos direitos humanos em cada país.

«Não há uma explicação razoável para justificar frequentes falhas para identificar, perseguir e punir os responsáveis de crimes violentos no Chile, continuamos a receber informações fidedignas sobre a prática de tortura pelas forças de segurança e sabemos das rusgas do governo nos bairros pobres», comentou Abrams em Washington.

A provável filtragem de segredos de estado norte-americanos para o regime militar chileno originou uma acesa polémica entre o Departamento de Estado e o senador ultra-conservador Helms, na qual são frequentemente mencionadas a Agência Central de Informações (CIA) e o Gabinete Federal de Investigações (FBI).

Espionagem

A deterioração das relações Santiago-Washington adquiriu outra conotação a partir de um comentário publicado a 5 deste mês pelo «Washington Post» sobre alegada espionagem norte-americana nas Forças Armadas chilenas.

Segundo o «Post», «a capacidade dos Estados Unidos para interceptar as comunicações das Forças Armadas chilenas, através da qual se souberam detalhes não revelados do incidente de 2 de Julho, no qual Rodrigo Rojas foi transformado numa tocha humana, durante uma manifestação anti-governamental».

O «Post» acrescentou que «a tecnologia (usada) também permitiu contactos não identificados com a crescente oposição ao presidente Augusto Pinochet, dentro das Forças Armadas».

O «Wall Street Journal» aludiu também ao caso de espionagem expressando que «assessores do senador Helms informaram as autoridades chilenas de que os Estados Unidos tinham obtido um relatório secreto das Forças Armadas do Chile sobre a morte do jovem chileno».

A controvérsia adquiriu conotações que competem às mais altas esferas do poder nos Estados Unidos, tentando a Imprensa daquele país obter uma opinião do presidente Reagan sobre o assunto.

Enquanto isto, no Chile, o ministro secretário-geral do governo, Javier Cuadra, negou «todas as acusações feitas contra o senador Helms».

Cuadra aludiu às «operações da chamada Central de Inteligência Americana, conhecida em todo o mundo, e não é a primeira vez que se fala delas noutras latitudes, de forma que não nos surpreende».

A possibilidade de um bloqueio de crédito da parte de Washington foi qualificado, quarta-feira, como «certamente preocupante» pelo matutino pró-governamental «La Tercera», que transcreveu declarações de funcionários oficiais no sentido de que essa medida conduziria o Chile a uma grave crise e afectaria principalmente os sectores de menores recursos.

Segurança Social + Fundo de Desemprego

TAXA SOCIAL ÚNICA - 1%

Com a unificação das contribuições para a SEGURANÇA SOCIAL e FUNDO DE DESEMPREGO, entra em vigor a **TAXA SOCIAL ÚNICA** sobre as remunerações relativas ao próximo mês de Outubro e seguintes.

O desagravamento contributivo de **1%** (0,5% empresas, 0,5% trabalhadores) abrange os beneficiários e contribuintes de regimes de segurança social.

Adapte desde já o processamento das folhas de remuneração e aproveite a possibilidade de as substituir por «suporte informático».

Não deixe para OUTUBRO o que tem que fazer hoje.

Informe-se no Centro Regional de Segurança Social.

SEGURANÇA SOCIAL

TAXA SOCIAL ÚNICA

24 HORAS

Young em Angola

Andrew Young, antigo embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas e presidente do Município de Atlanta, encontrou-se em Luanda com o presidente angolano José Eduardo dos Santos. A agência angolana que reporta o acontecimento não divulgou pormenores dos assuntos tratados, acrescentando apenas que Young ofereceu a Santos uma estátua de cristal, simbolizando a cidade de Atlanta. Young que chegou quarta-feira a Angola para uma visita de uma semana, deslocou-se ao sul do país em visita a várias regiões alvos de acções de guerra sul-africanas.

Guerrilheiros filipinos

O novo exército do Povo, movimento guerrilheiro comunista das Filipinas concordou com um cessar-fogo em seis províncias do Sul, revelou a agência noticiosa do país. A agência cita funcionários do partido comunista e da sua ala militar, o novo exército do Povo, como tendo afirmado que concordaram com um cessar-fogo depois de conversações com alguns funcionários governamentais cívis na região. O comandante militar da região, brigadeiro general Mariano Adalem, em resposta, ordenou também as suas tropas um cessar-fogo, diz a mesma fonte.

Conversações URSS-Afeganistão

O ministro soviético dos Negócios Estrageiros, Eduard Shevardnadze, e o seu homólago afegão, Shah Moahammad Dost, reuniram-se em Moscovo. Segundo a Agência Tass o encontro visa discutir o progresso de conversações indirectas entre Cabul e Islamabad para acabar com a guerra no Afeganistão. Dost escalou Moscovo de regresso ao seu país, depois de conversações em Genebra, promovidas pelas Nações Unidas.

General assassinado

Homens armados abateram a tiro um ex-chefe do Estado-Maior do Exército indiano, o general Arun Vaidya, anunciou a agência noticiosa indiana PTI. Arun Vaidya, que era o responsável máximo pelo exército quando, em 1984, os militares atacaram o santuário sagrado dos **Sikhs** — o Templo Dourado de Amritsar — morreu algumas horas depois de os atacantes terem disparado sobre o carro em que se fazia transportar adiantou a PTI.

Fundo Chernobyl

A população soviética contribuiu, até ao fi nal de Julho, com cerca de 470 milhões de rublos (700 milhões de dólares) para o Fundo Chernobyl, informou o jornal oficial soviético «Isvestia». O Fundo Chernobyl foi criado pelas autoridades soviéticas para apoio das vítimas do desastre nuclear de Chernobyl, o qual levou, nomeadamente, à evacuação das populações da região.

Quadrigémeos japoneses

UMA mulher japonesa deu à luz dois rapazes depois de, no segundo mês de gravidez, ter abortado dois dos quadrigémeos que esperava, anunciou um jornal nipónico. Aquele diário disse que este é o primeiro caso no Japão de uma mulher ter sido mãe depois do aborto de alguns embriões. O outro único caso semelhante deu-se na Holanda, acrescenta o jornal «Yomiuri Shimbun». Sem revelar o nome da parturiente, o jornal afirma que ela ficou grávida de gémeos quádruplos após ter tomado comprimidos fertilizantes em Janeiro.

Tratado China-Mongólia

A China e a Mongólia, um aliado da União Soviética, assinaram o primeiro tratado consular entre si, desde que os dois vizinhos comunistas estabeleceram relações diplomáticas em 1949, anunciou a agência noticiosa chinesa Nova China. A agência informou que o tratado foi assinado na capital mongol, Ulan Bator, pelo vice-ministro mongol dos Negócios Estrangeiros, D. Yundon, e pelo seu homólogo chinês Liu Shuging, o responsável chinês de cargo mais elevado a visitar a Mongólia em cerca de 20 anos.

Reagan quer reforçar bloqueio a Cuba

A administração Reagan pretende reforçar o embargo económico a Cuba para punir Havana pela suspensão de um acordo de imigração, disse o «New York Times».

Citando funcionários da administração, o jornal nova-iorquino revela que o Conselho de Segurança Nacional preparou uma directiva sobre o reforço de um embargo económico, imposto no início da década de 60.

De acordo com uma fonte do Departamento de Estado, o objectivo da directiva é pressionar o presidente cubano, Fidel Castro, a repor um acordo sobre imigração, concluído em 1984, e ao abrigo do qual Cuba concordou em receber 2700 criminosos e doentes mentais que chegaram aos Estados Unidos em 1980.

Peritos americanos em Moscovo preparam cimeira Reagan-Gorbachev

Peritos norte-americanos chegaram a Moscovo para conversações destinadas a preparar uma nova cimeira soviético-americana, mas um dos principais comentadores soviéticos disse que ainda são incertas as perspectivas de um novo encontro de alto nível.

A televisão soviética atacou ontem, pouco depois da chegada dos negociadores dos EUA, a carta de Reagan a Gorbachev dizendo que a missiva apenas «reafirmava» anteriores posições norte-americanas sem aumentar as hipóteses de uma nova cimeira durante o corrente ano.

Os negociadores vão encontrar-se hoje e amanhã como preparação para um encontro ente o secretário de Estado George Schultz e o ministro dos Estrnaeiros Eduard Shevardnadze.

Este encontro, marcado para os dias 19 e 20 de Setembro em Washington, destina-se a estabelecer uma agenda para a próxima cimeira entre Reagan e Gorbachev.

O comentador Alexander Bovin, do jornal governamental «Izvestia», disse na televisão que a recente carta de Reagan a Gorbachev sobre o controlo de armamento não parece cirar a esperança de que possa vir a ser agendado um novo encontro dos dois líderes.

Embora ambos os países tenham assentado em Novembro numa nova cimeira este ano em Washington, Moscovo tem exigido que o encontro entre Reagan e Gorbachev produza resultados concretos, especialmente no controlo de armamento.

Após nove horas ininterruptas de luta, alguns elementos das milícias cristãs libanesas retemperam forças. O Líbano tem nos últimos dias sido palco da mais renhida batalha entre rivais cristãos

Cristãos rivais combatem-se no Líbano

Atiradores confrontaram-se com metralhadoras e granadas de foguete na parte Oriental de Beirute, maioritariamente cristã, no incidente armado mais grave ali registado em vários meses, anunciaram fontes das milícias.

O incidente principiou na madrugada de ontem, quando combatentes da milícia «Forças Libanesas Cristãs» se enfrentaram no distrito de Nahr, perto do porto de Beirute, com jovens que as milícias pensam serem recrutas do Exército, adiantaram as fontes.

Entretanto, o suposto chefe da rebelião ontem registada nas milícias cristãs foi hoje ferido numa emboscada armada pelos seus rivais, informou a rádio cristã «Voz do Líbano».

Fuad Abu Nader, ex-chefe das forças libanesas (milícias cristãs) e Sobrinho do presidente Amin Gemayel, foi transportado ao hospital e submetido a uma a intervenção cirúrgica.

Os dez guarda-costas que o acompanhavam também ficaram feridos.

Nader e a sua escolta caíram numa emboscada num bairro cristão de Beirute Oriental, quando regressavam de uma reunião urgente convocada pelo líder Del Kataeb (Partido Falangista), George Saabeh, para pôr termo aos confrontos de ontem.

Muro de Berlim: "Ajudantes da fuga"

Kenneth Jautz-AP/NP

Durante quatro anos, Horst Schumm introduziu alemães democráticos no Ocidente. Ele era dos elementos de um pequeno grupo de aventureiros denominado «ajudantes de fuga» e especializado em penetrar numa das fronteiras mais perigosas do mundo comunista.

Guardas fronteiriços da Alemanha Democrática prenderam Schumm em 19 de Junho de 1975, quando tentava entrar em Berlim Ocidental.

Foi condenado a uma pena de 15 anos numa prisão de alta segurança. Shumm afirma que a sua condenação equivaleu a um ano por cada alemão democrático que ajudou a escapar.

Shumm, agora com 35 anos, foi libertado pelos alemães democráticos depois de haver cumprido sete anos da pena a que fora condenado.

Os «ajudantes de fuga» exitem desde que a RDA ergueu o muro de Berlim em 13 de Agosto de 1961.

Alguns «ajudantes» colaboram nas fugas por dinheiro, outros por ser uma forma de responder à sensação de aventura e outros por motivos ideológicos.

Um dos elementos que ajuda a perpetrar as fugas afirmou, em entrevista, que é paga uma verba antecipadamente.

Acrescentou que a mesma varia entre 20 mil e 30 mil marcos (entre 1400 e 2100 contos), consoante o câmbio da altura.

As tácticas para a fuga variam. Às vezes os «ajudantes» utilizam passaportes falsos e disfarces para fazer passar os fugitivos pelo controlos de fronteira. Outros conduzem essas pessoas através de túneis escavados sob o muro de Berlim.

Noutras ocasiões, os «ajudantes» contratam alguém para guiar na auto-estrada entre a República Federal da Alemanha e Berlim Ocidental. Num ponto pré-combinado da RDA, um alemão-democrático é escondido na carrinha ou camião e levado para Berlim Ocidental.

Desde que o muro foi erguido, mais de 38 mil pessoas fugiram já da RDA para a RFA e Berlim Ocidental, segundo o grupo de Direitos Humanos 13 de Agosto.

A Polícia de Berlim Ocidental afirma que pelo menos 73 alemães democráticos foram mortos quando fugiram a través do muro. Acrescentou que 4902 pessoas escaparam na fuga.

Números revelados pelo governo de Bona mostram que 31 alemães federais se encontram actualmente detidos na RDA por tentarem ajudar alemães democráticos a fugir para o Ocidente.

Tem havido também algumas fugas audaciosas.

Uma das mais acrobáticas foi a perpetrada por dois jovens alemães democráticos que estenderam um cabo de aço preso a telhados de residências de lados opostos da fronteira.

Os homens, que utilizaram um arco para levar o cabo até um cúmplice que se encontrava do outro lado da fronteira, em Berlim Ocidental, escorregaram ao longo do cabo, com roldanas, balouçando-se a uma altura de 20 metros.

Schumm reconheceu que a actividade dos «ajudantes» se tornou corrupta nos últimos anos.

Os «ajudantes» já não são encarados como cruzados anti-comunistas, tal como na década de 60, mas como negociantes desumanos e pouco escrupulosos.

Num filme alemão federal popular, passado em Berlim e exibido em Maio, os «ajudantes» reúnem-se em cocktails elegantes, interessam-se pouco pela segurança dos seus clientes e parecem estar apenas interessados na grande quantia que cobram pelo serviço.

Contudo, as fugas ilegais não constituem a única forma de sair da RDA.

Cerca de 19 mil alemães democráticos receberam permissão oficial no ano passado para sair do país. Em 1984 foram autorizadas a passar para o Ocidente 30 mil pessoas, o que constitui um dos sinais da melhoria gradual das relações entre as duas Alemanhas.

Anteriormente, era permitida a saída anual em média de cerca de dez mil pessoas, na maioria reformadas. Porém, nos últimos anos, pessoas muito mais jovens têm recebido autorização para emigrar.

Nova seguradora estrangeira

Uma nova seguradora estrangeira, a Cigna Insurance Company of Europe, foi autorizada a operar em Portugal, de acordo com uma portaria hoje publicada no «Diário da República».

Segundo os termos da portaria conjunta da presidência do Conselho de Ministros e do Ministério das Finanças, a Cigna Insurance Company foi autorizada a abrir em Portugal uma agência geral para exploração de seguros de ramos «não vida».

Aumentado capital mínimo das sociedades de "leasing"

Uma portaria do Ministério das Finanças hoje publicada no «Diário da República» fixa os novos valores do capital social mínimo a deter pelas sociedades de locação financeira («leasing»).

Segundo o diploma, as sociedades de locação financeira devem possuir um capital social de montante não inferior a 400 000 contos quando se dediquem à locação financeira mobiliária ou a 800 000 contos, quando o seu objectivo for a locação financeira imobiliária.

A portaria estabelece ainda que as sociedades de locação financeira já constituídas devem, nos casos em que o capital social seja inferior aos mínimos agora fixados, proceder à respectiva elevação até 30 de Setembro de 1987.

Rodoviária Nacional com paralisações diversificadas

A greve da Rodoviária Nacional, que se desenvolve desde há sete semanas, decorre hoje com horários diversificados, definidos em cada local de trabalho, para realização de plenários — disse à Anop um porta-voz da Federação dos Sindicatos Rodoviários e Urbanos (FESTRU).

O mesmo informador da FESTRU afirmou que a greve foi convocada para hoje e terça-feira a partir das 4.30 horas e sem hora limite, sendo definido o horário em cada centro de exploração.

Para quarta-feira, estão marcadas concentrações para a tarde, primeiro junto ao Ministério do Trabalho, depois frente ao Ministério dos Transportes — precisou.

O porta-voz da FESTRU exemplificou que nos distritos do Alentejo e Setúbal os autocarros da Rodoviária não param hoje, terça-feira fazem greve das 9.30 às 13.30 horas e quaarta-feira param todo o dia.

Adiantou que nos centros de exploração do distrito de Lisboa os horários de pralisação são variados, decorrendo normalmente entre as 10.00 e as 17.00 horas.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	33$80	39$80
ALEMANHA FED. (marco)	69$95	71$15
ÁUSTRIA (xelim)	9$85	10$005
BÉLGICA (franco)	3$168	3$418
BRASIL (cruzado)	3$90	6$40
CANADÁ (dólar – notas de 1 e 2)	104$55	107$05
(notas de 5 a 1000)	105$05	107$55
DINAMARCA (coroa)	18$60	19$00
ESPANHA (peseta)	1$045	1$165
EUA (dólar – notas de 1 e 2)	144$95	148$45
(notas de 5 a 1000)	145$45	148$95
FINLÂNDIA (marka)	29$15	29$75
FRANÇA (franco)	21$50	22$20
HOLANDA (florim)	61$90	63$00
IRLANDA (libra)	195$15	199$15
ITÁLIA (lira)	$092	$107
JAPÃO (iene)	$896	$951
NORUEGA (coroa)	19$65	20$15
REINO UNIDO (libra)	214$50	219$00
SUÉCIA (coroa)	20$80	21$30
SUÍÇA (franco)	86$75	88$75
VENEZUELA (bolívar)	6$30	7$30

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

CEE e EUA chegaram a acordo sobre massas e citrinos

A Comunidade Económica Europeia e os Estados Unidos chegaram ontem a um acordo de princípio em Bruxelas, para acabar com a guerra comercial das massas alimentícias e dos citrinos.

O representante especial norte-americano, Clayton Yeutter, disse-se «satisfeito» com o acordo, que classificou de «muito equilibrado».

O enviado especial norte americano, afirmou também que o acordo «augura boas relações comerciais futuras» com a Comunidade.

O texto terá ainda que ser ratificado pelas autoridades norte americanas e europeia e permitirá regular outras divergências comerciais entre os dois blocos económicos. A solução agora conseguida foi alcançada depois de várias semanas de conversações.

Fonte próxima da Comissão Europeia disse que os principais diferendos comerciais americano-europeus foram em princípio resolvidos, protegendo os interesses dos exportadores de citrinos do Mediterrâneo.

Segundo ficou estabelecido, os Estados Unidos aceitaram oficialmente um acordo organizando as exportações de aço europeu para o seu mercado, de acordo com a declaração conjunta do negociador norte-americano e do comissário europeu, Willy de Clerq.

As guerras do «spaghetti» e dos limões, caracterizadas pela imposição unilateral de direitos alfandegários, deverão acabar agora, depois de os Estados Unidos aceitarem não contestar os acordos agrícolas preferenciais que a Europa entender manter com os países do Sul do Mediterrâneo, sobretudo nas importações de citrinos.

Segundo a declaração conjunta, Estados Unidos e Comunidade Económica Europeia encontraram «uma base de acordo para ajustamento da nossa velha querela sobre o comércio preferencial mediterrânico da CEE e um código de funcionamento para se chegar a uma solução rápida e mutuamente satisfatória sobre as massas alimentares».

Afirmou o Ministro das Obras Públicas

Portos vão ser mais baratos e vão reduzir o pessoal

O porto de Lisboa vai ter um novo regulamento de tarifas, do qual se espera que resulte alguma economia — anunciou o ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, Oliveira Martins.

O ministro, que visitou na sexta-feira a zona portuária de Lisboa, informou ainda que está já a ser revisto todo o esquema tarifário dos portos secundários. Quanto ao porto de Leixões, a sua estrutura tarifária foi modificada recentemente, esperando-se que tal resulte numa economia de 30 por cento no semestre em curso.

oO governo aprovou na quinta-feira, em Conselho de Ministros, um diploma que procede à reestruturação orgânica das administrações portuárias.

A nova legislação procura uma gestão «mais flexível e com carácter acentuadamente comercial, tendo em vista a diminuição dos preços reais de utilização dos serviços pelos clientes, sejam armadores, sejam carregadores».

Quanto aos encargos dos serviços dos operadores portuários, o Executivo considera este um problema de «mais difícil solução» pelas suas implicações sociais, apontando a necessidade de diminuir os contingentes de pessoal: menos mil pessoas em Lisboa e menos quatrocentas em Leixões.

Até finais de Outubro — afirmou o ministro — espera-se poder tomar decisões nesta matéria.

Referindo-se ao novo estatuto orgânico das administrações portuárias, aprovado quinta-feira em Conselho de Ministros, Oliveira Martins disse que «consagra a autonomia de gestão, na medida em que os conselhos de administração terão mais capacidade para decidir do que as actuais administrações, a descentralização da gestão do pessoal e, no domínio da gestão financeira, a libertação de certos condicionalismos, transformando os organismos existentes em institutos públicos».

Oliveira Martins anunciou a criação de um registo nacional para armadores nacionais que explorem navios em regime de locação financeira («leasing») e que, em breve, será derrogado o condicionalismo que impõe que o armador seja o proprietário do navio.

Na conferência de Imprensa participaram também o secretário de Estado dos Transportes e Comunicações, Sequeira Braga, e o secretário de Estado das Vias de Comunicação, Falcão e Cunha.

Dívida angolana em renegociação

A Banca portuguesa está a recolher dados para muito em breve poder apresentar ao Banco de Angola uma nova proposta de pagamento da dívida daquele país a Portugal.

O pedido de renegociação da dívida foi pedida pelas autoridades angolanas em Abril passado e desde então as entidades portuguesas têm vindo a reunir os elementos necessários para apreciação do processo.

O montante total da dívida de Angola a Portugal e respectivos encargos ascenderá, até ao final de 1986, a cerca de 60 milhões de dólares (nove milhões de contos).

Ao solicitarem a renegociação da dívida, as autoridades angolanas alegaram a impossibilidade de procederem de momento ao seu pagamento, devido sobretudo à redução dos preços do petróleo no mercado internacional.

A renegociação da dívida de Angola inclui dois pacotes financeiros: o primeiro relativo a operações ao abrigo do acordo com o Banco de Portugal e o segundo de operações fora desse acordo. Pela parte portuguesa, a renegociação do primeiro pacote é dirigida pelo Banco de Fomento e a do segundo pelos bancos Pinto e Sottomayor e Português do Atlântico.

Portugal renegociou já das dívidas da Guiné-Bissau e de São Tomé e Príncipe e está prestes a concluir idênticas negociações com Moçambique.

Taxistas do Porto querem autocarros a andar

A necessidade de se encontrar uma solução para o conflito no sector dos transportes públicos na cidade do Porto, que se arrasta há seis semanas, foi defendida pela Associação Nacional dos Transportes Rodoviários em Automóveis Ligeiros (ANTRAL).

Em declarações à Anop, o responsável pela delegação da ANTRAL no Porto, Luís Vaz, sublinhou que apesar da procura dos habituais utentes dos serviços de transportes colectivos do Porto ser muito grande em dias de greve, «ela não tem reflexos vantajoso ao nível da facturação dos taxistas».

Ao contrário do que à primeira vista pode parecer, esta greve dos trabalhadores dos STCP» não traz benefícios para a nossa indústria, isto porque — disse — um serviço que se faz habitualmente em dez minutos, leva agora três quartos de hora, em virtude de o trânsito se ter tornado caótico na cidade».

«Esta afluência de «falsos clientes» não vem diminuir a crise que a nossa indústria vem sentindo ultimamente» salientou o director da delegação do Porto da ANTRAL, para acrescentar que «o movimento nos primeiros quinze dias de cada mês é muito diferente dos restantes».

Mais de 650 táxis operam diariamente na cidade do Porto, facturando cada taxista por dia uma média de três mil escudos.

CNP lucrou 2,3 milhões de contos desde Janeiro

A Companhia Nacional de Petroquímica (CNP) registou no primeiro semestre de 1986 um lucro de 2,33 milhões de contos — indicou o coordenador dos trabalhadores social-democratas da empresa.

Franklin de Jesus Antunes afirmou em declarações à Anop que a empresa vendeu no primeiro semestre deste ano um total de 11,75 milhões de contos, dos quais 5,1 milhões de contos de exportações, adiantando que a empresa procura no mercado externo superior às suas disponibilidades.

Para o coordenador dos TSD da CNP/sede, qualquer solução para a CNP que passe pela suspensão da actividade da empresa seria «lesiva dos interesses nacionais».

Jazz na Gulbenkian

Lacy, dois trios ou um sexteto?

José Duarte

A afluência do público foi um sucesso. Dois, porque quer na terça, quer na quarta, lá estiveram cerca de 1200 pessoas, o que é notável para um tipo de música que se queixa de ser mal conhecida. Em particular as suas formas mais recentes. Ou será que é exactamente o contrário, que já ninguém ouve Armstrong, bandas e os quintetos de Miles, e agora o mais conhecido é o amanhã?

Quem daquele público esteve no Monumental de Lisboa em (29 de Fevereiro) 72 e em Setúbal em Setembro de 79 (a 30), para assistir a Lacy em quinteto e a solo, respectivamente? Eu vi alguns e outros nem sequer eram nascidos. O que é que nos faz correr?

O anfiteatro da Gulbenkian ao ar livre teve o defeito deste Agosto pró frio e ventoso, mais aqueles que lhe são particulares: a pedra dura e fria onde as retaguardas gelam e aquele incrível fosso que separa os músicos do público. Ambas as margens se queixaram. Há que lá alinhar cadeiras para que mensageiros e receptores se olhem nos olhos, se conheçam, se (acon)cheguem.

O actual sexteto de Steve Lacy, famoso compositor e saxofonista soprano norte-americano, não é tão actual como isso. Todos se conhecem e tocam juntos há muitos anos e até o repertório, todo de Lacy, lhes é obviamente íntimo, a roçar a pura memorização de situações. A própria disposição em palco ajuda, de certa maneira, a decifrar a música: à frente os Steve, os saxofonistas (Lacy e Potts, este ora em alto, ora em soprano), mais Irene Aebi usando violoncelo, violino e voz. Em segundo plano, o outro trio: Bobby Few ao piano acústico, Jean-Jacques Avenel em contrabaixo e Oliver Johnson à bateria.

É nesta contradição que muita da música do sexteto se desenvolve.

Oliver, um percussionista mais clássico do que seria de esperar, com um muito bom drive, uma assistência e participação descodificadora notáveis. E tudo isto com uma distanciação assumida e natural.

J.J. Avenel é um musical que surpreendeu, conquistou e exibiu um leque de sons e ideias muito bem suportado por uma técnica desenvolvida.

Divertiu-nos também, o que em música é também uma atitude louvável e positiva, até porque o músico também se diverte. E tocou kissange!

O repórter investigou e soube que o «dois j» habita um ghetto africano de Paris, Belleville.

Bobby Few que já cá tocara em Fevereiro de 73, é um eclético interessante, que interessa, aliás como todos os ecléticos. Fez-me pensar em Jaki Byard. Tanto sugeriu McCoy Tyner, como exibiu o estilo stride, como citou Randy Weston, como tocou à Cecil Taylor, como mergulhou na densidade e economia dos blues. Ao humor e gozo não nos poupou, e ao chegar tarde à segunda parte do segundo concerto contribuiu para ouvirmos um duo de sopranos a solo. Outra atitude louvável, positiva e musical.

À frente desta secção rítmica desenvolveu-se outra opção musical. Irene, a doce Irene, deu a sua contribuição mais significativa com a voz. Em violino e cello esteve como se não estivesse estado, porque não interferiu, não complementou, não se distinguiu. Cantou palavras de Blaise Cendrars, de um poeta chinês que viveu há mil anos, de um amigo que escreveu do estrangeiro. A vocalização, em uníssono com os sopros, não colava, nem parecia ser essa a intenção expressa. Foi apenas uma curiosa sobreposição, ora a tema de ressonâncias bop, ora não. Sabe-se de como não se podem somar morangos com candieiros. Não sei se por culpa de Hall Willner, chegou a soar a Brecht/Weill, o que é injusto, dado que esta prática de Lacy é muito anterior a «Lost in the stars».

Steve Potts confunde-se por vezes com Lacy, não por tocar soprano, e respeitadas as respectivas sonoridades, mas pela maneira de o tocar. Em alto o discurso muda sensivelmente. O eterno segundo plano, e tão essencial como o é Potts para o conjunto, é músico que saltou por cima de Parker e da sua generalizada influência. Pertence à escola, à geração dos Braxton, Blythe, que se ouvem mais em Coltrane, que dissecam frases, que se repetem como propósito, gramática obsessiva, mecanização digital, verborreia semi-controlada, que soltam frases soltas.

Steve Lacy, claro, é o motor do grupo, o autor da ideia cá da frente, o compositor que mostrou um repertório que se espalha ao longo dos anos: «Stamps», «Blinks», «Prospectors», «Wickets», «Gleam», «Clichés», «Napping», «The whammies», etc.. No trio da boca de cena o swing nunca aparece, as leis são diferentes, a música é outra. Em meu entender, Lacy devia utilizar, principalmente, o grupo, em subgrupos, duos, trios, quartetos e assim todos os tipos de música que os seis, em diferentes combinações, podem praticar, surgiriam em toda a sua diversidade.

Um espectador para este sexteto tem que estar munido de vasto arsenal, tem que ali amar o swing, acolá esquecer a lógica duma progressão melódica mas habitar uma atmosfera convulsa, mais adiante pode vir a aceitar sonoridades bizarras, estar preparado para súbitas intervenções de humor, a seguir sintonizar para Monk ou para cataclismos free. Tem que estar sempre a decifrar, em permanente estado de alerta, a descobrir combinações contraditórias, a investigar objectivos musicais.

Nas despedidas, Lacy já se confessava entusiasmado pelo concerto do dia seguinte em Marselha, pelo regresso em Outubro à Gulbenkian, para os encontros com a música contemporânea e por, entretanto, ir tocar, também a solo, num cemitério de Itália, junto à campa de Dante Alighieri.

DL TEATRO CRÍTICA

Ser livre é mais que a liberdade

Carlos Porto

O INDESEJADO, de Jorge de Sena. Dramaturgia: **Orlando Neves** e **Guilherme Filipe.** Encenação: 2Orlando Neves. Assistente: **Manuel Coelho.** Cenografia e figurinos: **Nuno Carinhas.** Música: **Paulo Brandão.** Luzes: **Paulo Graça.** Interpretação: 2Sinde Filipe, António Montez, Canto e Castro, João Lagarto, Manuel Coelho, Guilherme Filipe, João Grosso, Alexandra Lencastre, Maria Amélia Matta, Miguel Meneses, Helena Simões, José Wallenstein. Ciclo: **O Retorno da Tragédia.** Centro de Arte Moderna. Estreia: 7-8-1986

Escrevamos as palavras sacramentais porque é necessário escrevê-las: a estreia da peça de Jorge de Sena «O Indesejado», na noite de 7 de Agosto de 1986, foi um acontecimento histórico. Quase meio século depois de escrita e, pouco menos, de publicada, estreou-se um dos textos fundamentais da dramaturgia portuguesa do século XX. Esse o grande acontecimento: podermos finalmente ver no lugar que é o seu, o palco, a obra-prima de Jorge de Sena. O resto é menos importante, o que não implica menorizar o trabalho feito pela equipa responsável pelo ciclo O Retorno da Tragédia, neste caso, dirigida por Orlando Neves.

Naquele pequeno espaço, não muito próprio para a prática do teatro, que é a sala polivalente do CAM passaram nestes últimos meses alguns dos mais persistentes fantasmas da nossa história. Ali, em «Frei Luís de Sousa», vimos, ou imaginámos ver, morrer nas areias do deserto um rei jovem e imprudente (ou tonto) que se transformou num mito incómodo; ali, em «O Indesejado» vimos, ou imaginámos ver, um anti-Sebastião a transformar-se num Sebastião de si mesmo, rei sem reino, viajando e envelhecendo, à procura de uma pátria que deveria surgir numa manã de sol. Ali, em «O Fim», vimos, ou imaginámos ver, as sombras de um outro rei, de um outro príncipe, que a pátria finalmente recusa com aquela violência que o desespero e a infelicidade de um povo justificam, pátria que se reencontra para logo outra vez se perder. E perder-se tal como vemos, ainda, na peça de Sena que atravessa o tempo e os espelhos em que podemos reflectir outras faces desse desespero, dessa infelicidade de povo ora sem pátria, ora sem rei.

A peça de Sena começa no Paço da Ribeira, numa tarde de sol de Agosto, com muita gente, e termina com a morte de António, prior do Crato, perto de Paris, ao anoitecer de um dia de Agosto, num ambiente pobre. Assim, genialmente, o poeta define uma vida e um percurso, que se vão despojando, imagem de uma pátria ocupada. E fá-lo em termos teatrais de uma grand belez mas também de uma grande eficácia.

Peça sobre o exilado e sobre as relações dele com a pátria que é apenas uma espécie de saudade **(...a saudade/é do que nós, mais tarde, imaginamos/ pode ter sido. É do não feito...),** uma saudade sem remédio, a peça de Sena não é apenas isso: é também, e principalmente, uma obra sobre o exílio (que pode ser interior), essa contradição entre desejos e amarguras que se entredevoram. Só um grande poeta seria capaz desta premonição: escrevendo sobre o prior do Crato, é também sobre ele, poeta, que escreve, também ele exilado, no futuro, também ele indesejado, como por outras palavras sublinha o encenador. Mas não apenas ele, outros exílios políticos são indirectamente focados, como o de Humberto Delgado, também ele, muito posterior. Leia-se: 2D. António — E a mim se lá voltasse, que fariam? Figueiredo — Esconder-vos-iam, meu Senhor. Não é difícil imaginar Delgado, em vez de António, neste diálogo.

Peça sobre António, prior do Crato, peça sobre o Exílio e sobre os que são obrigados a exilar-se, «O Indesejado» é, pois, uma peça trans-histórica, onde se lê tão facilmente o desastre de Alcácer Quibir e as suas consequências como o desastre salazarista: **Mas Portugal, um dia, será livre, /, sem nós, sem muitos que virão depois/ porque ser livre é mais que a liberdade / porque é impossível que o não venha a ser**.

Integrado num ciclo determinado, a leitura desta peça foi de certo modo condicionada por esse contexto. Por outro lado, como também Orlando Neves explica, fazia-se aqui uma primeira leitura cénica do texto, optando-se, por isso, pela sua total integralidade, e interpretando-o «sem desvios nem experimentalismos» (palavras do encenador). Aqui é que não se pode estar de acordo, já que esta leitura não é tão inocente como quer fazer crer, nem tinha que o ser. Se não se trata de um espectáculo experimental, já que isso pressuporia um avanço em relação a experiências anteriores, não deixa de recuperar algumas dessas experiências, aliás, correctamente. É o caso, em especial, e este forçoso, do cenário; é o caso do guarda-roupa, que não se limita à procura de um tom neutro, acabando por optar deliberadamente por uma transcrição actual; é o caso da integração de um texto de Jorge de Sena sobre a peça que funciona como prefácio do espectáculo; e ainda da leitura das didascálias, processo também utilizado por Jorge Listopad na encenação de «O Fim» e, aliás, também no caso de Sena, muito operacional; é o caso, promordial, da divisão de algumas falas do Prior do Crato com uma outra personagem inventada pelo dramaturgo/encenador e que tem sinais do próprio autor, personagem intepretada por um actor (José Wallenstein) que depois de dizer o texto de Sena, diz as didascálias, interpreta o coro, que é da peça, e diz esses excertos do texto do Prior do Crato. Essa intervenção do actor no papel de outra personagem sublinha certas falas, recorta certos conceitos, polissemiza, se assim se pode dizer, o discurso de Sena. Veja-se um exemplo: António pergunta: — **Contra quem?** Mas a fala que se segue é dita pela personagem Sena que surgira fora da situação: **Não há mudança que não fique viva / por mais injusta que pareça ou seja, etc.** (Ver pág. 82 da 1.ª ed. de «O Indesejado»).

Se, de acordo com o que se escreveu, me parece indiscutível o carácter experimental desta leitura de «O Indesejado», aceito que, mesmo assim, a encenação de Orlando Neves tendeu mais a procurar o trabalho do actor e das relações deste com o palavra do poeta. Este espectáculo, onde não há acontecimentos, onde aparentemente nada se passa, é um espectáculo estático como dificilmente poderia deixar de ser, que vive sobretudo do confronto de um homem consigo mesmo, do percurso, que é encenável num espaço e do percurso, menos visível por ele mesmo, da esperança à morte. É nesse quadro que devemos entender as dificuldades com que o encenador deparou.

Se bem percebi, essas dificuldades situaram-se aí: no ser capaz de pôr actores, aqueles actores, a representar o belo e denso texto em verso regular e branco, dificuldades que o encenador, e os actores, com ele em parte venceram. Contra eles, agravando-as, um espaço com uma acústica muito má; e o pouco tempo disponível (espectáculo como este exige seis meses de trabalho, não se compadece com o mês e meio de que a equipa dispôs) e em teatro, normalmente, a falta de tempo para o amadurecimento das coisas paga-se por bom preço.

Outra dificuldade que o encenador encontrou consistiu na maneira como cenografar as personagens, já que a hipótese de as vestir à época estava posta de parte. Se, em si, o cenário (Nuno Carinhas) não levantou problemas, obedecendo a um esquema pré-fixado, aqui centrado em altas e estreitas portas, sinalizando as dificuldades do percurso das personagens, já o guarda-roupa foi um problema que me pareceu mal resolvido. Optando por uma linha actual, há nele anacronismos aceitáveis e contradições improdutivas. Percebe-se, por exemplo, a sinalização do fato de Duarte de Castro (Manuel Coelho) a evocar colonialismo de má memória, percebe-se mesmo a mudança do fato do Prior do Crato que, a partir do 3.º acto veste um fato com gravata; mas há, por um lado, uma indiferença sígnica noutros fatos e, por outro, fatos que são «impossíveis» (caso do fato envergado pela jovem Alexandra de Lencastre, e outros). A solução de adquirir os fatos numa loja não parece ter sido a mais adequada: um espectáculo como este justificava a criação de fatos especiais.

Onde, no entanto, o espectáculo pareceu claudicar foi na interpretação, como não poderia deixar de ser. Mesmo esquecendo os lapsos de memória, que o pouco tempo disponível justifica, havia ainda todo um trabalho a fazer para uma melhor assunção, composição e elaboração das personagens, para um melhor tratamento do material vocal. Isto porque um texto como o de Sena obriga-nos a ser exigentes, não porque o trabalho destes actores seja inferior e muito menos desprezível, porque, de facto, trata-se de um trabalho muito sério, por vezes mesmo de alta qualidade, geralmente aceitável sob o ponto de vista de emissão de voz, de entendimento do texto, aqui essencial. Inaceitável, porém, quando os intérpretes tendem a melodramatizar personagens que, evidentemente, se situam noutro plano: caso, em especial, de António Montez, por vezes muito bem, e de Manuel Coelho, e só muito raramente de Sinde Filipe (António) que teve evidentes dificuldades em encontrar a personagem, acabando no entanto por dominá-la. Salientemos as interpretações de Canto e Castro (Figueiredo), Guilherme Filipe (vários papéis), João Lagarto (Frei Agostinho), Maria Amélia Matta, uma maravilha num pequeno papel (Violante) e José Wallenstein.

Sob o ponto de vista de interpretação, o espectáculo melhora muito logo que começa a baixar de tom, quando as personagens se vão reduzindo à sua dimensão humana, comum (bons trabalhos: na música, Paulo Brandão; e iluminação, Paulo Graça). Foi aí que o trabalho do encenador encontrou as melhores respostas: nesse apagamento da luz, das vozes, dos sentimentos, das personagens, nessa descoberta do silêncio, da sombra, da solidão e da pobreza. Luz pobre, mãe pobre, Pátria pobre, para lembrar Carlos de Oliveira.

Foi pena que Jorge de Sena não tivesse acabado a peça com a morte do rei que não chegou a sê-lo: a cena final dos médicos (pelo menos no palco) tem uma carga anedótica que não tem nada a ver com a peça, texto totalmente limpo de efeitos desses, peça austera, despojada, sem desvios.

Como o leitor já percebeu, é este um espectáculo de visão obrigatória. Perante ele, e sobretudo perante o texto de Jorge de Sena, o crítico não tem mais nada a fazer a não ser agradecer ao poeta, à memória do poeta, e a todos que o tornaram possível. E retirar-se sem ruído.

"Terror na Auto-estrada"

de Robert Harmon

Jorge Leitão Ramos

Uma das coisas mais gratificantes que acontecem, quando se é crítico espectador profissional de cinema, é poder descobrir o talento num filme para que se partira desarmado e sem particulares expectativas, Robert Harmon é o novo recém-chegado no núcleo de realizadores notáveis cujo futuro é para seguir com atenção.

Tavez a matriz de «Terror na Auto-Estrada» seja **«Um Assassino pelas Costas»** de Spielberg, como alguns alvitraram. Talvez sim, talvez não, a questão é ociosa. Porque o fundamentalda progressão dramática dos dois filmes é assaz diversa. Enquanto Spielberg centrava o seu discurso nas reacções de um cidadão médio face a uma ameaça directa, maquinal, inumana e seu rosto, a fita de Harmon ocupa-se sobretudo da evolução da jovem vítima entre o «eu não quero morrer» inicial e o «eu quero matar», não verbalizado mas explícito e actuante, do final do filme. E enquanto Spielberg construia um dos mais habilidosos filmes jamais feitos sobre o tema da perseguição, Harmon escolhe a envolvência, as ameaças que só têm por finalidade provocar uma reacção directa. O assassínio quer evidentemente morrer às maõs daquele a quem persegue, fazê-lo vítima é fazê-lo, por seu turno, um assassínio.

O argumento de **«Terror na Auto-Estrada»** é brilhantissimo mas todos sabemos que um argumento é apenas um ponto de partida — que o realizador potencia ou malbarata. Ora o que faz deste filme uma revelação (e Harmon é um estreante na longametragem de ficção) é que ele é filmado e montado com uma lhaneza, um ritmo, um sentido plástico, uma trepidação, uma eficácia e uma elegância notáveis, sem fazer recurso a golpes baixos (embora, pessoalmente, eu gostasse de ter ouvido uma banda sonora menos óbvia...), sem demorar nem deixar fugir a tensão.

O coeficiente de inesperado é altíssimo, a angústia continuada, o cinema pulsa. No capítulo dos actores, Rutger Hawer é uma boa máscara — mais se lhe não pede — C. Tomas Howell continua a convencer que é um jovem seguro, Jennifer Jason Leigh (num registo muito diferente do de **«Amor e Sangue»**) é tão inconvincente aqui como o fora antes, mas não faz perigar o filme que o seu destino é ser trucidada.

FICHA:

Título original: The Hitcher.
Realização: Robert Harmon (EUA-1985).
Argumento: Eric Red.
Fotografia: John Seale.
Cenários: Dennis Gassner *(production designer)*, Dins Danielson *(art director)*, Lynda Burbank *(set decorator)*.
Música: Mark Isham.
Montagem: Frank J. Urioste.
Produção: David Bombyk e Kip Ohman.

Interpretação: Rutger Hawer *(John Ryder)*, C. Thomas Howell *(Jim Halsey)*, Jennifer Jason Leight *(Nash)*, Jeffrey DeMunn *(cap. Eszterhas)*, John Jackson *(Sarg. Starr)*, etc.
Distribuição em Portugal: 1Filmes Castello Lopes.
Cinemas: Las Vegas 1 e Hollywood 1.
Classificação: Para maiores de 16 anos.

Uma boleia para a morte num filme magnífico (na foto: Rutger Haner em ***«Terror na auto-estrada»***)

Exposição de mobiliário em Paredes

A terceira exposição de mobiliário do concelho de Paredes, Parmóvel, foi inaugurada, numa organização da Associação Comercial e Industrial desta vila nortenha.

Em colaboração com a Câmara Municipal, o certame estará patente até ao dia 17.

Vocacionada para dar a conhecer as potencialidades industriais da região, a Parmóvel, segundo um dos organizadores, «está a dar os primeiros passos para a sua profissionalização».

«Não podemos ver a Parmóvel como um arraial, mas sim como um local onde se faça negócio e consequentemente se promova o mobiliário do concelho de Paredes, sem dúvida de importância fundamental para a população da região» — acrescentou.

Daniel Menezes referiu ainda que a organização desta feira orçou em cerca de 16 mil contos, pelo que «continuamos com muitos problemas financeiros», observando, contudo, que «a profissionalização da exposição é a meta a atingir no próximo ano».

ROTEIRO CULTURAL

Uma obra de Maria Antónia Gomes, exposta no Casino do Estoril

Exposições

• Continua patente ao público, na Galeria de Arte do Casino do Estoril, entre as 15 e as 24 horas, o **I Salo Internacional de Pintura Naif**. A mostra é composta por duzentas e sessenta obras de setenta e seis artistas, autores de doze países da Europa, América e África. Diferentes expressões estéticas de gente com usos e cultura tão diversos podem ser apreciadas nesta colectiva que tem por denominador comum a fantasia, o lirismo e a ingenuidade dos seus autores, a maioria das vezes autodidactas de vocação tardia. Angola, Argentina, Brasil, Cabo Verde, Espanha, Holanda, Inglaterra, Moçambique, Finlândia, Haiti, Venezuela e Portugal são os países representados nesta «mostra». São os seguintes os autores portugueses presentes neste salão: Aida Sousa Príncipe, Albino José Moreira, António Neca, Augusto Pinheiro, Brito Leite, Carlos Portugal, Carrasco, Duarte de Jesus, Elísio, Ester Duarte Lima, Eufigénio, Fernando Costa, Frederico Basto, Ildema, Ivone Carvalho, J. Cerqueira, Joaquim Santos, Júlia Gil, Ló, Luís Vieira, Madruca, Manuel Carvalho, Manuel Saldanha da Gama, Maria Antónia Gomes, Maria de Jesus, Maria José Cabral Faria, Oliveira Brito, Paula Proença Vieira, Pedro Manuel Aguilar, Pereira Nunes, Sérgio, Silvana, Teresa Pinto Coelho, Violante Dias e Victor Silva Vieira.

• No Museu Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco, está aberta ao público até ao próximo dia 17, uma exposição de aguarelas da autoria de **José Conceição**. O artista nasceu em Castelo Branco, em Dezembro de 1960, e tem o curso de serigrafia do atelier de António Inverno. É autor de «cadavreséxquis», com Cruzeiro Seixas, em 1983. Participou em diversas exposições colectivas, entre as quais «Jovens artistas de Castelo Branco» (1984, no Museu Tavares Proença Júnior); Àrtistas de Castelo Branco» (1986, Lions Clube); «Projectos seleccionados — 2.º concurso para o cartaz do 15.º Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz» (1986, Galeria Trindade, em Lisboa). Realizou também uma mostra individual de óleos e esculturas (Museu Tavares Proença Júnior, 1984). Está representado em colecções particulares, museus e centros culturais.

• **Adão Rodrigues**, **Álvaro Perdigão**, **António Inverno**, **António Sem** e **Artur Cordeiro** têm patente na Galeria de Exposições Temporárias do Museu Regional de Sintra, até ao próximo dia 21, uma exposição colectiva de desenho e pintura, intitulada «5 A». A mostra pode ser visitada, nos dias úteis das 9.30 às 12 e das 14 às 18 horas e aos sábados, domingos e feriados, das 14 às 18 horas.

Música

• O guitarrista **joão Pedro Madaleno**, o baterista **Luigi Waites** e o contrabaixista **David Gausden** actuam esta noite no Hot Clube de Portugal, em dois «rounds», pelas 22.30 e 0.30 horas.

Este é um dos últimos concertos de Luigi Waites em Portugal, desta feita com o «inseparável» David Gausden, o grande reponsável pela estada do baterista americano no nosso país e com um jovem guitarrista, João Pedro Madaleno, pertencente à «novíssima» geração saída da Escola de Jazz. O guitarrista tem residido em Nova Iorque, onde estuda com John Abercrombie, John Scofield e Attila Zoller.

• Integrada na Semana Cultural de Amarante intitulada «Amarante, o Homem, o Mundo» e dedicada especialmente ao emigrante, realiza-se esta noite, a partir das 22 horas, nos jardins da Casa da Calçada, um concerto de música jazz, pelo **Quarteto de António Pinho Vargas**.

Conferência

• Também dentro do âmbito da Semana Cultural de Amarante realiza-se esta tarde, pelas 16 horas, na Cozinha dos Frades, nos Paços do Concelho, uma conferência subordinada ao tema «**Emigração — Portugal e a Entrada na CEE**«, pelo dr. Bento Coelho.

CINEMAS

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Alfa 2
A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3
DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(maiores 16 anos)
15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club
T. 763319
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
(não acons. a men. 13 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
A GAROTA DO VESTIDO COR DE ROSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Apolo 70
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Avila
— T. 539930
FESTIVAL 007 — 007 VIVE E DEIXA MORRER
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163
A ÚLTIMA VIRGEM AMERICANA
(maiores 16 anos)
15.30 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098
ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
(maiores 16 anos)
15.00 e 21.00 h

Capitólio
— T. 372358
O PALÁCIO DO DEBOCHE
(int. men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194
ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Uma cena do filme «Nova Iorque Fora de Horas» do realizador Martin Scorse. Grande Prémio da melhor realização / Cannes 86. Em exibição no Quarteto e Estúdio 444

Cinebloco
— T. 556824
PLENTY UMA HISTÓRIA DE MULHER
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
O ENIGMA DA PIRÂMIDE
(maiores 12 anos)
24.00 h

Cinebolso
PRISIONEIROS DO SEXO
(int. men. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cine Camões
T. 324194
A LUZ VEM DO ALTO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca
ENCERRADO PARA FÉRIAS

Cine 222
— T. 579460
ALICE JÁ NÃO MORA AQUI
(não acons. menores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Anusha
ALVO ÁGUIA
(m. 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza
COCON – «A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS»
(maiores 6 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999
MÚSICA NO CORAÇÃO
(maiores 6 anos)
14.30, 17.45 e 21.00 h
QUADROPHENIA
(int. 18 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523
O EXTERMINADOR IMPLACÁVEL
(m. 16 anos)
14.00, 16.30. 19.00 e 21.30 h

Eden
DESAPARECIDO EM COMBATE — PARTE II
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio
— T. 555134
POLICE ACADEMY III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255
UM LUGAR NO CORAÇAO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444
— T. 768078
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Fonte Nova
Sala 1
TRÊS HOMENS E UM BERÇO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
Sala 2
O LOBIJOVEM
(maiores 6 anos)
14.45, 16.30, 18.45 e 21.15 h
Sala 3
O HOMEM DE DUAS CARAS
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas
— T. 541037
HOUSTON TEXAS
(n. acons. men. 18 anos)
19.00 e 21.45 h

Gemini
— T. 734009
BADBOYS
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 802859
Sala 1
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h
Sala 2
ABSOLUTE BEGINNEES
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23 h

Império
— T. 555134
SARILHO NO FAR-WEST
(n. acons. a men. 13 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162
Sala 1
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(m. 18 anos)
14.00, 16.15, 18.45 e 21.30 h
Sala 2
LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.45 h

Londres
LOUCA POR SI, PROFESSOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743
OS DEZ MANDAMENTOS
(m. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

Nimas
— T. 574362
O ROMANCE DE MARTHY
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283
O GUERREIRO SAGRADO
(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olímpia
T. 325309
LOUCURAS SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico
(int. men. 18 anos)

Pathe
— 821933
RAMBO II — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
14.00, 21.30 e 24.00 h

Politeama
T. 326305
PROFISSÃO MULHER
(m. 18 anos)
14.15, 16.30. 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378
Sala 1
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A MULHER EM CHAMAS
(maiores 16 anos)
23.30 h
Sala 2
A CASA ENCANTADA
(n. acons. a m. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NOIVOS SANGRENTOS
(m. 16 anos)
23.30 h
Sala 3
NOVA IORQUE FORA DE HORAS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.45, 19.00 e 21.30 h
OS TRÊS DIAS DE CONDOR
(m. 16 anos)
23.30 h
Sala 4
DELITO DE AMOR
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
POR FAVOR NÃO MEXAM NAS VELHINHAS
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192
GELADO DE LIMÃO V
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560
TERROR NA AUTO-ESTRADA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144
Sala 1
007 - AGENTE IRRESISTÍVEL
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h
Sala 2
ÁFRICA MINHA
(maiores 12 anos)
14.15, 17.30 e 21.00 h
Sala 3
A GAROTA DO VESTIDO COR-DE-ROSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte
— T. 730715
ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210
GENTE GIRA N.º 2
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573
ACADEMIA DE POLÍCIA III — DE VOLTA AOS TREINOS
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595
REVOLUÇÃO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666
BREAKDANCE – RITMO NA RUA
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon
T. 368480
SANGUE POR SANGUE
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151
EXIBIÇÃO PERMANENTE DE FILMES (INDIANOS)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro Lido — «Gelado de Limão V», às 15.30 h (maiores 16 anos)

AMADORA — Cinestúdio – «Plenty — Uma História de Mulher», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Remo — Desarmado e Perigoso», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Babilónia, «Heróis e Amantes», às 14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h (m. 12 anos)

Estúdio Dois Eme — «Cães de guerra», às 15.30 e 21.30 h (maiores 18 anos)

Linha de Cascais

Casino Estoril — «Viver e Morrer em Los Angeles», às 17.00 e 21.15 (m. 16 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «Viver e Morrer em Los Angeles», às 15.30 e 21.30, (maiores 16 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «África Minha», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «A Flauta Mágica», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (n. acons. m. 13 anos)

CASCAIS – Miramar/Sala 1 — «Louca por si Professor», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Música no Coração», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

CARCAVELOS – Atlântida Cine — «África Minha», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Oxford — «Academia de POlícia III», às 15.15, 18.15 e 21.15 h (maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Incrível — «Cinco Dias num Verão», às 15.30 21.30 h (n/acons. m. 13 anos)

ALMADA — Academia — «O Sol da Meia Noite», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio Almada — «Era uma vez na América», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano – Sala 1 – «Rocky IV», às 15.45 e 21.30 h (maiores de 12 anos).

Sala 2 – «Os Gloriosos Malucos da Academia do Volante», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

MOSCAVIDE — Stop — «Os Salteadores da Selva Perdida», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

BARREIRO – Cinestúdio Barreirense – «Juventude inquieta» às 15.00 e 21.15 h (m. 16 anos)

LINDA-A-VELHA – Cinetropical — «Rocky IV», às 16.00 e 21.30 h (n. acons. m. 12 anos)

ODIVELAS – Cineodivel — «Jovens Guerrilheiros», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Cineoceano – «A Última Reportagem», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALCÂNTARA: Probidade, R. Alcântara, 15-A-B (T. 638589); **AREEIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa**, R. Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **CHILE - ARCO DO CEGO: São Jorge**, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **ESTRELA: Aurélio Rego**, C. da Estrela., 139 (T. 661758); **GRAÇA: Almeida Dias**, L. da Graça, 38-39 (T. 862909); **LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda**, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **OLIVAIS VELHO: Olivais**, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); **PALHAVÃ: Curie**, Av. Madame Curie, 15-A (T. 723220); **RESTELO: Restelo**, R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C (T. 610741); **SÃO JOSÉ - TIVOLI: Fernandes**, R. de São José, 187 (T. 326476); **BRANDOA - AMADORA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 9811203); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 992453); **PONTINHA: Cruz Correia**, E. de Santo Elói, 41-A.

REFORÇO — ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235--235-A (T. 888277); **ALVALADE: Alvalade**, Av. da Igreja, 18-A (T. 89270); **AMOREIRAS - ESTAÇÃO DA CARRIS: Ivone**, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); **ANJOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José**, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); **BAIRRO ALTO: Veritas**, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); **XABREGAS: Conceição, 30 (T. 181270); BENFICA - CHARQUINHO: Macedo**, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 713697); **CHELAS - JUNTO À AVENIDA DR. AUGUSTO DE CASTRO - CARRIS: Sacramento**, R. Actriz Plamira Bastos, lote 42 (T. 850904); **ESTRELA - POSSIDÓNIO DA SILVA: Tagus**, R. Possidónio da Silva, 162-A (T. 669485); **SALDANHA: Cruz Nunes**, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 521845); **SANTA APOLÓNIA - CAMINHOS-DE-FERRO: Pereira, Sucursal**, R. do Paraíso, 98, Santa Clara, Hospital da Marinha (T. 863224); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Central1, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; COVA DA PIEDADE: Rainha Santa, R. Sociedade Fua Piedense, 50 (T. 2294182). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Nova**, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 134 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO: J. Consolado**, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António de Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Teixeira**, B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul (T. 2243143). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029). Até ás 19 horas; **ALHOS VEDROS: Gusmão**, R. Cândidos dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Gameiro**, L. António dos Santos Jorge, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (t. 22216). Permanente; **Saião**, Av. da Portela, 55 (T. 22707). Permanente; **Fuzeta**. Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Branco, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até ás 22 horas; **CARCAVELOS: Central**, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho (T. 2472948). Permanente; **MURTAL: Primavera**, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Ostende**, R. de Espinho, 1 (T. 260391). Até às 22 horas; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: São Jorge, R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (T. 4938703). Permanente; **Romeiro**, Urbanização Casal de São Brás, lote 116 (T. 4949050). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Até às 22 horas; **QUELUZ: Serra & Pinto**, v. D. António C. Sá, 50-GE (T. 4377619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Batalha**, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**, C. da Rinchoa, 2 (T. 9260404). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518).

DL TEATROS

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.15; sábado e domingo, ás 16.00

Só até ao dia 10 de Agosto

«**CALAMITY JANE**«, uma mulher de armas ou o monólogo da vaqueira. Dramaturgia e encenação de Hélder Costa. Interpretado por Maria do Céu Guerra.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De terça a sábado, às 21.30: domingos às 17.00

«**TOURO**«, de Abel Neves. Encenação de João Mota. Intérpretes: Anbtónio Melo, Alfredo Brissos, Amélia Videira, Carmen Marques e Carlos Paulo.

Teatro Ibérico

R. Xabregas, 54 — Tel. 382531

De 3.ª a sáb. às 21.30 — Dom. às 17.00

«**AVAREZA, LUXÚRIA E MORTE NA ARENA IBÉRICA**», de Ramon del Valle Inclán. Encenação de Blanco Gil. Interpretado por Lia Gama, Argentina Rocha, entre outros.

Casa dos Tabuenses

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B, 2.º — Tel. 60 18 66

Domingos, às 16.30

«**A RUA DOS FANTASMAS**«, de Javier Villafañe. Pelo Grupo Maizum.

Centro de Arte Moderna

R. Nicolau Bettencourt — Tel. 73 08 83

Dia 9 às 21.30; dia 10, às 15.00; de terça a 6.ª, às 18.30

«**O INDESEJADO**«, de Jorge de Sena. Encenação de Orlando Neves. Cenários e figurinos de Nuno Carinhas.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«**O CORONEL EM DOIS ACTOS**». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, Antônio Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingos, às 16.00

«**ISTO É MARIA VITÓRIA**«, de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha e Mário Zambujal. Encenação de Ivone Silva. Intérpretes: Eugénio Salvador, Ivone Silva, Carlos Cunha, Marina Mota, entre outros.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e às 22.45; domingo, às 16.00

«**LISBOA TEJO E TUDO**«, de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Oliveira. Intérpretes: Carlos Miguel, Margarida Carpinteiro, Natalina José, Henrique Viana, Helena Isabel e Alexandra Solnado.

Teatro do Século

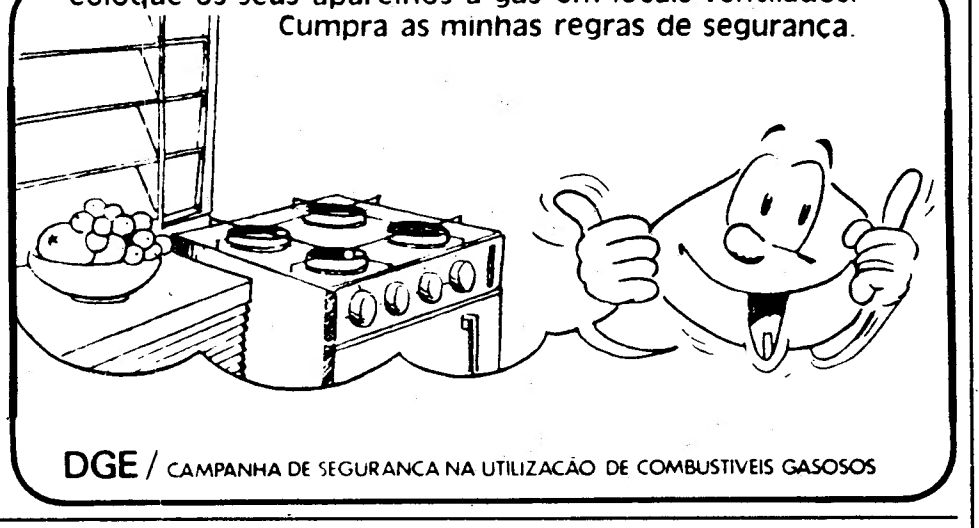
R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quarta a sábado, às 21.45; domingos, às 18.30

«**OS NEGROS**«, de Jean Genet. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Cucha Carvalheiro, José Nogueira Ramos, Lucinda Loureiro, Miguel Guilherme, etc.

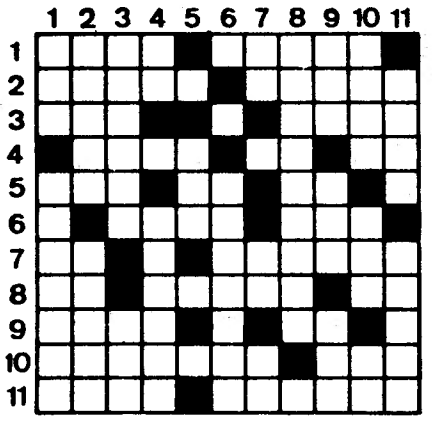
De quinta a sábado, ás 18.30; domingos, ás 21.45

«VIAGEM PARA A FELICIDADE«, de F. X. Kroetz. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Lucinda Loureiro.



PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 16 798



HORIZONTAIS:

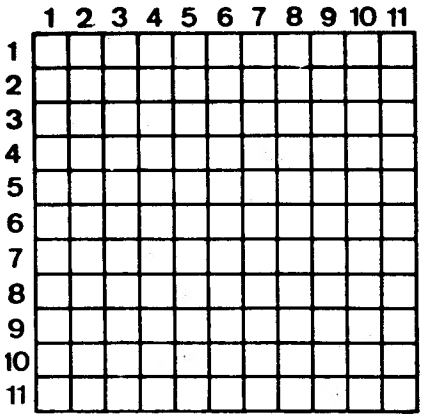
1 Aquele que. Ciladas.
2 Ácido orgânico azotado, do grupo das purinas, que figura na urina em pequenas quantidades. Introduziu.
3 Acrescentando uma vogal é palmeira da Amazónia. Primeiro rei dos hebreus.
4 Embarcações grandes. Antes de Cristo. Solitário.
5 Código. Era cristã. Sufixo que designa estado.
6 Trato por tu. General de Napoleão.
7 Em a. Recalcitro.
8 Mercúrio (s.q). Variedade de dromedário africano adestrado para jornadas rápidas. Vi (inv).
9 Vagueia. Preposição latina que designa movimento.
10 Tombarias. Espádua.
11 Nome de mulher. Pançudos.

VERTICAIS:

1 Letra grega. Distingue.
2 Nome de planeta. Variedade de maçã do Minho.
3 Recinto fechado junto aos currais para recreio de gado. Zombas.
4 Mil e cem em romano. Nome de fruto.
5 Artigo definido. Pronome possessivo.
6 Consciência.
7 Preposição. Érbio (s.q). Antimónio (s.q).
8 Duvida.
9 Letra grega. Monarca. Contracção da preposição de com artigo (pl).
10 Pronome possessivo (pl). Rio da Ásia Central, tributário do lago Balcache. Moderato.
11 Gritos. Nascentes de água.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 634



HORIZONTAIS:

1 Apre! Queridas.
2 Nação. Fosso.
3 O mesmo que timão. Um dos passos de capoeira (pop).
4 Batráquio. Demoraram.
5 Transferira para outro dia. Lã cardada.
6 Faixas. Estimas.
7 Seguiam. Pegas.
8 Seara. Ninho.
9 Bêbado (gir. Bras). Da Galiza.
10 Califórnio (s.q). Fúria.
11 Ilha do Pequeno Belt. Enseadas.

VERTICAIS:

1 Maravalha. Coxa.
2 Cortado rente. Rei de Mércia, de 757 a 796.
3 Curso de água natural e abundante. Inflamação da íris.
4 Pertences. Calcanhar. Cobalto (s.q).
5 Gracioso de comédias.
6 Arremessas. Consome (fig).
7 Radiano (unidade de ângulo). Cidade da Alemanha.
8 Despachavas. Unidade de trabalho.
9 Concede. O mesmo que arremangar.
10 Alumínio (s.q). Árvore de Moçambique.
11 Cada um dos cânticos da Bíblia. Sufixo que designa abundância..

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 797

HORIZONTAIS:

- 1 PREGAR. NO.
2 Sorrias. Apa.
3 Iara. EE. Ué.
4 Samarra. Rs.
5 Taram. Ada.
6 Eca. Ardil.
7 Santo. Ida.
8 Em. Não. Or.
9 Refogaram.
10 Ta. Siret. go.
11 Oro. Oásicos.

VERTICAIS:

1 Psi. DESERTO.
2 Roas. Mear.
3 Erratas.
4 Grama. Anos.
5 Aí. Apanágio.
6 Raera. Toara.
7 SERMÃO. Res.
8 Bati.
9 Oaú. Adi.
10 PERDIDO. Go.
11 Ga. Salários.

PROVÉRBIO: Pregar no deserto, sermão perdido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 633

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Arredaram.	1 Aquiles. Man.
2 Quem. Dórico.	2 Runa. Monada.
3 Unia. El. Ras.	3 Rei. Aal. Lis.
4 Ia. Br. Gaia.	4 Ema. Ilha.
5 Arrifar.	5 Br. Dio.
6 Ena. Rer. Cl.	6 Aderiras. Au.
7 Sólida. Covo.	7 Rol. Fé. Tom.
8 Listas.	8 Ar. Garças.
9 Malho. Ostra.	9 Mirar. Óstia.
10 Adia. Am. Ios.	10 Cai. Cv. Rod.
11 Nas. Au. Fada.	11 Rosário. Asa.

Radio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Pequeno jornal; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Música portuguesa; **20.15**: No estúdio e no estádio; 220.30: Música portuguesa; **21.00**: Movimento; **21.30**: Imaginário; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.28**: Trechos da ópera «Beatriz e Benedito», de Berlioz; **17.00**: Integrais; **17.24**: Aberturas; **18.00**: Concerto, em sol menor, de Poulenc; **18.40**: Sinfonia, n.º 9, em dó maior, «A Grande», de Schubert; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.00**: «Estudos Sinfónicos», op. 13, de Schumann; **20.40**: Música orquestral; **21.00**: Música portuguesa; **21.30**: Os anos 80; **22.30**: O canto e os seus intérpretes; **23.30**: Sonata, em lá maior, de César Frank; **00.00**: Música, de Leos Janacek; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; **17.00**: A feira mágica; **19.00**: Cabo da Boa-Esperança; **20.00**: Conta-corrente; **21.00**: Discos pedidos; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: Vigésima quarta hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,43 MHz)

15.00A casa da música; **16.00**: O som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **22.00**: As mil e uma noites. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Ré maior; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Conversa de amigos; **21.00**: Encontro; **22.00**: Diário do desporto; **22.30**: Clube dos coleccionadores; **23.30**: A vez e a voz; **23.55**: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho e Voz do Porto

15.00: As boas tardes da Renascença; **19.00**: Jornal das regiões; **19.30**: Ligação à rede nacioanal.

Voz do Alentejo

14.00 Sopa dourada; **15.00**: As boas tardes da Renascença; **19.00**: Alentejo em notícia; **19.30**: Diversos; **20.00**: Ligação à rede nacional.

TELEVISÃO

RTP/1

15.00 — Desenhos Animados
«As Misteriosas Cidades de Ouro»·

15.45 — O Homem é um Mundo
(6.º episódio): Poucos portugueses falaram tanto dos seus mundos interiores como Fernando Pessoa que, para o fazer, se desdobrou em vários poetas. Como era ele como «pessoa» com «p» pequeno, como simples particular? Que sabiam, e pensavam dele, as pessoas com quem ele lidava de perto? Como era o Pessoa, como «pessoa»? A estas perguntas tentam responder, no tempo de que dispõe, o programa «O HOMEM É UM MUNDO» de 11/08/86 entrevistando pessoas que lidaram de perto com este poeta e que o conheceram no seu «dia-a-dia». Neste filme participaram o barbeiro e o homem da leitaria que Fernando Pessoa frequentava, o seu editor e o Snr. Cutileiro.

16.10 — As Aventuras de Zé Gato
(6.º episódio): «A Vermelhinha»

17.00 — Caldo de Pedra
(6.º programa)

17.25 — Ontem Viu?
«Falando de Mozart»

18.00 — Sumário

18.05 — Tempo dos Mais Novos
«A Lenda dos Três Reinos» e «Era Uma Vez — Vida de Vassoura».

18.45 — País, País

19.20 — Ferro Forjado na Arquitectura Portuguesa
(8.º e último programa): de matéria pobre, morta, inerte, passou pelo fogo e tornou-se artefacto. Pelo uso da inteligência, assim se moldou tantas e, tantas peças impossíveis de descrever.

19.50 — O Livro Grande de Petete
«A Água e a Vida»

20.00 — Telejornal

20.30 — Boletim Meteorológico

20.40 — Corpo a Corpo
(110.º episódio): Lúcia fica muito abalada com o pedido de casamento de Alfredo, mas após longa reflexão decide aceitá-lo, deixando Amauri arrasado.

Eloá conhece um homem que a deixa muito impressionada. Alfredo e Lúcia casam e partem em lua-de-mel. No regresso Lúcia faz entender a todos que ela é a nova dona de casa e que vai ser muito severa com os empregados.

Rafael e Ângela aproximam-se do dia do casamento. Osmar é informado da chegada de Heloísa, regressada dos Estados Unidos, e da saída de Teresa da penitenciária. Osmar decide ir esperá-la à prisão.

21.20 — Fronteira entre dois mundos
(5.º programa): «A Foz» — quando o rio chega ao mar, e a água doce se encontra com a água salgada, formam um ambiente muito especial.

21.55 — Esta Noite...
... «Com Maria da Fé»:
«Até que a Voz me Doa»

Maria da Fé neste programa apresentará como seus convidados: Fernando Machado Soares, Ada de Castro e Carlos Macedo.

Guitarristas: Fontes Rocha, Carlos Macedo, Francisco Peres, Manuel Martins. Realização: Rui Ferrão.

23.05 — Últimas Notícias

O programa «Falando de Mozart» repete esta tarde, na RTP-1

RTP 2

16.30 — Indicativo do «Europa TV»
O Tempo

16.35 — Tempo dos Mais Pequeninos
«Tic-Tac» e «Willy Fog»

17.05 — Count Down

17.45 — O Tempo

17.50 — Agenda
Semanário informativo

18.20 — O Tempo
«O Mundo Amanhã»

18.30 — Música
«O Rock Britânico» (2.ª parte): Uma perspectiva do «rock» das ilhas britânicas no início desta década. Com os êxitos da New Wave e Grã-Bretanha voltava a ser, no início dos anos 80 a pátria do «rock'n'roll». O programa de hoje inclui entrevistas, directos e vivos com os Madness, Ian Dury, os Pretenders, os Specials e os Kinks.

19.10 — Documentário
«Tintoretto e a sua obra»: A obra deste excepcional pintor do sécu. XVI vista a partir duma análise crítica de Jean-Paul Sartre incluída em «O Sequestro de Veneza». Sartre fascinou-se pela revolta de Tintoretto contra todas as convenções.

Com este documentário ouviremos falar de Sartre, de Tintoretto e de Veneza, a cidade inspiradora do pintor.

20.05 — Notícias

20.10 — Desenhos Animados
«Corridas Loucas»

20.35 — Nunca é Tarde
(1.º programa)

Mary a mais antiga locutora de Portugal faz a sua estreia na TV. Com evidente capacidade de comunicação, nos seus 75 anos, a simpática voz da rádio fala-nos da velhice em termos agradáveis e confiantes. Saúde, ginástica, moda, psicologia, canções de outros tempos, são alguns dos temas vários, que especialistas abordam num programa semanal que se propõe lembrar a todos e especialmente aos mais idosos que de facto... «NUNCA É TARDE».

21.05 — Zoom
«Tailândia»

21.40 — Notícias

21.45 — Espaço Jazz
«Jazz em Agosto de 85» (2.º programa)

22.40 — Últimas Notícias

22.45 — Vereda Tropical
(94.º e 95.º episódios):

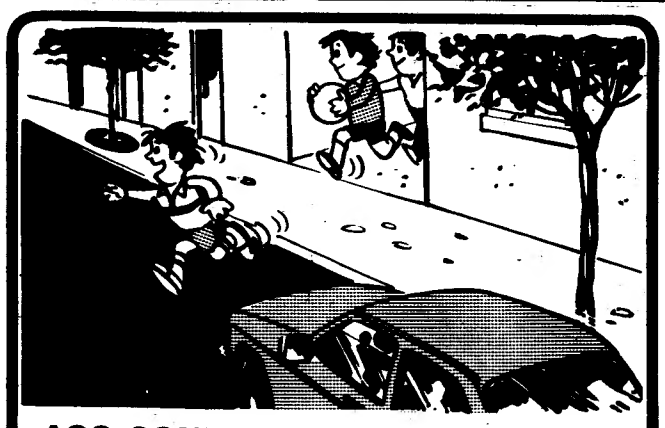
Amanhã

RTP/1

11.00 — Sumário
11.07 — Conheça Melhor
11.30 — Espaço 11/13
12.30 — Vereda Tropical
13.15 — Jornal da Tarde
15.00 — Desenhos Animados
15.30 — O Povo e a Música
15.55 — Risco Inadiável
16.20 — A Tragédia da Rua das Flores
17.15 — Histórias com Pés e Cabeça
17.35 — Ontem Viu?
18.00 — Sumário
18.10 — Tempo dos Mais Novos
18.45 — País, País
19.20 — Trânsito
19.45 — Boletim Meteorológico
19.50 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.30 — Boletim Meteorológico
20.35 — Corpo a Corpo
21.20 — Panorama
22.20 — Um César Americano
22.45 — Últimas Notícias

RTP 2

16.30 — Europa TV
20.00 — Notícias
20.05 — Videopolis
20.40 — Falar de Macau
21.00 — Cinema Italiano — «O Brigão»
23.30 — Últimas Notícias
23.40 — Vereda Tropical


AOS CONDUTORES
"Ao ver uma criança a correr, para o meio da rua, trave, porque geralmente atrás dela, vêm sempre outras."
PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP/1
Esta Noite
com Maria da Fé

RTP 2
Zoom

«Corpo a Corpo»

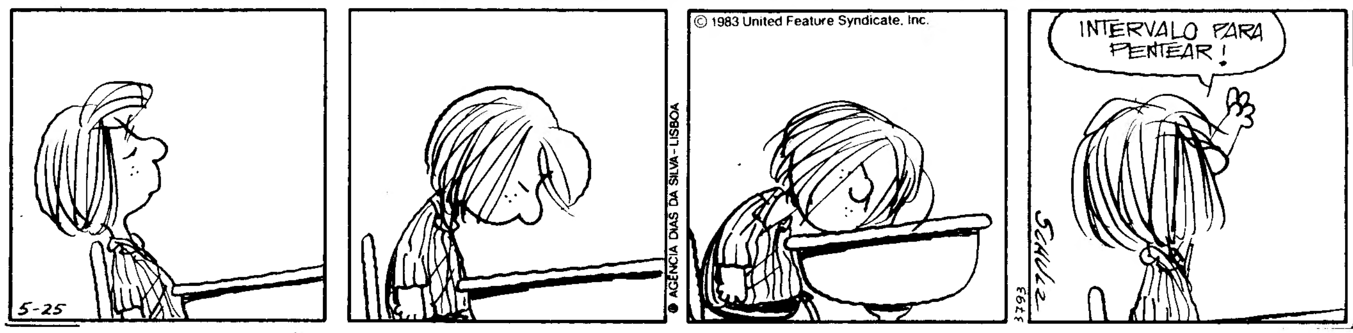
GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.
Rua Bento Jesus Caraça, 17
Cruz Quebrada-1495 LISBOA
Telef.: 4197570

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 / 2 / 3 Publicidade: 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro: 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 383 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte, 115-1.º — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
06.28 **3,70 m**	
18.44 **3,70 m**	12.10 **1,20 m**
Dia 12	
07.13 **3,60 m**	00.41 **1,20 m**
19.34 **3,60 m**	13.05 **1,40 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	12º
VIANA DO CASTELO	11º
VILA REAL	10º
PORTO	14º
COIMBRA	15º
CABO CARVOEIRO	18º
CASTELO BRANCO	13º
PORTALEGRE	12º
LISBOA	16º
ÉVORA	14º
BEJA	13º
FARO	17º
SAGRES	17º
PONTA DELGADA	15º
FUNCHAL	19º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste no litoral oeste durante a tarde. Subida de temperatura.

Numa zona já designada por "cemitério de portugueses"

Acidente vitimou em Espanha duas famílias de emigrantes

Duas famílias de emigrantes portugueses em França (num total de seis pessoas) foram vitimadas, cerca das 20 horas de ontem, em Espanha, quando os automóveis em que seguiam chocaram frontalmente na estrada que liga Burgos a Salamanca, num itinerário que, devido à alta taxa de mortalidade dos nossos compatriotas ali registada, já é designada por «cemitério dos portugueses».

Os mortos são António da Silva Martins, de 33 anos, natural de Fátima, a sua mulher Maria dos Anjos Martins, natural de Leiria, e o filho do casal, Marcelinio Martins, de 11 anos. Seguiam de Leiria para a cidade francesa de Daniy, onde residiam. No outro carro, foram mortalmente vitimados Angela Silva, de 27 anos, nascida em Ponte de Sor, e os seus dois filhos, Filipe, de cinco anos, e Brigitte, de seis. Vinham de Saint Maur para Portalegre.

O único sobrevivente do brutal acidente foi o condutor do segundo veículo, Manel Pires de Carvalho, de 33 anos, natural de Oliveira do Bairro, que sofreu traumatismo toráxico e fracturas múltiplas na perna direita (perónco, tíbia e fémur).

Entretanto, três outros emigrantes de férias em Portugal morreram e dois outros ficaram feridos, quando o automóvel em que se deslocavam sofreu um despiste em Alberges, próximo de Alcácer.

Oa mortos foram Manuel Rodrigues, de 33 anos, e os seus dois filhos, Isabel Maria Rodrigues, de 15 anos, e Marco Paulo, de oito, tendo ainda ficado feridas a mulher do condutor e mãe das crianças, Benigna Rodrigues, de 31 anos, e Maria Bernardete Chastre, da mesma idade, uma francesa amiga da família sinistrada.

Por suspeita de adultério

Estudante matou contínuo da Faculdade de Coimbra

Um caso de adultério parece ter estado na origem do assassínio de um contínuo da Faculdade de psicologia de Coimbra, na noite da passada sexta-feira por um estudante da mesma Faculdade. Paulo Manuel Filipe Casimiro, de 26 anos, foi morto com vinte e cinco facadas, desferidas por Carlos Miguel Gomes Pinho Correia, de 29 anos, casado.

O crime ocorreu na residência do estudante, na zona de Pedrulha (Rua 1.º de Maio) naquela cidade. Carlos Miguel Gomes Pinho Correia, cuja prisão na Penitenciária de Coimbra foi confirmada judicialmente , terá convidado Paulo Manuel Filipe Casimiro de quem era amigo, para se deslocar à sua casa onde consumou o homicídio, por suspeitas de que a sua mulher teria relações íntimas com a vítima.

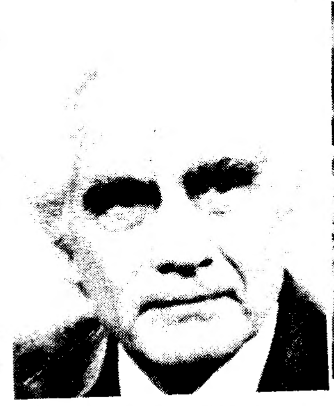
Nove totalistas no Totoloto

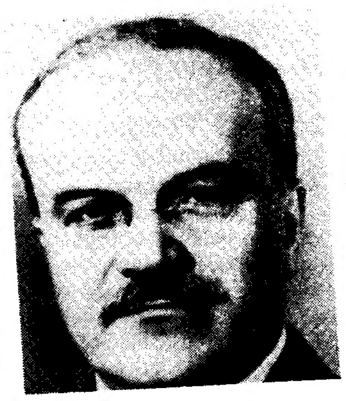
Nove apostadores do Totoloto receberão 5932 contos cada um por terem acertado na «chave» do concurso de sábado e que foi a seguinte: 6,13, 18, 24, 34, 38 + 11. Os totalistas são dois anónimos de Lisboa, dois anónimos do Porto, um anónimo de Almada, um anónimo de Ansião e José Rebelo, de Lisboa, José Amiguinho Alonso, do Cacém, e Olga Naria Faustino, de Quarteira.

As previsões dos escrutinadores da Santa Casa da Misericórdia apontam, entretanto, para 25 a 26 concorrentes com o 2º prémio (396 contos), 1499 a 1590 com o 3º (20 contos), e 58397 a 62 mil com o 4º (750 escudos). O 5º prémio não será atribuido nos termos do regulamento do concurso, por se situar abaixo dos 75 escudos, revertendo o seu valor para a próxima edição.

Quanto ao Totobola, registaram-se 14 apostadores com 13 resultados certos (prémio de 267160 escudos), 543 com 12 (6888 escudos), 6348 com 11 (589 escudos).

D/E/C/A/R/A/S/





ALVARO CUNHAL, está desde sábado em Cuba, onde se deslocou a convite do PC daquele país - informou a agência noticiosa AIN. O secretário geral do Partido Comunista Português era aguardado no aeroporto de Havana por membros do Politburo do Partido Comunista cubano. Cuba mantem entre 25 a 30 mil soldados estacionados em Angola, antiga colónia portuguesa da África Ocidental, em apoio do governo de Luanda.

NEY MATOGROSSO tem novo álbum no mercado: intitula-se «Bugre» e foi produzido por Mazola. Dez temas compõem o disco, entre os quais «História do Brasil», de Jorge Aragão e Nilton Barros, «Pró John», de Fábio Agra e António Ventura, e «Las Muchachas de Copacabana», de Chico Buarque. Ney Matogrosso começou a sua carreira no grupo «Seco e Molhados», onde avultava o português João Ricardo.

TINA TURNER: as estações de rádio portuguesas estreiam hoje em simultâneo com as suas congéneres no mundo o último disco da cantora que tem por título «Typical Male». Trata-se de um lançamento mundial em simultâneo em que Portugal também foi incluído. «Typical Male» antecede o novo álbum de Tina Turner (com 48 anos incompletos), cujo título é «Break Every Rule».

VIATCHESLAV S. MOLOTOV, dirigente ao mais alto nível do P.C.U.S. e do Governo da U.R. S.S., no período de Staline, com Kroutchev perdeu as suas posições no partido e no Estado. Foi excluído do Partido Comunista da União Soviética (P.C.U.S.) em 1957, juntamente com Malenkov, Kaganovitch e Saburov, e só há dois anos o reabilitaram e readmitiram no partido. Vive em Jukovska, nos arredores de Moscovo, levanta-se às 6.30 da manhã, faz ginástica, passeia, lê seis horas diárias. Tem 96 anos. E declara: «As mudanças que se produzem actualmente na nossa vida entusiasmam-me. É pena que a minha idade e a minha saúde me impeçam de nelas ter parte activa». É um apoiante das reformas de Gorbachev.

JOAO BOTELHO: o seu filme «Um Adeus Português» representará Portugal no Terceiro Festival Europacinema, que este ano se realiza em Rimini (Itália), de 19 a 27 de Setembro. O filme será exibido nas segunda e terceira sessões do Festival, respectivamente, «Os Melhores Filmes Europeus», segundo a crítica, e «Filmes Europeus - Box Office». Para a designação dos filmes de 13 países europeus incluídos na segunda sessão do Eurocinema foi pedida a colaboração de júris nacionais constituídos por cinco críticos de cinema, a quem coube escolher o melhor filme de produção nacional exibido nas salas dos países de origem na última temporada cinematográfica.

JÚLIO DANTAS, como o DL informou na nossa edição de sábado, vai ser homenageado na cidade de Lagos, sua terra natal. A homenagem é promovida pelo Clube Rotário de Lagos, mas, o motivo não poderá ser, como por erro que não foi nosso escrevemos, as comemorações do centenário do seu nascimento. Júlio Dantas nasceu a 19 de Maio de 1876. Esta rectificação - esclarece-se - não é feita a pedido de qualquer dos Cardeais da famosa «ceia», nem por influência da saudosa Severa. Anote-se que o erro informativo também não mereceu qualquer referência à Academia das Ciências.

Constâncio critica Governo de Cavaco

O secretário-geral do PS, Vítor Constâncio, disse ontem em Caminha que o «Governo não tem correspondido aos anseios e aspirações para que foi eleito». O mesmo dirigente acusou ainda o Executivo de falhar «na resolução dos problemas essenciais que afligem as populações».

Vítor Constâncio falava a várias centenas de pessoas, durante um convívio no Camarido, Caminha, após a realização da primeira corrida internacional socialista, em que participaram 65 atletas de várias regiões do País e de Espanha. Em breve alocução, o líder do PS disse que «apesar da favorável situação socioeconómica, o Governo de Cavaco Silva não tem tido uma política de defesa dos interesses das regiões do País».

O secretário-geral do PS afirmou que o convívio serviu para auscultar os problemas que preocupam as gentes do Alto Minho, para num futuro próximo o PS estar preparado a resolvê-los e se afirmar como «alternativa credível ao actual governo do PSD».

O líder socialista reuniu-se depois em Caminha, com autarcas e deputados socialistas do distrito de Viana do Castelo, tendo-lhe sido entregues vários dossiers.

VISITE A URSS EM 1986

Com a colaboração de
АЭРОФЛОТ
Soviet airlines

PARTIDAS DE SETEMBRO

"CIDADES HERÓICAS"
De 5 a 18, visitando:
MOSCOVO-LENINEGRADO-MINSK-KIEV

"AS CAPITAIS"
De 12 a 18, visitando:
MOSCOVO-LENINEGRADO

Descontos para mini-grupos

Informações e Inscrições no Departamento de Turismo da
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS
Rua de S Caetano N 30 1200 Lisboa
Tels 601199 - 601099

MUNDIRAMA
MUNDIRAMA VIAGENS E TURISMO LDA
Operador Turist alv n 12
R Crucifixo 33 1100 Lisboa
Estab 1948 Telefs 360302-328856